



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**



**A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO EM CHARGES POLÍTICAS: A
(CO)OCORRÊNCIA DA POLIFONIA E DA MODALIZAÇÃO DISCURSIVA**

HUGO FERNANDO DA SILVA NASCIMENTO

**JOÃO PESSOA – PB
2021**

HUGO FERNANDO DA SILVA NASCIMENTO

A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO EM CHARGES POLÍTICAS: A
(CO)OCORRÊNCIA DA POLIFONIA E DA MODALIZAÇÃO DISCURSIVA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em
Linguística – PROLING - da Universidade Federal da
Paraíba *Campus I*, em cumprimento às exigências para a
obtenção do grau de Mestre em Linguística

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística

Linha de Pesquisa: Linguagem, Sentido e Cognição

Orientador: Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento

JOÃO PESSOA - PB

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N244c Nascimento, Hugo Fernando da Silva.

A construção da argumentação em charges políticas : a (co)ocorrência da polifonia e da modalização discursiva / Hugo Fernando da Silva Nascimento. - João Pessoa, 2021.

216 f. : il.

Orientação: Erivaldo Pereira do Nascimento.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Gênero charge. 2. Argumentação. 3. Polifonia. 4. Modalização. I. Nascimento, Erivaldo Pereira do. II. Título.

UFPB/BC

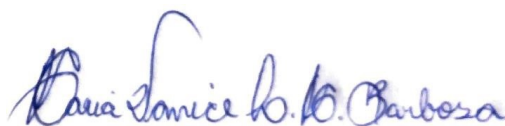
CDU 741.5:32(043)

**A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO EM CHARGES POLÍTICAS: A
(CO)OCORRÊNCIA DA POLIFONIA E DA MODALIZAÇÃO DISCURSIVA**

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento
(Orientador – Presidente – UFPB/PROLING)



Profª. Dr. Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa
(Examinadora – UFERSA/ UFCG/PROFLETRAS)



Profª. Dr. Mônica Mano Trindade Ferraz
(Examinadora – UFPB/PROLING)

Dissertação aprovada em 26 de fevereiro de 2021
João Pessoa - PB

Às pessoas que tornam minha vida especial.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é o segredo de uma vida mais feliz e gratificante. De fato, temos muito a agradecer a todas as pessoas que se mantiveram ao nosso lado, ao longo da caminhada. Hoje a palavra que resta a mim é gratidão.

Agradeço, primeiramente, a Deus pela sabedoria e entendimento ao longo da minha jornada de estudo e jornada da vida.

Também gostaria de agradecer a meu orientador Erivaldo, por estar comigo, orientando-me desde a graduação, e ter me adotado como seu filho acadêmico.

Agradeço aos professores do PROLING que conheci durante o mestrado, por terem me passado de seu saber. Agradeço aos colegas de classe que conheci presencialmente nas salas de aula. Agradeço à coordenação e equipe administrativa do programa por ter sempre respondido às minhas solicitações de modo cordial e atencioso.

Agradeço à professora Mônica Ferraz e à professora Vanice Lacerda, membros da banca de qualificação e de defesa, pelas contribuições de valor inestimável prestadas pelas duas e pelas apreciações teóricas acerca desta dissertação.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de pesquisa, a qual possibilitou a realização de minhas investigações de mestrado.

Por fim, agradeço aos meus familiares e amigos. Muito obrigado pelo apoio e ajuda prestada por todos vocês.

“Humor não é um estado de espírito, mas uma visão de mundo.”

Ludwig Wittgenstein

RESUMO

Este trabalho disserta a respeito da (co)ocorrência de dois fenômenos semântico-argumentativos, a polifonia enunciativa e a modalização discursiva, em textos chárgicos políticos. Observa-se que coocorrência de fenômenos argumentativos – especialmente no gênero charge – é um fator pouco explorado até então em trabalhos da área da Argumentação. Desse modo, faz-se relevante a produção de um estudo que esclareça como múltiplos fenômenos argumentativos ou polifônicos podem trabalhar em conjunto para construir a argumentação dentro do referido gênero. Assumindo essa ideia, estabelecemos como propósito central desta pesquisa analisar de que modo o fenômeno da polifonia atua em conjunto com o fenômeno da modalização discursiva, em ordem a construir a argumentação no gênero charge. Os principais pressupostos teóricos que utilizamos foram os estudos sobre os Gêneros Discursivos, de Bakhtin (2003), a Teoria da Argumentação na Língua, de Ducrot (1988) e os estudos sobre Modalização, de Nascimento e Silva (2012). A presente investigação é de natureza descritiva, quanti-qualitativa e interpretativista e, está vinculada à área linguística da Semântica Argumentativa. Para compor nosso *corpus*, coletamos e catalogamos um total de 118 charges, das quais trazemos a análise descritivo-interpretativista de vinte (20) delas. As charges coletadas observam como critério delimitador a temática política das eleições de 2018 e seus desdobramentos posteriores. Por fim, constatamos, em nossas análises, que o uso da Polifonia, em suas múltiplas facetas, associada à modalização discursiva funciona enquanto uma ferramenta semântica que permite ao locutor-chargista construir argumentativamente o sentido do texto chárgico, de modo a orientar o leitor (interlocutor) a determinadas conclusões, favoráveis ou não a determinada situação social, figura política ou a uma declaração polêmica introduzida na charge.

Palavras-chave: Gênero charge; Argumentação; Polifonia; Modalização.

ABSTRACT

This study discourse about the (co)occurrence of two semantic-argumentative phenomena, the enunciative polyphony and the discursive modalization, on political cartoon texts. There was observed that the argumentative phenomena co-occurrence – especially in the cartoon genre – is yet a not well explored subject in studies on the area of Argumentation. Thus it is relevant the execution of an investigation that clarify the way multiple polyphonic or argumentative phenomena can work together to construct the argumentation in the cartoon genre. Assuming this idea, we have established as the central purpose of this study analyze how the phenomenon of polyphony works together with the phenomenon of discursive modalization in order to construct the argumentation in the cartoon genre. The basic theoretical fundamentals that guide this investigation were the studies of Discursive Genres, by Bakhtin (2003), the Theory of the Argumentation in Language, by Ducrot (1988) and the studies of Discursive Modalization, by Nascimento e Silva (2012). The nature of this investigation is descriptive, quali-quantitative and interpretative and it is associated with the linguistic area of Argumentative Semantics. On account to make our *corpus*, we collected and cataloged an amount of 118 cartoons, of which we analyzed twenty (20). The collected cartoons observed as delimited criterion the 2018 brazilian political elections and their outcomes. Finally, we concluded by means of our analyzes that the usage of the polyphony, in its multiple facets, associated with the discursive modalization function as semantic implement which allows the cartoonist-speaker to construct argumentatively the meaning of the cartoon text, conducting the reader (interlocutor) to specific conclusions sometimes favorable sometimes not to a specific social situation, political figure or a polemic declaration introduced in a cartoon.

Keywords: Cartoon genre; Argumentation; Polyphony; Modalization.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

P. de	Polifonia de
L	Locutor
E	Enunciador
SE	Sujeito empírico
PL	Polifonia de locutores
PE	Polifonia de enunciadores
PE-NP	Polifonia de enunciadores ativada por negação polêmica
PE-OP	Polifonia de enunciadores ativada por operadores argumentativos
PE-P	Polifonia de enunciadores ativada por pressuposição
LP	Locutores-personagem
LED	Locutor externo introduzido em estilo direto
LEI	Locutor externo introduzido em estilo indireto
SE-L	SE-Locutor
INT	Intertextualidade
TAL	Teoria da Argumentação na Língua

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Captação de discurso alheio	45
Figura 02 – subversão de discurso alheio.....	45
Figura 03 – Militares e a educação.....	66
Figura 04 – Os super-heróis do governo:	68
Figura 05 – Funerária	69
Figura 06 – Velhinho no parque	70
Figura 07 – Charge sobre futebol.....	71
Figura 08 – Charge recuperando assunto noticiado por jornal.....	74
Figura 09 – Independência ou morte.....	76
Figura 10 – O “mito” da caverna.....	77
Figura 11 – Bala no trânsito.....	78
Figura 12 – Sem x Cem.....	79
Charge 01	87
Charge 02	90
Charge 03	92
Charge 04	95
Charge 05	96
Charge 06	99
Charge 07	101
Charge 08	103
Charge 09	106
Charge 10	110
Charge 11	114
Charge 12	116
Charge 13	118
Charge 14	121
Charge 15	123
Charge 16	125
Charge 17	127
Charge 18	128
Charge 19	130
Charge 20	132

LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS E DIAGRAMAS

Diagrama 01: Ocorrência dos dois principais fenômenos semântico-argumentativos e suas coocorrências em número de charges do <i>corpus</i>	134
Gráfico 01: Principais fenômenos polifônicos, percentagem do número de charges	134
Gráfico 02: Principais estratégias ativadoras da Polifonia de enunciadores	136
Gráfico 03: Principais fenômenos polifônicos, percentagem do número de charges	136
Gráfico 04: Principais estratégias ativadoras da intertextualidade.....	136
Gráfico 05: Principais estratégias ativadoras do SE-Locutor em percentagem....	136
Gráfico 06: Distribuição de casos do fenômeno da modalização em percentagem	137
Gráfico 07: Principais estratégias ativadoras da modalização avaliativa em percentagem ..	137
Gráfico 08: Distribuição da modalização deôntica em percentagem.	138
Gráfico 09: Principais estratégias ativadoras da modalização deôntica de obrigatoriedade.	138
Gráfico 10: Principais estratégias ativadoras da modalização deôntica volitiva	138
Gráfico 11: Distribuição da modalização epistêmica em percentagem.....	139
Gráfico 12: Estratégias ativadoras da modalização epistêmica asseverativa.....	140
Gráfico 13: estratégias ativadoras da modalização epistêmica quase-asseverativa	140
Quadro 01: Ocorrências individuais de fenômenos semântico-argumentativos no <i>corpus</i> por número de charges e percentagem.....	141
Quadro 02: Coocorrências entre fenômenos semântico-argumentativos do Grupo 01, em número de charges e percentagem.....	142
Quadro 03: Coocorrências entre fenômenos semântico-argumentativos do Grupo 02, em número de charges e percentagem.	142
Quadro 04: Coocorrências entre fenômenos semântico-argumentativos do Grupo 03, em número de charges e percentagem.	143

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 ESTUDOS SOBRE ARGUMENTAÇÃO, POLIFONIA E MODALIZAÇÃO.....	20
2.1 O que é argumentar?.....	20
2.2 Argumentação na Língua.....	23
2.3 O fenômeno da polifonia.....	30
2.4 O fenômeno da Modalização.....	46
3 OS GÊNEROS DISCURSIVOS.....	54
3.1 Os gêneros discursivos conceito e seu uso social	54
3.2 O gênero charge.....	61
3.3 Caracterização dos aspectos composicionais do gênero charge.....	64
4 A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO EM CHARGES POLÍTICAS.....	81
4.1 Procedimentos metodológicos adotados.....	81
4.2 Análise das charges políticas sobre as eleições de 2018 e seus desdobramentos...86	
4.2.1 Polifonia de Locutores.....	87
4.2.2 SE-Locutor.....	103
4.2.3 Intertextualidade.....	113
4.2.4 Polifonia de Enunciadores.....	120
4.3 Discussão dos resultados	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
REFERÊNCIAS.....	159
APÊNDICE	

1 INTRODUÇÃO

Ao empregar a linguagem em nossas interações verbais, fazemos, costumeiramente, uso de algum gênero discursivo para nos comunicar. Bakhtin (2003) já dizia que a comunicação ocorre sempre por meio de algum gênero, e mesmo que os sujeitos usuários da linguagem nem sempre tenham total consciência da existência teórica de alguns desses gêneros, frequentemente os utilizam de maneira adequada, isto é, dentro de um contexto específico e com objetivos comunicativos bem definidos.

Poderíamos dizer, também, que algo similar ocorre com a noção de argumentação discursiva, pois, geralmente, ao produzir enunciados linguísticos, os sujeitos têm objetivos e planos comunicativos bem definidos. Em geral, falamos porque queremos conseguir algo, escrevemos um texto pensado em um tipo ideal de leitor e, ao produzir enunciados, sempre atribuímos a eles alguma finalidade, isto porque não escrevemos textos, quer orais quer escritos, para que eles não nos tenham serventia.

Naturalmente, durante esse processo de produção textual, pensamos e selecionamos quais estratégias linguístico-argumentativas serão especialmente eficazes para introduzir o interlocutor em nosso jogo argumentativo. Fazemos isso por dar-lhe textualmente “dicas” explícitas ou implícitas através de elementos linguísticos que dão direcionamento ao enunciado, isto é, que apontam para determinadas conclusões enunciativas com as quais concordamos, mas não para outras com as quais não nos identificamos.

Desse modo, introduzimos aqui a noção de Argumentação, conceito que remonta à Grécia Antiga, e foi utilizado, desde então, por diversos estudiosos, apesar de nem sempre com o mesmo sentido. Perelman (1999) acreditava que o objetivo principal da argumentação seria a capacidade de persuasão de um determinado auditório por meio de um certo tipo de discurso. Contrapondo-se à perspectiva da Argumentação Clássica, por considerar que a língua desempenha um papel muito reduzido nos estudos da Retórica, Ducrot (1988), como nos diz Nascimento (2005), considera que a argumentação está não nos fatos, mas na própria língua.

De acordo com Ducrot (1988), a língua não é um mecanismo objetivo cuja função principal seria a descrição da realidade. Antes, para ele, a língua corresponderia a um importante recurso argumentativo que permite aos sujeitos discursivos envolver os outros participantes da interlocução verbal em seus jogos comunicativos. Isso ocorre porque frequentemente fazemos uso dos recursos argumentativos disponíveis na língua para dar

direcionamento aos nossos enunciados, quer para defender quer para atacar um ponto de vista com o qual não coadunamos.

Na presente dissertação de mestrado, adotamos como pressupostos teóricos centrais o conceito de gêneros discursivos de Bakhtin (2003) e o conceito de argumentação proposto por Ducrot (1988). Desse modo, partimos do pressuposto de que a comunicação verbal sempre ocorre por meio do uso de um gênero discursivo e que a língua não é objetiva, uma vez que nela existem elementos inerentes que permitem aos usuários imprimir determinadas orientações discursivas em seus enunciados.

Munidos desses dois conceitos teóricos, procuramos realizar a observação de quais estratégias argumentativas e estruturas linguísticas são mais recorrentes em enunciados materiais de determinado gênero. O gênero discursivo que nos propusemos investigar foi a charge. A charge é gênero crítico-opinativo do domínio jornalístico, presente atualmente tanto em jornais de papel (suportes físicos) quanto em redes sociais e páginas da internet (suportes virtuais). Ela se caracteriza precipuamente não por informar ou relatar fatos, mas por trazer críticas ou opiniões a respeito de algum fato já veiculado ou ainda a respeito de um aspecto social relevante, segundo a ótica do chargista.

Essas críticas são veiculadas geralmente através do viés do humor e da sátira. A charge configura-se como um espaço em que o locutor-chargista expressa o que pensa sobre determinado aspecto social – notadamente aqueles julgados esdrúxulos e irônicos. Ao fazer uso de humor crítico satírico para demonstrar o quão determinada situação é controversa ou ‘absurda’, o chargista faz o leitor pensar de modo crítico através do riso.

A charge também se distingue por ser um gênero multimodal, isto é, ela contém aspectos verbais e não-verbais (visuais) que constituem a própria estrutura composicional do gênero. O uso de recursos visuais no texto chágico, como diz Melo (2003), funciona como um mecanismo de capturar a atenção e atender a um público leitor maior do que aquele dos gêneros jornalísticos críticos tradicionais. Isso não quer dizer, no entanto, que a leitura da charge seja um exercício simples ou fácil, como muitos pesquisadores vêm demonstrando, uma charge pode ser tão densa, em questão de informações e referências a outros textos, quanto uma notícia, por exemplo.

Trabalhos como o de Nascimento (2017) e de outros autores parecem indicar que uma das características centrais para a construção de sentidos no texto chágico é a presença de personagens e a atribuição polifônica de trechos de falas a esses personagens. Isso ocorre muito provavelmente porque, ao aludir a acontecimentos noticiados recentemente, o locutor-

chargista insere em sua fala vozes de diferentes sujeitos discursivos, caracterizando a ocorrência do fenômeno-semântico argumentativo da polifonia.

É interessante observar que a disposição em se investigar o gênero charge não é nova. Pesquisando no portal eletrônico da CAPES, no banco de teses e dissertações, encontramos vários trabalhos anteriormente feitos sobre esse gênero. Em alguns deles, observamos um interesse na associação entre charge e os fenômenos da polifonia e da intertextualidade. Só para citar alguns desses estudos, encontramos no ano 1996, a dissertação *Intertextualidade e polifonia na charge jornalística: Um estudo de charges da folha de S. Paulo* do linguista Carlos Edson Romualdo, que identificou uma recorrente presença da intertextualidade e da polifonia em charges da Folha de S. Paulo. Em 2005, uma dissertação de mestrado, publicada na UFPE, intitulada *A Intertextualidade e a polifonia no gênero charge*, de autoria de Anny Querubina de Souza Barros, trouxe considerações sobre o estudo e análise de charges a partir dos conceitos de polifonia, intertextualidade e dialogismo, segundo a ótica de Bakhtin. Além de outras dissertações cujos títulos apontavam certo interesse dos autores em temas que associavam charge e polifonia, como *A Polifonia nas Charges de Oldack Esteves: carnavalização, transtextualidade, transgressão*, de autoria de Vaneza Aparecida de Figueiredo Vasconcellos, em 2006, pela UFMG; *Entre a crítica e o humor: A influência dialógica, polifônica e carnalizada das charges jornalísticas de Angeli na Folha de São Paulo*, de autoria de Hellen Suzana da Cruz Miranda, em 2010, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; e *Da leitura à produção textual: uma análise polifônica da charge na sala de aula*, de autoria de Viviane Correa Monteiro Serra, pela UERJ, em 2018.

Apesar de apresentar algumas semelhanças em relação a alguns desses trabalhos, quer pela escolha do gênero de trabalho, quer pelo interesse entre as relações de polifonia, intertextualidade e o gênero charge, o presente trabalho diferencia-se dos demais, na medida em que tem como enfoque central a perspectiva da Semântica Argumentativa no estudo da charge. Nós utilizamos como conceitos teóricos as noções de Argumentação e Polifonia de Ducrot, e não a noção de Polifonia, dialogismo e bivocalidade de Bakhtin, tal como aparece na maioria dos trabalhos encontrados por nós. Utilizaremos aqui apenas a noção de gênero discursivo proposta por Bakhtin (2003). Quanto à noção de polifonia, recuperaremos esse conceito tal qual está postulado por Ducrot e pela Semântica Argumentativa, isto é, enquanto um fenômeno semântico por meio do qual o locutor materializa a argumentação na língua e introduz a voz de outros sujeitos linguísticos dentro de seu discurso.

Outro diferencial de nosso trabalho reside na atenção dada também para o fenômeno da modalização – fator pouco contemplado nos trabalhos sobre charge. Entendemos a modalização, conforme Nascimento e Silva (2012), enquanto um fenômeno argumentativo utilizado pelo locutor para deixar expressas no enunciado marcas de sua subjetividade e intersubjetividade, em ordem a atuar sobre um interlocutor qualquer. Assim, pretendemos observar como ela em suas várias modalidades se associa à polifonia enunciativa em suas diversas manifestações, de modo a construir o sentido do texto jornalístico e orientar o leitor (interlocutor) para determinadas conclusões.

Conjuntamente à escolha do gênero e recorte desses fenômenos de análise, optamos também pela delimitação da temática dos textos coletados, propondo o estudo de uma temática específica – a Política Nacional - mais especificamente, as eleições brasileiras para o ano de 2018, focalizando a disputa para presidência da República e seus desdobramentos. Em outras palavras, observamos como a argumentação se materializa em um gênero crítico-opinativo do universo jornalístico quando são veiculados temas controversos como política, uma vez que se é esperado encontrar, em textos desse tipo, posicionamentos variados de sujeitos que têm pontos de vistas diferentes acerca de uma mesma questão.

Partindo desse pressuposto, elaboramos as seguintes questões de pesquisa: De que modo o fenômeno enunciativo da polifonia ocorre no gênero charge e quais são as suas principais manifestações? De que modos a modalização discursiva se associa nos textos com a polifonia e qual a relevância dessa união para compreender o sentido deles? E quais os principais efeitos de sentido, pontos de vista e posicionamentos gerados, ou a que conclusões o locutor quer levar o interlocutor através do plano linguístico e visual da charge? Com isso, intentamos aqui demonstrar a hipótese de que o fenômeno da polifonia associado ao da modalização discursiva são aspectos centrais na construção da argumentação e podem ser entendidos enquanto elementos constitutivos do estilo linguístico do gênero charge, sendo utilizados para dar direcionamento ao interlocutor do texto em razão de determinadas conclusões.

Desse modo, como objetivo geral e objetivos específicos deste trabalho, respectivamente, propomos os seguintes itens:

- Analisar como o fenômeno da polifonia em suas diversas facetas atua em conjunto com o fenômeno da modalização discursiva, em ordem a construir a argumentação no gênero charge.

- Identificar quais as principais estratégias semântico-argumentativas e recursos linguísticos que ativam os fenômenos da polifonia e da modalização no gênero charge.
- Descrever o funcionamento e os efeitos de sentido gerados pelo uso de tais estratégias e recursos semântico-argumentativos, enquanto ferramentas utilizadas pelo locutor-chargista para construir produzir a argumentação no texto chárstico.
- Estabelecer relações entre a temática dos textos analisados e a construção da argumentação através da modalização e da polifonia no gênero charge.

Para atingir tais objetivos, reunimos, através da rede mundial de computadores, 117 (cento e dezessete) charges jornalísticas voltadas à temática das eleições de 2018 e seus desdobramentos para compor nosso *corpus* de investigação. Desse total, separamos, para a análise descritivo-interpretativista, 20 (vinte) charges, as quais foram coletadas em portais de jornais brasileiros online e no portal Chargeonline.

Nossa pesquisa assume o caráter de pesquisa documental porque analisa material escrito já publicado, tais como textos documentais, jornais e revistas, conforme caracterizado por Prodanov e Freitas (2013). Também esta investigação é de natureza quanti-qualitativa, uma vez que descreve e quantifica as ocorrências dos fenômenos semântico-argumentativos da polifonia enunciativa e da modalização discursiva em nosso *corpus* de charges. Além disso, ela analisa valorativamente os dados encontrados à luz dos referenciais teóricos: a Teoria dos Gêneros Discursivos, de Bakhtin (2003); os estudos sobre Argumentação e Polifonia, segundo Ducrot (1998), Anscombe (2005) e Koch (2004); os estudos sobre a modalização discursiva, segundo Nascimento & Silva (2012); entre outros.

Convém destacar que este trabalho está dividido em cinco capítulos: Introdução, dois capítulos teóricos, um capítulo de Análises e as Considerações finais. Após a Introdução, inicia-se o primeiro capítulo teórico, no qual apresentamos, de forma resumida, os diferentes sentidos do conceito de argumentação ao longo da história, desde os gregos (com o surgimento da Retórica), passando pela Nova Retórica, até chegar à Semântica Argumentativa, com a Teoria da Argumentação na Língua (TAL) proposta por Ducrot (1988) e colaboradores. Além disso, apresentamos dois dos fenômenos semântico-argumentativos da Língua – a polifonia enunciativa e a modalização discursiva – ativados por diferentes recursos ou estratégias linguísticas; fenômenos que coocorreram em nosso *corpus* de investigação.

No segundo capítulo teórico, dissertamos sobre os estudos de Gêneros, conforme Bakhtin (2003), Marcuschi (2008) e Romualdo (2000), bem como trazemos uma

caracterização do gênero discursivo selecionado para ser trabalhado por nós – a charge jornalística voltada a temáticas políticas.

No capítulo de análises, há uma seção inicial que contextualizará o leitor em relação aos procedimentos metodológicos adotados durante toda pesquisa; também uma seção totalmente analítica das charges de nosso *corpus*, dividida a partir do tipo de determinado fenômeno semântico-argumentativo; e uma terceira seção que discute e resume os resultados obtidos nesta pesquisa.

Por fim, nas *Considerações Finais*, tecemos alguns comentários sobre os dados levantados e analisados durante toda a investigação, bem como apontamos quais foram os principais fenômenos e estratégias mais recorrentes no *corpus* pesquisado.

2 ESTUDOS SOBRE ARGUMENTAÇÃO, POLIFONIA E MODALIZAÇÃO

Neste capítulo, discorreremos sobre como o conceito de Argumentação foi ressignificado ao longo do tempo, iniciando com o conceito grego clássico sobre Argumentação, depois com a Nova Retórica, de Chaim Perelman, culminando na Teoria da Argumentação da Língua, de Ducrot e colaboradores.

Em seguida, apresentaremos o fenômeno principal com o qual trabalharemos durante esta dissertação, a polifonia enunciativa em suas diversas facetas (locutores, enunciadores, intertextualidade e SE-Locutor), bem como suas principais estratégias semântico-argumentativas ativadoras. Além disso, abordaremos brevemente a modalização discursiva, tendo em vista que observamos, que esse fenômeno, por vezes, se combina com a polifonia para construir a argumentação dentro do texto chárgico.

2.1 O que é argumentar?

A linguagem verbal é um dos mais avançados dispositivos comunicativos que a nossa espécie detém para (inter)agir no mundo. Enquanto seres sociais, não vivemos isolados no espaço, e utilizamos a língua a todo momento para trocar informações, estabelecer vínculos e envolver outros em nossos jogos de linguagem.

De fato, podemos usar a língua para os mais diversos fins ao interagir verbalmente. Um dos usos que há muito chama a atenção de diferentes pensadores é a compreensão de como os indivíduos se utilizam da língua para serem especialmente eficazes em convencer pessoas através de palavras.

O estudo da arte de persuasão, também conhecido pelo nome de *retórica*, surgiu na Grécia antiga como consequência do estabelecimento de novas relações sociais ligadas ao surgimento das cidades-estado gregas, conforme explica Pacheco (1997). Segundo ele, com o desenvolvimento da democracia, os cidadãos atenienses passaram a participar de modo mais direto nas assembleias populares (instâncias coletivas em que assuntos referentes à pólis eram definidos por voto popular), sendo, portanto, necessário que os indivíduos apresentassem justificativas bem fundamentadas para determinada opinião ou projeto que quisessem referendar.

Pacheco (1997) aponta alguns traços gerais dessa retórica grega clássica. Em primeiro lugar, a retórica não deve fazer uso de compulsão física (violência) para conseguir a aderência

do outro. Ela utiliza unicamente língua e a organização de adequados argumentos discursivos, a fim de conseguir a adesão intelectual do auditório. Em segundo lugar, a retórica não se preocupa primariamente com a verdade ou falsidade das informações transmitidas, como diz Pacheco (1997, p. 03): “a retórica se preocupa mais com a adesão do que com a verdade. O objetivo daquele que a exerce é obter o assentimento do auditório à tese que apresenta. A verdade ou falsidade da mesma é uma questão secundária”.

Em terceiro lugar, a retórica geralmente não faz uso de linguagem técnica, ou especializada, que apenas alguns indivíduos poderiam compreender. Ela deve fazer uso da linguagem ordinária do dia a dia, para não restringir o auditório apenas a um público específico. Em quarto lugar, a retórica nunca é neutra. Antes ela visa modificar o comportamento ou as convicções do outro e despertar-lhe determinadas respostas.

Pacheco explica a retórica desfrutou de considerável prestígio enquanto disciplina durante longos séculos, inicialmente com os gregos e depois com os romanos. Porém, com a ascensão do pensamento racional objetivista e a consolidação da perspectiva da ciência no século XIX, a retórica acabou por ficar relegada a segundo plano.

A ciência, por ser metódica e verificável, acabou por tornar-se, em primeiro plano, uma ferramenta de maior confiabilidade para a investigação dos fatos naturais e humanos. A retórica, porém, só era utilizada em questões em que não se podia realizar uma comprovação empírica através da experimentação ou de dedução lógica a respeito de determinado assunto, como demonstra Pacheco (1997). Desse modo, os sujeitos passaram a fazer uso das técnicas argumentativas da retórica, majoritariamente, em assuntos em que ocorriam controvérsias de opiniões, tais como em debates jurídicos, teóricos ou filosóficos, a fim de se poder chegar a um acordo final ou parcial sobre determinada situação.

Destituída durante muito tempo de seu *status* racional e sendo relegada a um ramo simples da Estilística, foi somente no século XX que a retórica voltou a ter certa atenção enquanto área de produção de conhecimento, como explica Pacheco. Um dos expoentes teóricos que reabilitaram o estudo da retórica foi o filósofo polonês Chaim Perelman.

Em busca de criar uma teoria que tivesse como objeto de estudo a argumentação, Perelman rompe com o conceito de argumentação que se tinha a seu tempo enquanto algo relegado ao estudo de figuras estilísticas, bem como resgata e reformula alguns conceitos da retórica clássica. Denominada de Nova Retórica, a teoria da argumentação de Perelman traz algumas contribuições significativas para o estudo da argumentação.

Enquanto, na retórica grega clássica, as técnicas argumentativas, geralmente, eram dirigidas por um locutor a uma aglomeração de pessoas reunidas em praça pública, na Nova Retórica de Perelman (1999, p. 24, grifo nosso), os discursos são “dirigidos a *todas as espécies de auditório*”, quer a “uma turba reunida na praça pública ou a uma reunião de especialistas, quer nos dirijamos a um único indivíduo ou a toda a humanidade”, até mesmo podemos dirigir argumentos a nós mesmos, para nos demover ou convencer de alguma coisa.

A Nova Retórica, de acordo com o Perelman, tem como objetivo fornecer princípios, em ordem a instrumentalizar os falantes a serem capazes de convencer os ouvintes e ganhar adesão deles a uma tese qualquer apresentada. Capta-se a *adesão dos espíritos*, como diz Perelman, não através da imposição coercitiva da vontade do indivíduo, mas através da modificação das convicções e disposições dos ouvintes, utilizando um discurso que se baseia nas teses aceitas como verdade pelo auditório.

O conceito de auditório é um conceito importante para se entender a teoria de Perelman. Dito de modo simples, o auditório é o conjunto de indivíduos que o orador pretende influenciar a partir de seus argumentos. Esse conjunto, no entanto, pode ser bastante variável, de modo que o autor subdivide-o em três classes de auditório: a deliberação íntima, quando o orador volta-se para si; o auditório particular, quando o orador volta-se para um público caracterizado por possuir características específicas (auditório de médicos, de engenheiros etc) - recorrentemente fazendo uso de linguagem técnica específica; e o auditório universal, quando o orador ambiciona convencer todo e qualquer ser racional. Utilizando tais distinções entre os diferentes tipos de auditórios existentes, pode-se também estabelecer uma discriminação teórica entre os conceitos de *persuadir* e *convencer*. Convém ressaltar que, apesar dessas palavras serem, por vezes, utilizadas como sinônimos intercambiáveis, Perelman realiza uma distinção técnica entre elas. Ele faz isso, baseando-se no critério de seleção de auditório pelo sujeito falante, de modo que a diferença entre persuadir e convencer residiria no fato de quem a pretendo alcançar com meu discurso:

Em vez de considerar que a persuasão se dirige à imaginação, ao sentimento [...] e que o discurso convincente faz apelo à razão [...] pode-se caracterizá-las, de uma forma mais técnica, e também mais exacta, dizendo que o discurso dirigido a um auditório particular visa persuadir, enquanto que o que se dirige ao auditório universal visa convencer. (PERELMAN, 1999, p. 37)

Vemos, pois, que a persuasão envolve a produção de um discurso criado para ser especializado, porquanto se inclina a modificar as convicções de um grupo específico.

Perelman exemplifica isso por dizer que um padre, ao pregar um sermão em determinada igreja, utilizará teses que estejam em consonância com as premissas aceitas por seu auditório de fiéis e pelos dogmas de sua religião ou credo. Por serem bem específicas, no entanto, tais teses dificilmente poderiam ser estendidas a outros auditórios religiosos sem prejuízo de adesão por parte desses novos indivíduos.

Por sua vez, o discurso convincente almeja utilizar premissas, fatos e argumentos que possam ser universalizáveis, isto é, virtualmente aceitos por quaisquer seres racionais. Por exemplo, um tipo de discurso que pretende ser convincente, segundo Perelman, é o discurso da Filosofia, porquanto se volta ao auditório universal que engloba todos seres pensantes. Pela tarefa à qual se propõe, percebe-se, pois, que o convencer é bem mais custoso do que o persuadir.

2.2 Argumentação na Língua

Apesar de o sentido mais comum de “argumentação” estar relacionado à construção de um discurso convincente e de difícil refutação – tal como aparece na ótica da Retórica Clássica e da Nova Retórica – em Linguística, mais especificamente, para a Semântica Argumentativa, o conceito de argumentação difere consideravelmente.

Um dos principais teóricos da argumentação (na Semântica Argumentativa) foi o linguista francês Oswald Ducrot. Em uma de suas incursões teóricas, Ducrot (1988) averiguou que a noção de argumentação está, não nos fatos veiculados pelo orador durante a enunciação, mas nas possibilidades ou impossibilidades que a língua impõe ao falante ao utilizar as palavras do léxico dela. Além disso, constatou que o valor argumentativo de uma palavra está correlacionado linguisticamente à orientação que essa palavra dota o discurso, de modo que a escolha lexical realizada por determinado sujeito diz muito para onde ele deseja encaminhar o discurso. Isto porque, ao selecionar determinada palavra, o locutor torna possível – ou impossível – certas continuações discursivas específicas que aquele item lexical veicula.

En efecto, a mi juicio el empleo de una palabra hace posible o imposible una cierta continuación del discurso y el valor argumentativo de esa palabra es el conjunto de esas posibilidades o imposibilidades de continuación discursiva que su empleo determina. [...] En resumen, el valor

argumentativo de una palabra es el papel que pueda desempeñar en el discurso. (DUCROT, 1988, p. 51)¹

Por exemplo, para ilustrar a ideia de argumentatividade mencionada por Ducrot, poderíamos pensar em um contexto comunicativo em que um indivíduo A, ao ser questionado por outro indivíduo B sobre uma suposta falta de capacidade de um terceiro indivíduo C (Pedro), responde a B algo como o enunciado a seguir (exemplo 01):

Exemplo 01

Pedro é inteligente.

Esse exemplo (01), retirado de Ducrot (1998), demonstra, *a priori*, como a noção de argumentação está inscrita na língua, de modo que o emprego de uma certa palavra tende a tornar determinadas continuações discursivas possíveis, enquanto que outras se tornam impossíveis. Isso ocorre porque, no enunciado em questão, ao caracterizar determinado indivíduo como sendo “inteligente”, em um contexto genérico, em que ser inteligente é uma qualidade positiva, avalio que Pedro tem as qualificações intelectuais necessárias para resolver determinado problema, o que me abre a possibilidade de atribuir uma continuação positiva para a sentença (01), tal como ocorre em (02a), mas me impede ou retém de atribuir uma continuação negativa, como em (02b).

Exemplo 02

a) Pedro é inteligente → logo conseguirá resolver esse problema.

b) *Pedro é inteligente → logo não conseguirá resolver esse problema.

Ao dizer *Pedro é inteligente*, o uso do adjetivo inteligente, de acordo com Ducrot (1988), inclinaria o enunciado mais para uma conclusão discursiva positiva (em que ser inteligente é um requisito importante para ser capaz de resolver determinado problema) e, menos para uma conclusão discursiva negativa tal como (2b). O mesmo ocorre, por exemplo, se profiro o enunciado “*ele é um assassino, logo é uma boa pessoa”. A carga semântica da palavra assassino, em um contexto atual comum, é negativa, visto que chamar uma pessoa de

¹De fato, para mim, o emprego de uma palavra torna possível ou impossível uma certa continuação do discurso, e o valor argumentativo de uma palavra é o conjunto de possibilidades ou impossibilidades de continuação discursiva que seu emprego determina [...] Em resumo, o valor argumentativo de uma palavra é o papel que ela pode desempenhar no discurso. (Tradução Nossa)

assassina(o) não é tido como um elogio, mas como uma depreciação, de modo que muito mais natural nos parece ser uma sentença como “ele é um assassino, logo deve ser aprisionado”. Isso ocorre, porque o sentido que esse item lexical transmite põe, em cena, determinadas valorações, que restringem certas continuações discursivas, mas que possibilitam outras.

Se voltarmos ao exemplo 02, seria possível perceber que o enunciado (02b) seria impossível – ou pelo menos, pouco provável – em um contexto genérico em que ser inteligente é uma competência positiva para se resolver um problema. Por outro lado, se quiséssemos tornar tal enunciado aceitável precisaríamos realizar a alteração do operador argumentativo conclusivo *logo* para o operador contrapositivo *mas*, presente na segunda parte do enunciado. Como ocorre no exemplo a seguir (03).

Exemplo 03

Pedro é inteligente → mas não conseguirá resolver esse problema.

Nota-se que, desta vez, a continuação negativa (não conseguir resolver o problema) pode ser atribuída, sem problemas, ao sujeito anteriormente caracterizado positivamente como inteligente, uma vez que o operador de contraposição *mas* altera radicalmente as relações lógico-semânticas entre as duas partes do enunciado, tornando, assim, viável a veiculação da segunda parte. Ducrot (1988) denomina esses processos de orientação discursiva em razão de determinadas conclusões de *argumentação* e, esclarece que o *valor argumentativo* de uma palavra representa os direcionamentos que ela pode dar a determinado discurso.

Outros conceitos também relevantes dentro da teoria do semanticista são os de sentido/significação, frase/enunciado e língua/discurso. Ducrot (1987) entende como *sentido* a caracterização semântica do *enunciado*, o qual, por sua vez, é definido como uma produção linguística empírica e individual situada no tempo. Por outro lado, a *significação* corresponderia à caracterização semântica da *frase*. Uma frase corresponde, por exemplo, ao esquema abstrato (Sintagma 01, logo Sintagma 02) ou ao esquema (Sintagma 01, mas sintagma 02), enquanto que o enunciado corresponderia a uma sentença (ele é rico, logo é feliz) ou à sentença (ele é pobre, mas é feliz), quando proferidas em um contexto particular. Dito de modo simples, não falamos frases, apenas enunciados.

Na perspectiva de Ducrot (1988), os linguistas, especialmente os semanticistas, interessam-se em estudar tais entidades teóricas chamadas frases. Eles ambicionam entender o conjunto de possibilidades existentes dentro da *língua*, ou seja, descrever a totalidade de

frases abstratas ou teóricas que uma língua torna possível de ser utilizada. Isso não quer dizer, no entanto, que o estudo dos enunciados não seja importante, pois é apenas por meio deles que os linguistas chegam à compreensão da significação abstrata das frases. Enquanto que o conjunto ou reunião de frases teóricas corresponde a uma língua, o *discurso* corresponde a um conjunto ou reunião de enunciados em sucessão.

Além disso, por considerar que o uso da língua nunca é neutro nem se resume à mera descrição objetiva da realidade, Ducrot rejeita a concepção tradicional de sentido dos enunciados. A concepção tradicional de sentido postula que, em um enunciado qualquer, existem sempre indicações objetivas, que consistem em uma representação isenta da realidade, indicações subjetivas, que representam o posicionamento do locutor ante essa realidade e as indicações intersubjetivas, que se referem às relações que o locutor estabelece com os outros sujeitos discursivos. Desse modo, na análise de um enunciado como *Pedro é inteligente*, o aspecto objetivo seria a descrição do indivíduo Pedro, o aspecto subjetivo seria a admiração que o locutor sente por Pedro ao caracterizá-lo como inteligente, e os aspectos intersubjetivos corresponderiam, em última análise, a determinados comportamentos que o locutor sinaliza ao interlocutor que este poderia assumir em relação a Pedro.

Notadamente Ducrot se opõe a esse tipo de análise semântica e rechaça a divisão tradicional em elementos objetivos, subjetivos e intersubjetivos, pois, para ele, a linguagem não possui uma parte objetiva, tampouco tem como função primária o mero descrever da realidade.

Esto es lo que he llamado concepcion tradicional del sentido y mi objetivo es suprimir esta separación entre denotación y connotación por las razones que explico em seguida. No creo que el lenguaje ordinario posea una parte objetiva ni tampoco creo que los enunciados del lenguaje den acceso directo a la realidad; em todo caso no la describen directamente. (DUCROT, 1988, p. 50)²

Desse modo, percebe-se que Ducrot não enxerga a língua(gem) como um recurso meramente objetivo ou descritivo, cuja principal função se resume na atribuição de nomenclaturas ou descrições às coisas existentes no mundo físico. Ao invés disso, para ele, o exercício da linguagem passa, antes de tudo, pela noção de agir sobre um interlocutor, de

2 Isso é o que chamei de concepção tradicional de significado e meu objetivo é suprimir essa separação entre denotação e conotação pelas razões que explico a seguir. Não acredito que a linguagem comum tenha uma parte objetiva, tampouco acredito que os enunciados da linguagem deem acesso direto à realidade; em qualquer caso, eles não a descrevem diretamente. (Tradução Nossa)

modo a envolvê-lo em determinados jogos argumentativo-linguísticos. Em outras palavras, falar uma língua não é descrever, mas construir e apresentar aos outros uma construção discursiva particular da realidade (a nossa), como diz Ducrot: “*Hablar es construir y tratar de imponer a los otros una especie de aprehensión argumentativa de la realidad*”³ (1988, p. 14).

Como explica Barbisan (2013), na Semântica Argumentativa, o locutor, ao escolher determinadas combinações linguísticas, visa constantemente trazer para dentro do enunciado uma visão particular sobre a realidade. A interação social entre sujeitos é um jogo argumentativo, em que o locutor direciona, a todo tempo, o alocutário a determinadas continuações discursivas através dos recursos existentes na língua.

[...] o exercício da linguagem se dá entre dois seres de fala: o locutor e o alocutário. Ao se enunciar [...] o locutor produz combinações próprias, dentre aquelas que a frase permite. Ou seja, o locutor argumenta sobre a realidade ao estabelecer continuações, o que indica, mais uma vez, o sentido assim produzido não é representativo da realidade. É o locutor, ao escolher combinações linguísticas, que atribui sentido à realidade. É o seu “olhar” sobre a realidade. (BARBISAN, 2013, p. 25)

De mesma opinião é Koch (2012), segundo ela, a linguagem verbal pode ser encarada como um recurso comunicativo eminentemente argumentativo, utilizado para atuar sobre os outros. Segundo ela, um dos motivos que torna a argumentatividade na língua perceptível é que, sempre que interagimos com outros indivíduos através da linguagem, temos objetivos que queremos atingir, efeitos que pretendemos alcançar e comportamentos que desejamos incitar, o que torna o uso da linguagem essencialmente argumentativo.

Que a língua(gem) é argumentativa, fica-se isso evidenciado também pela própria estrutura da língua, porquanto ela possui recursos gramaticais internos que possibilitam indicar a orientação argumentativa dos enunciados. Poderíamos citar vários desses recursos que materializam a argumentação na língua, todavia para início de discussão consideremos brevemente os operadores argumentativos.

Os operadores argumentativos são elementos linguísticos que demonstram a força argumentativa dos enunciados em que aparecem e que podem indicar várias orientações discursivas a depender da situação textual. Eles englobam muitos dos itens lexicais classificados pela gramática tradicional como conjunções ou locuções conjuntivas. Koch (2012) aponta vários tipos desses operadores, dentre os quais:

3 Falar é construir e tentar impor aos outros uma espécie de apreensão argumentativa da realidade. (Tradução Nossa)

a) operadores que somam argumentos comuns em razão de uma mesma conclusão. Ex.: e, também, além de, não só...mas também etc.

b) operadores que apresentam uma conclusão em relação ao segmento antecessor. Ex.: portanto, logo, pois, por conseguinte etc,

c) operadores que apresentam argumentos alternativos que ativam conclusões opostas entre si. Ex.: ou, quer... quer etc.

d) operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos. Ex.: tão... como, mais que, menos que etc.

e) operadores que trazem uma explicação para o presente no argumento do segmento antecessor. Ex.: porque, pois, já que etc.

f) operadores que contrapõem informações. Ex.: mas, porém, contudo, embora, apesar de etc.

Convém destacar que a presença de um desses elementos, em um enunciado linguístico qualquer, pode levar a conclusões bem específicas. Se tomarmos novamente o exemplo 03, em que o operador *mas* estabelece uma relação de contraposição entre o segmento (Pedro é inteligente) e o segmento (*mas* não conseguirá resolver esse problema); ou se retomarmos o exemplo 01, em que o operador *logo* exerce uma função conclusiva em relação a Pedro ser inteligente e estar apto para resolver determinado problema, podemos constatar como a presença desses elementos linguísticos é significativa para determinar a orientação discursiva de um enunciado.

Os operadores também podem ser usados em conjunto para criar escalas ou classes argumentativas. Uma classe argumentativa ocorre quando temos um conjunto de argumentos de mesma força que apoiam uma conclusão qualquer, como explica Koch (2012). Observe o exemplo a seguir (04) em que um enunciado é sustentado por argumentos de igual valor.

Exemplo 04

Marcos é um bom partido: ele é bonito, também é rico, bem como honesto.

Note que todos os argumentos X, Y e Z possuem o mesmo peso e suportam a conclusão C igualmente.

C: Marcos é um bom partido → case-se com ele

X: ele é bonito

Y: também é rico

Z: bem como honesto

Nessa classe argumentativa os operadores *também* e *bem como* somam argumentos a favor da conclusão que aponta Marcos como uma boa escolha para alguém que eventualmente estivesse interessado nele.

Por sua vez, em uma escala argumentativa, os argumentos apresentam pesos diferenciados, aumentado gradativamente sua força argumentativa, iniciando sempre com o argumento mais fraco, e finalizando com o mais forte, como demonstra o exemplo 05.

Exemplo 05

Jorge é um aluno muito inteligente. Ele faz todas as atividades, nunca precisou fazer recuperação e ainda só tira 9 ou 10.

Arg.1 – Ele faz todas as atividades

Arg. 2 – Nunca precisou fazer recuperação

Arg. 3 – E ainda só tira 9 ou 10.

Conclusão C - Jorge é um aluno muito inteligente.

No exemplo (05), nota-se que os argumentos aumentam sua força argumentativa, à medida que vão sendo somados à escala, de modo que o clímax da argumentação ocorre no momento em que o argumento 03 é introduzido pelo operador argumentativo (e ainda), fechando a discussão sobre certa competência de Jorge. Além disso, podemos dizer que 05 é uma escala argumentativa, tendo em vista o fato de que se obter unicamente notas 10 e 09 (Arg.3) é de maior preponderância para sustentar a conclusão C (Jorge é um aluno muito inteligente) do que ele nunca ter precisado fazer recuperação (Arg.2) ou simplesmente fazer todas as atividades (Arg.1).

Afora dos operadores argumentativos, que são recursos que a língua dispõe para materializar a argumentação, existem fenômenos linguístico-enunciativos que ativam a argumentação, um deles é a polifonia.

2.3 O fenômeno da polifonia

A polifonia é um fenômeno semântico-argumentativo e enunciativo estudado, dentre outras áreas, pela Semântica Argumentativa. Nota-se, contudo, que o termo polifonia não surgiu nos estudos linguísticos, mas, nos estudos musicais. Inicialmente, o referido termo era utilizado para descrever ou indicar composições musicais em que diferentes vozes ou instrumentos se sobreponham ao mesmo tempo.

Posteriormente, essa noção foi trazida aos estudos literários por Bakhtin, que constatou, ao analisar certos textos literários, que é possível encontrar várias vozes individuais e distintas as quais não se subordinam necessariamente à voz ou à visão do narrador. Notadamente, ao estudar os romances de Dostoiévski, Bakhtin averiguou que, diferente da literatura tradicional, que se inclina a ser dogmática – tendo em vista que todos os personagens se encontram subordinados diretamente a voz do narrador – em *Crime e castigo*, romance de Dostoiévski, ocorria simultaneamente a presença de várias vozes distintas que faziam ser ouvidas de igual para igual com a voz do narrador, caracterizando, para Bakhtin (2002), um tipo particular de literatura chamada carnavalesca (ou polifônica).

Da literatura, o conceito é transposto para a linguística. Apercebendo-se que algo similar ao que ocorria nos textos literários ocorria também nos enunciados linguísticos, Ducrot (1988) resgata o conceito de polifonia para a Semântica Argumentativa e, demonstra como esse fenômeno é central para a construção da argumentação na língua.

He querido adaptar la noción de polifonía al análisis propiamente lingüístico de esos pequeños segmentos de discurso que llamamos enunciados. Intentaré mostrar que el autor de un enunciado no se expresa nunca directamente, sino que pone en escena en el mismo enunciado un cierto número de personajes. El sentido del enunciado nace de la confrontación de esos diferentes sujetos: el sentido del enunciado no es más que el resultado de las diferentes voces que allí aparecen. (DUCROT, 1988, p. 16)⁴

Como dito por Ducrot, o autor de um enunciado nunca se expressa diretamente, mas põe, em cena, vários personagens linguísticos, que precisam ser identificados para se compreenderem os efeitos de sentido veiculados. A presença desses diversos personagens

⁴ Eu quis adaptar a noção de polifonia à análise propriamente linguística desses pequenos segmentos de discurso que chamamos de enunciados. Procurarei mostrar que o autor de um enunciado nunca se expressa diretamente, mas coloca em cena, no mesmo enunciado, um certo número de personagens. O sentido do enunciado nasce do confronto destes diferentes sujeitos: o sentido do enunciado nada mais é do que o resultado das diferentes vozes que ali aparecem. (Tradução nossa)

linguísticos no enunciado ativa a ocorrência do fenômeno semântico-argumentativo da polifonia.

Um primeiro tipo de polifonia constatado por Ducrot está relacionado à aparição, em enunciados linguísticos, de trechos de fala de sujeitos discursivos, também chamados locutores. Por Locutor, Ducrot entende a pessoa discursiva linguística que se responsabiliza por determinado segmento de fala, e a quem são atribuídas as marcas dêiticas pronominais (eu, me, mim, agora, aqui etc).

Por vezes, o conceito de locutor discursivo (L) é confundido com o de sujeito empírico (SE). Isso ocorre muito provavelmente porque, geralmente, quem produz o enunciado é quem se responsabiliza por ele. O sujeito empírico (SE), no entanto, muito mais que uma criação discursiva, é o produtor efetivo do enunciado, enquanto que o locutor é uma pessoa discursiva, um personagem linguístico, a quem se pode responsabilizar determinado segmento de fala.

Ducrot demonstra, que, em alguns casos, o SE não é o mesmo indivíduo que o L. Por exemplo, se pensarmos no modelo de uma declaração documental escrita que exige a assinatura de uma pessoa “Eu Marcos declaro que tenho...”, o locutor discursivo não será a pessoa que digitou originalmente o modelo da declaração, mas Marcos que a assinou, logo o SE e o L nem sempre coincidem, como ilustra Ducrot (1988). Desse modo, percebe-se que identificar o sujeito empírico (SE), por vezes, não é uma tarefa fácil, e pode extrapolar o domínio de análise estritamente linguística, por isso Ducrot exclui o SE de suas análises, ficando apenas com o conceito de locutor, ele diz: *“la determinación del SE no es un problema lingüístico. El lingüista y en particular el lingüista semanticista debe preocuparse por el sentido del enunciado [...] De manera que lo que le interesa es lo que está en el enunciado y no las condiciones externas”* (DUCROT, 1988, p. 17).⁵

Outra distinção teórica importante feita por Ducrot é a distinção entre o conceito de locutor enquanto tal (L) e o enquanto ser do mundo (λ). O L corresponde ao sujeito discursivo ao qual se pode atribuir determinado trecho de fala. O λ , por sua vez, corresponde a uma espécie de imagem construída e deixada dentro do próprio enunciado a respeito daquele a quem se imputa o enunciado. Observe o exemplo (06) a seguir:

⁵ A identificação do SE não é um problema linguístico. O linguista, e em particular o semanticista, deve se preocupar com o significado do enunciado [...] De modo que o que lhe interessa é o que está no enunciado e não as condições externas. (Tradução nossa)

Exemplo 06

Eu desejo que você seja feliz

Nesse exemplo (06), o enunciado “Eu desejo que você seja feliz” pode ser seguramente imputado a um L qualquer designado linguisticamente pelo pronome pessoal “eu”. O uso do dêitico *eu* torna a identidade de tal sujeito discursivo desconhecida para nós que estamos fora do contexto de enunciação, no entanto não anula o fato de que existe um ser linguístico no enunciado que se apresenta como o detentor das palavras em 06.

Por outro lado, surgiria um problema daí: a quem recairiam as implicações semânticas do ato de desejar expresso na forma performativa *eu desejo que*, será que recairiam sobre o locutor enquanto tal (L)? Ducrot (1987) explica que elas incidem não sobre o L, mas sobre o λ - locutor enquanto sujeito do mundo. Isso ocorre porque o locutor de fala (L) existe apenas como o ser responsável pelo dizer, o proprietário, e enquanto tal ele não pode desejar coisa alguma, apenas responde pelas palavras ali presentes - ele é uma ficção discursiva. O λ , por sua vez, apresenta-se, no enunciado, como um ser discursivo ao qual se pode atribuir o ato linguístico de se desejar algo a alguém. Ducrot (1987, p. 188) diz: “L é o responsável pela enunciação, considerado unicamente enquanto tendo esta propriedade” e acrescenta: “Não é enquanto locutor que se experimenta o desejo, mas enquanto ser do mundo [...] L realiza o ato de desejar afirmando que λ deseja” (DUCROT, 1987, p. 190). Em outras palavras, o locutor enquanto sujeito do mundo (λ) corresponde à imagem construída e deixada dentro do próprio enunciado a respeito do “eu” falante. No caso de 06, por exemplo, essa imagem seria de um “eu” ou de um indivíduo discursivo que realiza o ato de desejar felicidade a alguém.

É necessário esclarecer, no entanto, que esse ato é de caráter unicamente linguístico e semântico, como explica Ducrot. Isso ocorre porque, na materialidade do mundo físico, não é λ quem realiza o ato de fala psicológico-emocional de felicitar o falante B, quem faz isso é um determinado sujeito empírico (SE). Desse modo, não se deve confundir os conceitos de locutor enquanto sujeito do mundo e sujeito empírico, porquanto λ é fictício e SE é físico ou real. Em resumo do que foi apresentado até aqui, poderíamos dizer que o SE do exemplo 06 seria o sujeito histórico e psicológico (e.g. João, Pedro, Marcos) que enuncia verbalmente esse segmento de fala, o L seria o personagem linguístico marcado pelo pronome pessoal dêitico eu que se responsabiliza pela totalidade do enunciado, por sua vez, o λ seria a imagem semântica construída e deixada dentro do próprio enunciado a respeito do “eu” falante que realiza a ação de desejar felicidade apenas dentro do cenário enunciativo e nunca fora dele.

Munidos desses conceitos teóricos, passemos ao primeiro tipo de polifonia postulado por Ducrot – a polifonia de locutores – ativada pelo discurso relatado em estilo direto.

2.3.1 Polifonia de locutores

A polifonia de locutores ocorre, de modo genérico, quando, em um enunciado, temos a introdução das vozes de um ou mais locutores no dizer do locutor responsável pelo discurso como um todo. Para Ducrot (1987), a polifonia é um fenômeno constituinte dos enunciados, de modo que, em um enunciado, não teríamos apenas uma única voz que se expressa, mas várias.

Por isso, o autor se opõe peremptoriamente à concepção de unicidade do sujeito falante, segundo a qual, há sempre apenas um único sujeito que se expressa nos enunciados. Ainda, de acordo com essa concepção, o sujeito falante se caracteriza por ser, primeiramente, um indivíduo dotado de certa atividade fisiológica-articulatória necessária para a execução física do processo de enunciação e, em segundo lugar, o indivíduo a quem se atribuem os atos de fala realizados na execução de determinado enunciado, como explica Ducrot (1987, p. 178):

Quais são as propriedades deste sujeito? Primeiro ele é dotado de toda atividade psico-fisiológica necessária à produção do enunciado. Assim, dizer que um certo X é o sujeito do enunciado [...] é atribuir a X o trabalho muscular que permitiu tornar audíveis as palavras [...] Segundo atributo do sujeito: ser o autor, a origem dos atos ilocutórios realizados na produção do enunciado (atos do tipo da ordem, da pergunta, da asserção, etc.). O sujeito é aquele que ordena, pergunta, afirma, etc.

A terceira propriedade que caracterizaria esse sujeito seria a atribuição de marcas linguísticas de pessoalidade, notadamente os dêiticos *eu*, *meu*, *aqui*, que apontam para a existência de sujeitos externos. Assim, segundo essa visão, as marcas dêiticas pessoais sempre iriam se referir ao sujeito empírico produtor do enunciado. Ducrot (1988), no entanto, constata que isso nem sempre acontece, tendo em vista que, em certos casos, o SE e o L podem não se equivaler, de modo que ele rejeita a concepção de unicidade do sujeito falante. Observe o exemplo a seguir.

Exemplo 07

Eu ouvi quando minha mãe me disse: “Filho, eu vou ao supermercado”

Para a concepção tradicional da unicidade do sujeito falante, a qual Ducrot se opõe, no exemplo 04, teríamos apenas a voz de um indivíduo falante, o produtor empírico, aquele que enuncia todo o segmento *Eu ouvi quando minha mãe me disse: “Filho, eu vou ao supermercado”*. No entanto, para Ducrot, no mesmo exemplo, seria possível deduzir a presença das vozes de dois locutores distintos: um primeiro locutor (L1) – o filho – e um segundo locutor – a mãe – aos quais é possível serem atribuídos trechos de fala específicos. O filho responde por todo o segmento em sua globalidade, a mãe, por sua vez, é responsável pelo trecho entre aspas “Filho, eu vou ao supermercado”.

Além disso, como demonstra Ducrot, a concepção tradicional do sujeito uno não consegue provar que todos os dêiticos presentes, em um enunciado como 06 pertencem, somente ao produtor ou responsável pelo enunciado. Apesar de o primeiro e o segundo dêiticos (*Eu* e *me*) poderem ser seguramente atribuídos a L1, não se pode dizer o mesmo do terceiro dêitico (o *eu* contido dentro do trecho em estilo direto), que se refere claramente a L2, a mãe, e não a L1, o filho.

A enunciação, assim, apresenta-se como dupla, pois, ao recuperar a voz de um segundo locutor, L1 reproduz um eco imitativo de um ato enunciativo realizado por outro sujeito (L2) e, ao mesmo tempo que enuncia, L1 também concede ao outro direito para que ele projete sua voz no enunciado. Também, como comentado, a existência de dêiticos, no enunciado, funcionam como marcas linguísticas específicas que deixam sinalizada a pessoalidade distintiva entre os sujeitos discursivos, demonstrando que o enunciado se apresenta como polifônico ou duplamente enunciado. Nota-se também que o enunciado polifônico é hierárquico, uma vez que L1 sempre terá o ‘poder’ de introduzir, em seu discurso, o relato de outros sujeitos (L2, L3, Ln...), que se subordinarão respectivamente ao produtor do discurso como um todo (L1).

Apesar de que, do ponto de vista físico do acontecimento, a enunciação é uma ação praticada apenas por um único falante, linguisticamente, a imagem discursiva que se cria no enunciado é a de um diálogo hierarquizado de falas, como explica Ducrot (1987, p. 186-187, grifo acrescentado): “De minha parte, prefiro caracterizar primeiro a [...] *apresentação da enunciação como dupla*: o próprio sentido do enunciado atribuiria à enunciação dois locutores distintos, eventualmente subordinados”, ou seja, linguisticamente falando, o enunciado polifônico apresenta-se ao interlocutor como sendo duplo, porquanto ele produz, como diz Ducrot, uma sorte de ‘eco imitativo’, que permite organizar algo similar a um teatro imaginário e hierárquico de falas dentro do próprio enunciado.

A noção de polifonia de locutores, para Ducrot, pode ser exemplificada principalmente pelo uso do estilo direto em enunciados linguísticos, como exemplificado em 07, em que determinado locutor de fala recupera e relata o dizer de um segundo locutor dentro de sua fala. No entanto, existem várias maneiras de se ativar a polifonia de locutores, a principal delas é o discurso relatado em estilo direto, como diz Ducrot. Contudo, pesquisas recentes constataram que é possível encontrar também a polifonia de locutores no discurso relatado em estilo indireto, como veremos a seguir.

2.3.1.1 O Estilo indireto

O discurso relatado em estilo indireto, semelhantemente ao discurso direto, envolve a recuperação da voz de um locutor externo, porém difere deste pelo modo como o faz. Enquanto que, no discurso em estilo direto, como diz Nascimento (2018), as vozes de outros locutores são recuperadas em sua materialidade textual, geralmente por meio de recursos linguísticos, como as aspas duplas, dois pontos, travessão e verbos *dicendi*, no discurso relatado em estilo indireto, o dizer alheio é parafraseado e reformulado em ordem a ser acomodado em outra situação textual.

Apesar de Ducrot não considerar o discurso relatado em estilo indireto como um tipo de polifonia de locutores, Nascimento (2015), ao estudar o fenômeno da polifonia em certos gêneros discursivos, averiguou que é possível, também, classificar o estilo indireto como uma variedade da polifonia de locutores. Observe o exemplo a seguir.

Exemplo 08

Minha mãe me disse que iria ao supermercado.

Diferentemente do exemplo 07, em que o dizer de L2 (a mãe) é recuperado em sua materialidade por meio de estilo direto, no exemplo 08, a recuperação e introdução da fala de L2 foi feita através de paráfrase, caracterizando uma ocorrência do estilo indireto.

Quando em estilo indireto, o dizer alheio é recuperado, geralmente, via por meio de verbos *dicendi*⁶; como ocorre no exemplo 08, em que a introdução do dizer de L2 é feita

6 Verbos *dicendi* são verbos específicos, como dizer, afirmar, perguntar, responder etc, que introduzem, em um discurso, um trecho de fala de outro sujeito discursivo. Os verbos *dicendi* podem ser modalizadores, quando expressarem algum tipo de avaliação ou julgamento a respeito do dizer que introduzem, ou não, se apenas apresentarem determinado trecho de fala sem avaliá-lo.

através do verbo *dicendi* dizer. É perceptível também, em 08, que existem dois sujeitos discursivos distintos aos quais podem ser atribuídos trechos de fala específicos – condições que caracterizam um enunciado como polifônico ou de dupla enunciação. Observe que podemos identificar claramente, L1, o responsável pelo discurso como um todo, como sendo o filho, e L2, a pessoa que teve sua voz introduzida, como sendo a mãe de L1. Além disso, podemos atribuir a eles trechos específicos de fala, a L1 podemos atribuir todo o trecho *Minha mãe me disse que iria ao supermercado*, a L2, porém, podemos apenas imputar-lhe o segmento *iria ao supermercado*.

Outro ponto importante é que, em um enunciado como 08, outras condições apontadas por Ducrot (eco imitativo e teatro interno dentro do enunciado) como necessárias para a ocorrência da polifonia de locutores também são satisfeitas nas ocorrências do estilo indireto, conforme explica Nascimento (2015):

[...] também se observa uma espécie de eco imitativo ou um teatro no interior do enunciado, já que alguém se torna porta-voz de um “outro”, a exemplo do que ocorre com o estilo direto. Assim, preferimos considerar esse segundo ser do discurso [relatado em estilo indireto] como um segundo locutor (L2), já que não se trata de um ponto de vista atribuído a um ser diferente de L1. (NASCIMENTO, 2015, p. 346).

Como demonstra Nascimento, o uso de estilo indireto em um enunciado qualquer também pode satisfazer as condições polifônicas propostas por Ducrot referentes à existência de um ‘eco imitativo’ e à ‘dupla enunciação’ no enunciado, de modo que podemos classificá-lo enquanto uma das manifestações da polifonia de locutores.

Vimos que até aqui o conceito e os tipos de polifonia de locutores existentes. Vejamos agora o conceito de polifonia de enunciadores e de que modos ela pode ser ativada através de diferentes recursos.

2.3.2 Polifonia de enunciadores

Como exposto na seção anterior, o conceito de polifonia, especialmente, o de polifonia de locutores, está associado à presença de múltiplas vozes dentro de um mesmo enunciado – etimologicamente a palavra polifonia vem do grego (*poli* + *fone*) muitas vozes. Ducrot, no entanto, demonstra que em um enunciado pode ser perpassado outro tipo de personagem linguístico fictício que difere dos locutores de fala.

O segundo tipo de polifonia existente é a de enunciadores. Ducrot (1987, p. 191) diz: “Já assinalei uma primeira forma de polifonia, quando assinalei a existência de dois locutores distintos”, agora “A noção de enunciador me permitirá descrever uma segunda forma de polifonia bem mais freqüente”. Ele chama esses seres linguísticos que se expressam unicamente através da enunciação, sem que lhes sejam atribuídas palavras específicas, de enunciadores.

Llamo enunciadores a los orígenes de los diferentes puntos de vista que se presentan en el enunciado. No son personas sino “puntos de perspectiva” abstractos. El locutor mismo puede ser identificado con algunos de estos enunciadores, pero en la mayoría de los casos los presenta guardando cierta distancia frente a ellos. (DUCROT, 1988, p. 20)⁷

Os enunciadores são pontos de vista trazidos para dentro do discurso pelo locutor responsável pelo discurso como um todo, não se podendo atribuir a eles trechos específicos de fala. Como demonstra Ducrot (1987), eles “falam” no sentido da enunciação, mas não no sentido material do termo, diferindo em natureza dos locutores presentes na polifonia de locutores.

Dizemos que um enunciado ativa polifonia de enunciadores quando nele podemos encontrar a presença de pontos de vista que demonstrem uma posição, atitude, ou perspectiva ante alguma coisa informada no enunciado. Convém ainda pontuar que, para Ducrot (1988), a descrição do sentido de um enunciado polifônico não consiste apenas em identificar quais são esses pontos de vistas (os enunciadores) presentes, mas em averiguar quais os posicionamentos assumidos pelo locutor em relação a esses pontos de vista, isto é, ele os assimila, rechaça-os ou simplesmente os apresenta?

Várias estratégias ou mecanismos linguísticos podem ativar a polifonia de enunciadores em um enunciado linguístico. Vejamos alguns deles.

2.3.2.1 Negação

Em um enunciado negativo não-P, temos, como explica Ducrot (1988), dois enunciadores: um primeiro enunciador E1 que expressa um ponto de vista qualquer P, e um

⁷ Chamo de enunciadores as fontes dos diferentes pontos de vista que se apresentam nos enunciados. Eles não são pessoas, mas “pontos de vista” abstratos. O próprio locutor pode se identificar com alguns desses enunciadores, mas, na maioria dos casos, ele os apresenta mantendo certa distância. (Tradução nossa)

segundo enunciador E2 que realiza o rechaço desse ponto de vista, como ocorre no exemplo a seguir (09).

Exemplo 09

Eu não comi o bolo de chocolate que estava em cima da mesa.

Ao dizer o enunciado negativo acima (09), ponho em cena, de certa forma, o ponto de vista positivo de que eu teria comido o bolo de chocolate que estava em cima da mesa (E1- Eu comi o bolo...). O segundo enunciador que se opõe a esse primeiro é aquele que está expresso textualmente na negação “Não fui eu ...”, que ativa o ponto de vista (E2- Eu não comi o bolo).

Esses pontos de vista existem e podem ser facilmente apreendidos. Para os observar, poderíamos pensar em uma situação em que o falante A pergunta: “onde está o bolo que estava em cima da mesa?”, de modo que o falante B responde o enunciado (09) para negar que tenha culpa. Em outras palavras, o falante B precisa trazer para a cena enunciativa o ponto de vista que ele teria comido o bolo, para, em seguida, poder negá-lo. O que revela, como diz Ducrot (1988), que um enunciado negativo nada mais é do que uma espécie de diálogo entre dois enunciadores contrários entre si (positivo e negativo) e, que, de certa maneira, por trás da maioria das negações existe uma afirmação subjacente.

Convém destacar brevemente que, para Ducrot (1987), existem três tipos de negação: a descritiva, a metalinguística e a polêmica. Na negação descritiva, o locutor responsável pelo discurso simplesmente representa um estado negativo, uma constatação sobre o estado das coisas, como, por exemplo alguém que abre o armário, percebendo que não há nada ali diz: “não temos comida em casa”. Na negação metalinguística, o locutor discursivo se opõe a uma afirmação feita anteriormente por algum locutor, negando-a por completo, por exemplo, “você disse que o carro tinha jogado o lixo fora, mas não fez isso”, caracterizando um caso de polifonia de locutores.

Por sua vez, na negação polêmica, que “corresponde ‘a maior parte dos enunciados negativos’”, o locutor discursivo “opõe-se não a um *locutor*, mas a um *enunciador* E1, que coloca em cena no seu próprio discurso, e que pode não ser assimilado” (DUCROT, 1987, p. 204, grifos do autor). Por não ser uma oposição ao dizer de um locutor específico, mas a um ponto de vista específico, a negação polêmica configura-se como um caso não de polifonia de locutores, mas de enunciadores, visto que a oposição é interna ao próprio enunciado. Observe

como isso ocorreu em 09, A não diz que foi B que tinha comido o bolo, se ele o tivesse feito 09 seria um caso de negação metalinguística, pois a negação feita por B estaria relacionada ao rechaço de um dizer externo. Mas ao dizer “onde está o bolo?” e B proferir “não fui eu que comi o bolo”, ocorre a ativação de dois pontos de vista E1 e E2 opostos entre si, caracterizando um caso de polifonia de enunciadores, tendo em vista que o rechaço ou a oposição é feito a um ponto de vista interno ao enunciado.

Outro recurso linguístico que ativa a polifonia de enunciadores é o uso de expressões pressupositivas iterativas, de mudança ou permanência de estado em enunciados.

2.3.2.2 Expressões pressupositivas iterativas, de mudança ou permanência de estado

Outra estratégia semântica que ativa a polifonia de enunciadores é a pressuposição linguística. De acordo, com Ducrot (1987), a pressuposição envolve a presença de conteúdos informacionais expressos no próprio enunciado, chamados postos, e a presença de conteúdos informacionais não expressos, mas que podem ser inferidos ou depreendidos, chamados pressupostos. Observe o exemplo a seguir

Exemplo 10

João *ficou* pobre

Em um enunciado como 10, temos como posto a informação presente textualmente no enunciado (João *ficou* pobre) e, como pressuposto, a informação de que anteriormente João não era pobre (Ele era rico). Essa primeira informação que destaca a atual condição pobre de João configura-se como o ponto de vista um (E1). Por sua vez, a informação que destaca a anterior condição de riqueza material de João configura-se como o ponto de vista dois (E2). Ambos são pontos de vista postos em cena pelo locutor discursivo responsável pelo enunciado (10). Ao mesmo tempo, nota-se que ele, o locutor, assume determinados posicionamentos em relação aos enunciadores que introduz: ele assimila o posto E1 e aprova o pressuposto E2, como propõe o próprio Ducrot (1988).

Existem várias maneiras de ativar a pressuposição em enunciados linguísticos, aqui neste trabalho, vamos destacar apenas alguns – aqueles que nos interessam para analisar nosso *corpus* de charges – são elas as expressões pressupositivas iterativas e expressões de mudança ou permanência de estado. Chamamos *expressões iterativas*, conforme Moura (2000), aquelas

expressões que deixam implícitas que determinada ação indicada no enunciado já havia ocorrido anteriormente em outro momento. Observe o exemplo a seguir

Exemplo 11

João ganhou *de novo* na loteria.

Em um enunciado como 11, a expressão iterativa “de novo” deixa posto no enunciado a informação de que João ganhou na loteria recentemente (E1) e, como pressuposto, a informação de que ele já havia ganhado outra vez (E2). Ambos são pontos de vista postos em cena pelo locutor discursivo responsável pelo enunciado (11), que assimila o posto E1 e aprova o pressuposto E2.

Também, expressões que indicam mudança ou permanência de estado são igualmente mecanismos ativadores de pressupostos e, por consequência, da polifonia de enunciadores. Chamamos aqui expressões de *permanência de estado*, conforme Moura (2000), aquelas expressões presentes em enunciados que contenham conteúdos semânticos que impliquem em permanência ou continuidade ininterrupta de um estado qualquer. Observe o exemplo 12.

Exemplo 12

João continua rico.

Em 12, o verbo “continuar”, que indica permanência de estado, deixa posto no enunciado a informação presente textualmente de que João permanece abastado (E1) e, como pressuposto, a informação de que ele já era rico antes (E2). O locutor discursivo responsável pelo enunciado (12) assimila o posto E1 e aprova o pressuposto E2.

Por outro lado, compreende-se como *expressões de mudança de estado*, conforme Moura (2000), aquelas expressões presentes em enunciados que contenham conteúdos semânticos que assinalem alteração de um estado qualquer. Como ocorre no já citado exemplo 10, em que temos como posto a informação de que atualmente João não possui muitos bens (E1) e, como pressuposto, a informação de que anteriormente João era rico (E2), de modo que ele assimila E1 e aprova E2.

Outro recurso linguístico que ativa a polifonia de enunciadores é o uso de operadores argumentativos em enunciados.

2.3.2.3 Operadores argumentativos

Já tocamos em alguns pontos sobre os operadores argumentativos e a importância deles para a construção da argumentação e direcionamento discursivo ainda neste mesmo capítulo, em uma seção textual anterior. Também apresentamos o conceito de operadores argumentativos e demos exemplos de alguns dos tipos de operadores argumentativos existentes, segundo as relações de sentido que estabelecem no enunciado. Porém não descrevemos em detalhes a relação dos operadores argumentativos com a polifonia de enunciadores, de modo que precisamos justificar a inclusão deles na seção de mecanismos que ativam esse tipo de polifonia.

Poderíamos citar vários operadores para demonstrar como é a estreita relação entre eles e a polifonia, no entanto optaremos por descrever brevemente o funcionamento enunciativo do operador argumentativo de contraposição *Mas*. A opção por esse operador justifica-se pelo fato de a presença dele em um enunciado ser capaz de ativar diversos pontos de vista ao mesmo tempo, bem como uma segunda justificativa reside na frequência que ele apareceu em charges de nosso *corpus*, de modo que a explanação deste operador agora nos será útil posteriormente para melhor compreender as análises que realizaremos a *posteriori* no capítulo de análises.

Exemplo 13

Ele é rico, mas é infeliz

A presença do operador argumentativo de contraposição *Mas*, no exemplo 09, funciona como um mecanismo ativador de polifonia de enunciadores, como demonstra Ducrot (1988), isso porque, ao contrapor o segmento inicial “ele é rico”, com o segmento final “não é feliz”, deixam-se implícitos vários pontos de vistas que ativam determinadas conclusões (r e não $\sim r$).

Analisando mais atentamente o enunciado, encontramos um ponto de vista inicial (E1) – Ele é rico –, que ativa uma conclusão r – a riqueza traz a felicidade –, conclusão essa que se apresenta enquanto um segundo enunciador (E2). Tal conclusão é contraposta pelo uso do operador de contraposição *mas* a um terceiro enunciador (E3), que aponta o rechaço da felicidade – Mas é infeliz –, do qual se pode depreender um quarto enunciador (E4) – a riqueza não traz a felicidade –, sendo essa a conclusão $\sim r$, que se opõe à conclusão r (E2 – a riqueza traz a felicidade).

Convém destacar também que, ao enunciar a sentença presente no exemplo 13, o locutor assume determinados posicionamentos a respeito dos enunciadores que ele põe na cena enunciativa. Se analisarmos atentamente o enunciado perceberemos que ele apresenta E1 (ele é rico), rechaça E2 (a riqueza traz a felicidade), identifica-se com E3 (mas não é feliz) e com E4 (a riqueza não traz a felicidade). Percebemos, pois, que podem ser depreendidos vários pontos de vista e conclusões a partir da análise dos operadores argumentativos em um determinado enunciado, como demonstra Ducrot (1988).

Como vimos, Ducrot, ao analisar enunciados linguísticos, conseguiu identificar dois diferentes tipos de polifonia: a polifonia de locutores e a polifonia de enunciadores. Todavia elas não são as únicas. Com o avanço dos estudos polifônicos na área da argumentação, diversos pesquisadores constataram outras manifestações do fenômeno polifônico, como veremos a seguir. Iniciemos nossa incursão observando o fenômeno do SE-locutor.

2.3.3 O SE-locutor

O fenômeno do SE-locutor (*ON-locuteur*) difere da polifonia de locutores, tradicionalmente descrita por Ducrot. Enquanto que nesta última ocorre comumente a introdução da voz de um segundo locutor, que está expressamente identificado no enunciado, em enunciados com a presença do SE-locutor, ocorre, de forma simplista, a introdução de uma voz coletiva e anônima, que nem sempre aparece identificada.

Quem primeiro identificou esse tipo de polifonia foi Anscombre (2010). Segundo o autor, o SE-locutor se caracteriza por ter três propriedades: ele é a representação de uma voz coletiva, ele possui características de uma voz anônima e é introduzido dentro do discurso por um locutor qualquer.

Rappelons qu'un ON-locuteur est caractérisé par trois propriétés: a) Il s'agit d'une voix (ici constitutive) du discours mis en place par le locuteur; b) Cette voix est collective; c) Cette voix est anonyme. (ANSCOMBRE, 2010, p. 42)⁸

De acordo com Nascimento (2015; 2018), o SE-locutor caracteriza-se enquanto uma voz genérica e impessoalizada evocada pelo locutor responsável pelo enunciado e introduzido, geralmente, por construções frásicas associadas à noção de impessoalidade, como

8 Lembre-se de que um SE-locutor é caracterizado por três propriedades: a) É uma voz (aqui constitutiva) do discurso posta em prática pelo locutor; b) Essa voz é coletiva; c) Esta voz é anônima. (Tradução nossa)

o uso do verbo na terceira pessoa + partícula de indeterminação *se* (afirma-se, diz-se etc), citações genéricas introduzidas por certas conjunções (segundo, conforme etc), ou ainda a alusão a uma voz coletiva, a voz da *doxa* (provérbios, expressões populares etc.), na qual o locutor como ser do mundo (λ) pode ou não estar incluído.

Ao investigar o gênero reportagem jornalística com temáticas voltadas a questões políticas, Nascimento (2018) pôde constatar a ocorrência do fenômeno do SE-locutor em seu *corpus* de reportagens. Notadamente a presença desse fenômeno polifônico estava associada nos textos jornalísticos majoritariamente à introdução da voz de um sujeito coletivo introduzido pelo locutor-repórter, o sujeito responsável pelo discurso como um todo. Geralmente esses SE-locutores se referiam a determinado pronunciamento de algum órgão ou instituição pública (*Procuradoria-Geral da República, a Polícia Federal* etc), mas também podiam referir-se a conjuntos de indivíduos com contornos pouco definidos (*especialistas, grupo de juristas, pessoas entrevistadas em pesquisas* etc). Observe o exemplo a seguir:

Exemplo 14

O Judiciário, o principal objeto de pesquisa, atingiu o nível mais baixo da série iniciada em 2009: só 24% das pessoas entrevistadas disseram acreditar na justiça.

Retirado de Nascimento (2018), o exemplo 14 contém um caso de SE-locutor introduzido pelo locutor-repórter (L1), a saber, a voz coletiva e anônima das 24% de pessoas entrevistadas que relataram acreditar na justiça. Em primeiro lugar, podemos classificar “24% das pessoas entrevistadas” como uma ocorrência de SE-locutor, porquanto se é possível atribuir a ele determinado trecho de fala que aparece em estilo indireto introduzido pelo verbo *dicendi* “dizer”, o trecho *acreditar na justiça*.

Em segundo lugar, como explica Nascimento (2018), tem-se, no enunciado, a representação de um sujeito discursivo coletivo de contornos pouco definidos, porquanto se é impossível identificar precisamente os indivíduos que compõem o conjunto desse SE-locutor (24% das pessoas entrevistadas). O que temos é apenas uma noção de seus contornos, de que ele representa uma fatia de 24% de um conjunto total de 100%, portanto se apresenta como uma voz anônima e coletiva introduzida dentro do discurso de L1. E, apesar dessa voz ter contornos fronteiros pouco definidos, isso não impede, como diz Nascimento (2020, p. 08), que seja identificado no enunciado origem dessa voz coletiva

Nesse sentido, o fenômeno da evocação do SE-Locutor por parte de um locutor responsável pelo discurso (L1) constitui-se um caso particular de polifonia [...] uma vez que essa voz coletiva não é atribuída, explicitamente, a um segundo locutor, enquanto ser do discurso, no próprio enunciado. Isso não impede, obviamente, que identifiquemos de onde parte essa voz coletiva, mesmo considerando seus limites fronteiriços [...]

Portanto, o fenômeno da evocação do SE-Locutor para dentro do discurso de um L1 pode efetivamente ser classificado como uma manifestação do fenômeno semântico-argumentativo da polifonia. Vejamos agora o outro tipo particular de polifonia e como ela pode ser ativada através de diferentes recursos.

2.3.4 A intertextualidade

A intertextualidade, como diz Koch (2004), envolve a recuperação de um texto-fonte, ou intertexto, anteriormente produzido, de conhecimento dos interlocutores ou da sociedade de um modo geral. Ainda, de acordo com a autora, a intertextualidade pode ser de dois tipos: explícita e implícita. Quando a menção ao texto-fonte é feita no próprio texto, será explícita, tal como ocorre nas citações, referências, menções, resumos ou resenhas. Porém, quando não há identificação do autor do texto-fonte, a intertextualidade será implícita, cabendo ao leitor ser capaz de recuperar o intertexto. Esse é o caso, por exemplo, das alusões feitas em determinados textos a trechos ou títulos de obras literárias, músicas populares conhecidas, bordões ou ditos populares famosos, como ilustra Koch (2004).

A autora demonstra também que o dizer alheio pode ser recuperado de duas formas principais, através de *captação* e de *subversão*. Quando o dito alheio é trazido para dentro do enunciado com a mesma orientação argumentativa do contexto original, dizemos que houve um processo de *captação* do dizer alheio. Por outro lado, quando o dizer alheio é recuperado para ser parodiado, ridicularizado, ou utilizado em um sentido contrário em relação ao que tinha no contexto original, temos um caso de intertextualidade por *subversão* – o que é bastante comum em discursos irônicos. A intertextualidade é muito comum em charges, observe os exemplos a seguir.

Exemplo 15

Figura 01 – Captação de discurso alheio



Fonte: A Charge Online, 2018

A expressão “direita, volver”, presente nesta charge, faz referência a um comando militar específico que dita que os soldados subordinados virem-se à direita. Percebe-se, pois, que L1, o locutor-chargista, utilizando de intertextualidade, retoma o texto-fonte da ordem militar “direita, volver” e o introduz em seu discurso com a mesma orientação semântica do contexto fonte original, caracterizando um caso de intertextualidade por captação. Por sua vez, na charge a seguir (16) ocorre algo dessemelhante.

Exemplo 16

Figura 02 – subversão de discurso alheio



Fonte: A Charge Online, 2018

Em 16, a expressão “Brasil acima de todos e o Trump em cima de nós” é uma referência parodística ao slogan da campanha presidencial de Jair Bolsonaro, que rezava “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Ao subverter o discurso original, o chargista cria determinados efeitos de sentido que alteram completamente a orientação semântico-argumentativa do texto-fonte, o qual deixa de indicar um sentimento de submissão à pátria ou a Deus e passa a expressar um feitiço de submissão – ou subserviência – do governo brasileiro e seu presidente

aos Estados Unidos e seu presidente Donald Trump. Tal alteração no sentido original do *slogan* caracteriza um caso de intertextualidade por subversão.

Para Koch (2004), a intertextualidade é uma das facetas do fenômeno mais amplo que é a polifonia. Isso porque, enquanto, na intertextualidade, exige-se a presença de um intertexto implícito ou explícito de conhecimento coletivo, na polifonia, precisa-se apenas da introdução de uma voz alheia.

Quando se incorporam textos anteriormente atestados [...] tem-se a intertextualidade [...] quando tal não acontece, já não se trata de intertextualidade (que como vimos, exige a presença de um intertexto), mas apenas de polifonia. (KOCH, 2004, p. 154)

Como a autora demonstra, podemos então enquadrar a intertextualidade dentro do complexo fenômeno semântico-argumentativo e enunciativo da polifonia como uma de suas mais importantes manifestações.

A seguir, veremos outro fenômeno argumentativo enunciativo que, muitas vezes, se combina com a polifonia para expressar orientação discursiva: a modalização discursiva.

2.4 O fenômeno da modalização

A modalização é um fenômeno semântico-argumentativo e pragmático que está presente em muitos enunciados linguísticos, como dizem Nascimento e Silva (2012). É semântico-argumentativo, porque dá direcionamento discursivo, em razão de determinadas continuações ou conclusões, ao sentido do enunciado; é pragmático, porque deixa marca das prováveis intenções do falante em função de atuar no interlocutor de determinadas maneiras, como explicam Nascimento e Silva:

Os estudos sobre a modalização apresentam-na como um fenômeno que permite ao locutor deixar registrado, no seu discurso, marcas de sua subjetividade através de determinados elementos linguístico-discursivos e, portanto imprimir um modo como esse discurso deve ser lido. Dessa forma age em função da interlocução. (NASCIMENTO & SILVA, 2012, p. 64)

Koch (2002) diz que a modalização, ou modalidade⁹, discursiva é uma estratégia que tanto possibilita a determinado sujeito discursivo assumir diferentes atitudes em relação ao que está sendo dito no enunciado, como também indicar o modo como ele deseja apresentar

⁹ Apesar do conceito de modalização e modalidade apresentarem diferenças para alguns autores, neste trabalho, não pretendemos nos aprofundar em tais distinções teóricas, por isso utilizaremos simplesmente um termo pelo outro.

certa informação para o interlocutor, por exemplo, como algo certo, algo possível, ou ainda, obrigatório. Quando um enunciado é modalizado, de acordo com a autora, o locutor deixa certas pistas em ordem a orientar o interlocutor durante o processo de construção de sentidos. Além disso, quando o locutor apresenta, por exemplo, determinado trecho como certo ou necessário, ele tanto compromete sua ‘credibilidade’, quanto realiza uma sorte de apreciação em relação ao conteúdo informacional do enunciado, uma vez que, ao julgar determinada coisa ou ação como certa ou verdadeira, ele delimita ou instrui o interlocutor agir de determinadas maneiras, tendo em vista o caráter apresentado de certeza do enunciado.

O fenômeno semântico da modalização expressa-se, nos enunciados, através de elementos linguísticos chamados modalizadores, os quais podem ser classificados de acordo com o tipo de modalização que exprimem. Para fins deste trabalho, utilizaremos doravante a classificação dos modalizadores feita por Nascimento e Silva (2012)¹⁰. Entre os tipos de modalização identificadas pelos autores estão a modalização epistêmica, a modalização deôntica, a modalização avaliativa e a delimitadora, vejamos cada uma delas e suas subdivisões mais detalhadamente a partir de agora.

2.4.1 Modalização epistêmica

A modalização epistêmica acontece quando o sujeito responsável pelo discurso manifesta uma avaliação sobre o caráter de certeza ou verdade do que está expresso textualmente no enunciado. Essa avaliação pode ser de três tipos: asseverativa, quase-asseverativa ou habilitativa.

A modalização epistêmica asseverativa é aquela em que o locutor “considera verdadeiro o conteúdo do enunciado e, conseqüentemente, se responsabiliza pelo dito” (NASCIMENTO&SILVA, 2012, p. 81), deixando sinalizando para o interlocutor a veracidade das informações apresentadas. Observe o exemplo a seguir.

Exemplo 17

Com certeza irá chover amanhã

¹⁰ Convém pontuar que a classificação desses autores parte da classificação inicial de Castilho & Castilho (1993), que identificou três grandes grupos de modalizadores: epistêmicos, deônticos e afetivos.

No exemplo (17), ocorre uma asseveração do conteúdo informacional do enunciado. Isso ocorre porque a locução adverbial *com certeza* funciona como um elemento linguístico que modaliza toda a sentença, atribuindo-lhe um caráter de certeza e confiabilidade. Também, ao falar o enunciado 17, é perceptível que o locutor se compromete com a informação veiculada, exibindo o grau máximo de engajamento ao apresentar o enunciado sob os termos de algo garantido ou factual.

Na *modalização* epistêmica quase-asseverativa, por sua vez, o locutor atribui ao enunciado, como dizem Nascimento e Silva (2012), o valor de algo provável ou quase certo. Observe o exemplo a seguir.

Exemplo 18

Provavelmente irá chover amanhã.

No exemplo (18), ocorre uma quase-asseveração acerca do conteúdo informacional do enunciado. Isso ocorre porque o locutor apresenta como uma possibilidade, e não como uma certeza, a informação de que choverá amanhã, sendo o advérbio *provavelmente* o modalizador responsável por atribuir tal efeito de incerteza ao enunciado. É interessante notar, ao compararmos este tipo de modalização com a expressa no parágrafo anterior, que, enquanto naquela há engajamento máximo do sujeito falante, na modalização quase-asseverativa, esse engajamento é parcial e, às vezes, nulo, uma vez que o locutor não se compromete totalmente com o dito e, logo, não poderá ser responsabilizado pelo seu eventual não cumprimento.

A epistêmica habilitativa é aquela em que o locutor “expressa que algo ou alguém tem a capacidade de realizar algo e assim o faz porque tem conhecimento a esse respeito” (NASCIMENTO&SILVA, 2012, p. 81). Dito de outra forma, o falante deixa marcado, no enunciado, a aptidão de certo indivíduo em realizar determinada tarefa. Observe o exemplo a seguir.

Exemplo 19

Aqueles que tiverem guarda-chuva poderão sair à chuva.

No exemplo (19), o locutor responsável pelo enunciado deixa sinalizado, através do verbo modalizador habilitativo *poder*, que os indivíduos que se adequam a certos critérios estão habilitados para realizar determinada ação, isto é, sair à chuva.

Outro tipo de modalização é a modalização deôntica, que, diferentemente da modalização epistêmica, não incide sobre o caráter de “verdade” do enunciado, mas sobre as noções de obrigatoriedade, proibição, permissão ou volição presente no conteúdo do enunciado.

2.4.2 Modalização deôntica

A modalização deôntica acontece quando o sujeito falante imputa as ideias de obrigatoriedade, permissão, proibição ou volição a alguma informação presente no enunciado. A modalização deôntica, de acordo com Nascimento e Silva (2012) varia em graus, podendo ser dividida em quatro tipos: obrigatoriedade; proibição; possibilidade e volição.

Modalização de obrigatoriedade é aquela em que o locutor deixa sinalizado no enunciado que determinado pedido ou ordem deve ser encarada pelo interlocutor como algo necessário ou obrigatório. Observe o exemplo a seguir.

Exemplo 20

O uso do cinto de segurança é obrigatório para os condutores de veículos

No exemplo (20), o locutor responsável pelo enunciado deixa marcado, através de uma expressão modalizadora deôntica manifestada na forma verbal predicativa *ser* + *adjetivo obrigatório*, que ao interlocutor impõe-se a realização de determinada tarefa: o uso do cinto de segurança.

A modalização proibitiva é similar à modalização expressa no parágrafo anterior, no sentido em que impõe uma norma, ou obrigação, que precisa ser obedecida pelo interlocutor. Porém, na modalização proibitiva, esta norma ou obrigação expressa-se através de uma restrição ou interdição do agir do outro. Observe o exemplo a seguir.

Exemplo 21

Está proibido o consumo de bebidas alcoólicas neste recinto.

Nesse exemplo (21), o locutor responsável pelo enunciado deixa sinalizado, através de uma expressão modalizadora deôntica manifestada na forma verbal predicativa *estar* +

adjetivo proibido, que ao interlocutor está imposta a proibição de consumir bebidas alcoólicas em certo espaço.

A modalização de possibilidade ou permissão, como dizem Nascimento e Silva (2012, p. 85), é aquela em que “o conteúdo da proposição é algo facultativo e/ou quando o interlocutor tem a permissão para exercê-lo ou adotá-lo”. Dito de outra forma, o locutor apresenta o enunciado como algo optativo ou facultativo, deixando aberta a possibilidade para que o interlocutor realize determinada tarefa. Observe o exemplo a seguir.

Exemplo 22

Pode chegar mais perto.

Nesse exemplo (22), o locutor responsável pelo enunciado deixa marcado linguisticamente, por meio de uma expressão modalizadora deôntica manifestada através do verbo *poder*, que o interlocutor tem permissão para realizar determinada ação: aproximar-se.

A modalização volitiva ocorre “quando o modalizador expressa um desejo ou vontade, por parte do locutor” (NASCIMENTO&SILVA, 2012, p. 86). Em outras palavras, na modalização volitiva, temos uma forma mais polida de o locutor expressar orientação ou instrução ao interlocutor. Observe o exemplo a seguir.

Exemplo 23

Eu gostaria que você apagasse seu cigarro.

Nesse exemplo (23), o locutor responsável pelo enunciado deixa sinalizado, por meio de uma expressão modalizadora deôntica manifestada através do verbo *gostaria*, que ele deseja que o interlocutor realize determinada ação: apagar o cigarro.

Outro tipo de modalização proposto pelos autores é a modalização avaliativa, conforme veremos a seguir.

2.4.3 Modalização avaliativa

Já vimos que, na modalização epistêmica, o falante evidencia o grau de certeza do enunciado e, na modalização deôntica, há uma ênfase nas ideias de obrigação, permissão, proibição ou volição do conteúdo do enunciado. Na modalização avaliativa, por sua vez,

temos a exteriorização de um julgamento ou apreciação acerca de algum aspecto presente no conteúdo do enunciado, excluídas todas as avaliações de ordem epistêmicas e deônticas, conforme assinalam Nascimento e Silva (2012). Observe o exemplo a seguir.

Exemplo 24

Infelizmente você não passou no teste.

Nesse exemplo (24), o advérbio de modo *infelizmente* é um modalizador avaliativo que modaliza toda a sentença *você não passou no teste*. Ao usar tal recurso linguístico argumentativo, o locutor discursivo deixa sinalizado ao interlocutor o modo como o enunciado deve ser lido (como tendo sido uma infelicidade a não aprovação do outro), expressando, também, a sua reação subjetiva (eu me sinto infeliz ao informar que você não passou no teste). É notável como a presença dos modalizadores é indispensável para a construção do sentido dos enunciados em que estão presentes, uma vez que, se retirássemos o modalizador do exemplo acima, a sentença ficaria “você não passou”, não havendo nenhuma indicação linguística explícita deixada pelo locutor para saber se tal informação deve ser encarada como algo favorável ou não.

Ainda um último tipo de modalização apontado por Nascimento e Silva (2012) é a modalização delimitadora.

2.4.4 Modalização delimitadora

A modalização delimitadora é aquela que “estabelece os limites dentro dos quais se deve considerar o conteúdo da proposição” (NASCIMENTO&SILVA, 2012, p. 89), isto é, ela indica dentro de que circunstâncias o enunciado deve ser compreendido pelo interlocutor. Observe o exemplo a seguir (25).

Exemplo 25

Financeiramente falando, seu projeto não vai dar certo.

No exemplo 25, a expressão modalizadora financeiramente falando estabelece os limites em que o conteúdo do enunciado deve ser considerado pelo interlocutor, de modo que, ao

proferir essa sentença, o locutor está pontuando que, de um ponto de vista financeiro, o projeto em questão irá fracassar.

2.4.5 Relações de coocorrência entre a modalização e a polifonia

Além dos advérbios e adjetivos, que em sua maioria exprimem valores modais, alguns verbos e outros recursos linguísticos – e extralinguísticos – podem expressar função modalizante. Koch (2002) alista vários deles, dentre os quais, poderíamos citar: performativos explícitos (eu proíbo, eu ordeno); auxiliares modais (poder, dever); certos modos e tempos verbais (imperativo, certos empregos do modo subjuntivo); operadores argumentativos e, até mesmo, a entonação, presente em enunciados orais.

É necessário se compreender também que uma mesma forma linguística pode ter mais de uma função modalizadora, a depender do contexto e dos valores semânticos por ele expresso, como explicam Nascimento e Silva (2012): “Convém ainda ressaltar que um mesmo item lexical pode expressar diferentes modalidades, gerando efeitos de sentido diferentes”. É o caso, por exemplo, do verbo polissêmico *poder*, que dependendo do contexto, às vezes, pode ter valor de modalizador deôntico, em outros casos, de modalizador epistêmico. Além disso, um modalizador específico, às vezes, pode se associar, em certos enunciados, com outros tipos de modalizadores, de modo a produzir efeitos de sentido particulares a partir da combinação de diferentes tipos de modalização. Segundo Nascimento e Silva 2012, essa estratégia semântico-argumentativa chama-se coocorrência modal e é uma maneira de o locutor responsável pelo enunciado utilizar as diferentes possibilidades que a língua lhe oferece, a fim de transmitir os mais diferentes efeitos de sentido, ora por se comprometer, ora se distanciar em relação ao que está expresso informativamente no enunciado.

É interessante notar também que os fenômenos semântico-argumentativos da polifonia e da modalização podem ocorrer em conjunto, de modo a gerar efeitos de sentido combinados particulares. Observe o exemplo a seguir, retirado de Nascimento (2018, grifos do autor:

Exemplo 26: Gravado numa conversa indecorosa com Joesley Batista, na qual achacava o empresário em 2 milhões de reais e *recomendava em tom jocoso* que a quantia fosse entregue a alguém que pudesse ser morto antes de fazer delação.

Esse exemplo (26), trecho de uma reportagem política brasileira da Veja, traz um relato de fala em estilo indireto que está marcado em sublinhado (a quantia fosse entregue a alguém que pudesse ser morto antes de fazer delação) de L2, Joesley Batista. Nota-se que esse segundo locutor foi introduzido dentro do texto da reportagem pelo locutor-repórter (L1), caracterizando um caso de polifonia de locutores materializada sob a forma de relato em estilo indireto.

Mas não só isso, a escolha lexical que o sujeito responsável pelo discurso como um todo faz ao introduzir a voz de um locutor externo diz muito sobre como ele deseja que o enunciado seja lido pelo interlocutor. Ao utilizar o verbo *dicendi* “recomendar” em conjunto com a expressão “em tom jocoso”, o locutor-repórter realiza uma apreciação ou julgamento sobre a voz que introduz em seu discurso, caracterizando também um caso de modalização discursiva avaliativa, porquanto L1 valoriza que Joesley (L2) foi jocoso ao recomendar que a quantia de 2 milhões de reais fosse entregue a alguém que pudesse ser morto antes de fazer delação. Desse modo, vemos que, em certos casos, a polifonia pode atuar em conjunto com a modalização para entregar efeitos de sentido combinados.

Após essa apresentação dos estudos sobre Argumentação e dos fenômenos que materializam a argumentação na língua, tais como a Modalização Discursiva e a Polifonia de locutores, veremos agora outra teoria essencial que fundamenta este estudo, a Teoria dos Gêneros Discursivos. Além disso, veremos como é possível aplicar essa teoria ao gênero proposto para análise – o gênero charge jornalística.

3 OS GÊNEROS DISCURSIVOS

Neste capítulo, discorreremos sobre a definição de gêneros discursivos, os elementos constituintes de um gênero e as implicações desses conceitos, tal como posto por Bakhtin (2011). Tomamos aqui também contribuições advindas de Marcushi (2008) em relação à área dos gêneros e dos domínios discursivos, bem como de Romualdo (2000), em relação à natureza particular do gênero charge.

Em seguida, trazemos uma caracterização do gênero charge, aplicando os três aspectos básicos constituintes postulados por Bakhtin (2001): conteúdo temático; o estilo verbal e a construção composicional, em charges coletadas por nós.

3.1 Os gêneros discursivos e seu uso social

Diz-se que o estudo das relações sociais passa, antes de tudo, pelo estudo da língua(gem). Isso ocorre, em especial, porque a língua é um instrumento comunicativo eminentemente social e interativo, estando seu uso diretamente relacionado aos diversos campos de atuação humana. Um dos teóricos que apresenta esse tipo de visão social da linguagem é Bakhtin.

Para Bakhtin (2011), à medida que as relações sociais e os campos de atuação humana foram se complexificando, com a evolução das relações sociais humanas, novos usos sociais da linguagem surgiram no organismo social, e alguns dos já existentes acabaram por modificar-se. Esses usos sociais materializam-se em diferentes textos (ou enunciados linguísticos) que visam cumprir determinadas funções comunicativas.

Apesar de serem bastante variados entre si, tendo em vista as variadas necessidades de uma sociedade hipermoderna e globalizada como a nossa, é possível notar que muitos dos textos em circulação atualmente apresentam características estruturais e funções comunicativas em comum, o que os permitem ser classificados sobre um rótulo teórico comum de gêneros discursivos. Foi isso que Bakhtin (2011) se apercebeu, ao observar o caráter social da linguagem e a complexa relação dela com os campos de atividades humanas. Ele notou que, apesar da heterogeneidade dos gêneros, é possível estabelecer critérios classificatórios comuns para o estudo dos gêneros.

Por gêneros, Bakhtin (2011) compreende *tipos relativamente estáveis de enunciados*, isto é, quando certos textos ou enunciados apresentam características estruturais e

comunicativas em comum, em razão de determinada funcionalidade, eles passam a se constituir enquanto um determinado gênero discursivo. Os gêneros podem englobar desde as produções orais informais, como a simples réplica do diálogo; as orais mais formais, como uma ordem militar; as escritas informais, como um bilhete e, as escritas formais, como um romance clássico de muitos volumes, por exemplo.

Alguns conceitos fundamentais, em Bakhtin (2011), residem na distinção entre enunciado e gênero e a diferenciação gênero primário e secundário. Para Bakhtin, texto é a particular ocorrência de um enunciado linguístico, já gênero corresponde a uma estrutura formal mais ou menos padronizada, que possui fins comunicativos específicos. Em outras palavras, podemos dizer também que todo texto é a ocorrência de um gênero em específico.

Os gêneros podem ser divididos em primários e secundários, baseados em suas características e complexidade. Os gêneros secundários são produzidos e circulam em circunstâncias sociais e culturais mais complexa, como, por exemplo, os gêneros do universo jornalístico, literário e científico, que estão relacionados contextos informacionais mais complexos. Já os gêneros primários, são geralmente mais simples e menos formais, por exemplo, os gêneros relacionados ao dia a dia, como a réplica do diálogo, o bilhete, piada etc que não exigem um contexto de produção tão refinado. Bakhtin explica também que os gêneros primários podem absorver os secundários. Por exemplo, ele cita o romance como um gênero secundário da modalidade escrita literária, em que, dentro dele, podemos encontrar diversos gêneros primários, como a réplica do diálogo, cartas pessoais, piadas que, quando dissociados do gênero que os absorve, nada significam, tendo em vista que eles possuem sentido apenas quando compreendidos dentro do todo do romance.

Para Bakhtin (2011), a heterogeneidade dos gêneros, marcada pela grande variedade existente de gêneros e número quase infinito deles, é um reflexo da concepção sócio-histórica da linguagem:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p. 262)

Segundo a visão sócio-histórica da linguagem, a qual Bakhtin (2011) adota, a língua(gem) está indissociavelmente ligada à construção da realidade social, porquanto ela, ao mesmo tempo, que constitui é constituída pelas muitas esferas da atuação humana. Partindo

desse princípio, é possível explicar por que novos gêneros discursivos podem surgir, ou velhos desaparecer, tendo em vista alterações das necessidades comunicativas da sociedade. Além disso, podemos perceber que os aspectos funcionais comunicativos são fatores determinantes para a definição e caracterização do gênero, isto é, apesar da relevância dos aspectos formais estruturais, é perceptível que, muitas vezes, os aspectos funcionais se sobrepõem aos formais.

É como demonstra Marcuschi (2008) ao explicar que, em algumas situações, um gênero pode assumir a forma ou a função de outro gênero. Ele cita casos encontrados por ele, em que anúncios publicitários assumiram forma do gênero bula de remédio e cartas pessoais tomaram forma do gênero tirinha, no entanto, apesar de ter a forma transposta para um segundo gênero, o que prevaleceu foi a função comunicativa de anúncio ou carta, demonstrando, assim, que os aspectos funcionais relacionados ao fim comunicativo se sobrepõem aos formais na determinação do gênero.

Bakhtin observa que todos os gêneros existentes podem ser caracterizados a partir de três (3) elementos constituintes, são eles: o conteúdo temático; o estilo de linguagem e a construção composicional.

Temos como conteúdo temático de um gênero todos os temas possíveis e o querer-dizer do locutor, isto é, sua intencionalidade, acerca das temáticas que determinado gênero irá recorrentemente veicular. Esse aspecto é importante porque delimita o espectro de atuação de um gênero, de modo que ele não caminhe *ad infinitum* para qualquer tema ou tópico. É, virtualmente, impossível tratar todos tópicos existentes do arcabouço intelectual da humanidade utilizando apenas um único gênero discursivo – é para isso que existem vários deles, para que possamos adequar e tratar de diferentes assuntos, de acordo com o tópico e o contexto comunicativo e a intencionalidade (o querer-dizer).

Veja, por exemplo, que dificilmente alguém esperaria pegar uma bula e se deparar com o relato de um crime que aconteceu às 22 horas em determinado lugar. Igualmente estranho seria defrontar-se com uma notícia jornalística que trouxesse informações sobre posologia e contraindicações de um determinado medicamento, pois bula e notícia são gêneros bem diferentes, não só na estrutura interna, mas principalmente no conteúdo que se propõem a veicular.

Mas não precisamos ir muito longe para demonstrar a importância do conteúdo temático na caracterização de um determinado gênero, podemos inclusive utilizar gêneros próximos entre si, da mesma esfera discursiva. Veja, por exemplo, o gênero carta comercial,

que é diferente do gênero carta pessoal, que é diferente da carta oficial, todos eles são tipos de carta, mas cada um se propõe a veicular conteúdos informacionais diferentes, tendo em vista finalidades comunicativas específicas, que variam mais para o eixo da formalidade (no caso da carta oficial) ou mais para a informalidade (no caso da carta pessoal). Para Bakhtin, a mudança do conteúdo temático e de outros fatores, como a situação comunicativa, são suficientes para classificar um gênero como diferente de outros gêneros afins, como ele explica a seguir sobre a heterogeneidade do gênero réplica do diálogo.

Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano (saliente-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes), o relato do dia-a-dia, a carta (em todas as suas diversas formas) (BAKHTIN, 2011, p. 262)

Ao dizer que os gêneros variam e se diferenciam mediante a alteração dos tópicos temáticos, Bakhtin demonstra como é ampla a quantidade de gêneros a ser explorada. Além disso, que cada gênero tem um conteúdo temático mais ou menos estabelecido acaba por se tornar um ponto positivo para a interação, pois, quando nos deparamos com determinado gênero, estabelecemos estratégias prévias de leitura acerca do que esperamos encontrar em um texto, tornando mais fácil e conveniente a leitura dos gêneros de um modo geral, pois esperamos interagir de determinadas maneiras a respeito de determinados temas com o outro.

O *estilo de linguagem* está relacionado aos aspectos linguísticos mais recorrentes que aparecem em determinado gênero e o caracterizam enquanto tal. Por exemplo, é uma forma canônica que a maioria dos textos infantis do gênero fábula inicie-se pela expressão “Era uma vez...”, pode-se dizer então que essa expressão já faz parte da construção do estilo de linguagem desse gênero. Recursos linguístico-gramaticais, como o uso de verbos em determinado tempo ou modo, presença de conjunções, de tipologias textuais narrativas, injuntivas, descritivas etc caracterizam e fazem parte do que Bakhtin (2011) denomina estilo de linguagem dos gêneros discursivos.

Além disso, referente ao gênero que nos propusemos a investigar neste trabalho – o gênero charge – ao analisar nosso *corpus* de textos chárpicos nos concentramos em averiguar quais elementos linguísticos, estratégias e fenômenos semântico-argumentativos são mais recorrentes para a construção da argumentação e do direcionamento discursivo no texto da charge.

Sobre o conteúdo composicional, M. Bakhtin julga que esse seja o aspecto preponderante, no quesito caracterização e definição da própria identidade dos gêneros enquanto enunciados históricos:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua *mas, acima de tudo*, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2011, p. 261-262, grifo nosso)

Apesar de esses três elementos estarem intimamente inter-relacionados no enunciado, como diz Bakhtin, o conteúdo composicional é o fator preponderante na constituição do gênero, porque é ele quem determina, em grande medida, os aspectos relativos à forma e à estrutura do gênero. Por exemplo, é por um princípio convencional e estrutural da construção composicional que no gênero notícia se tenha nos parágrafos iniciais o *lead* da notícia com aquelas famosas informações (quem, como, por que, onde quando etc), assim como ocorre no gênero receita, em que a apresentação dos ingredientes vem sempre antes do modo de preparo, além de outros casos que poderíamos citar, em que há sempre um padrão formal em comum – uma espécie de modelo arquétipo – em que a produção de novos enunciados se molda em torno.

Apesar de ser um tema de interesse muito comum atualmente, o estudo dos gêneros não é algo novo. É o que nos diz Marcuschi (2008); para ele, estamos presenciando um *boom* de estudos na área, pela quantidade de estudos surgidos nas últimas décadas. Marcuschi afirma que o estudo dos gêneros não é novo, mas está na moda. Ele explica que os estudos mais antigos sobre gêneros que se tem registro remetem à Grécia Antiga, no período da Antiguidade Clássica, iniciando-se com Platão e tendo como maior expoente de contribuição Aristóteles.

Atualmente a noção de gêneros encontra-se facilmente associada à noção de discursividade, como diz Swales (1990). No entanto, nem sempre foi assim, uma vez que inicialmente os estudos sobre gênero eram muito mais de ordem literária, do que de ordem discursiva. Com os filósofos gregos, especialmente em Aristóteles, é possível observar uma tentativa de caracterização e definição dos gêneros literários, conforme encontramos em sua *Arte Poética*, a divisão dos gêneros em épico (epopeia), lírico (ode,écloga etc) e o dramático (tragédia e comédia). A Aristóteles também é atribuída umas das primeiras tentativas de classificação dos gêneros sem aspirações literárias. Em sua obra *A retórica*, ele os divide,

segundo Marcuschi (2008), de acordo com as funções que se propõem a exercer, em: Deliberativos (aqueles que se voltam deliberação futura); Judiciários (aqueles que se voltam ao julgamento de ações passadas) e demonstrativos, ou epidícticos (aqueles que se voltam para ações de elogiar e incentivar ações presentes).

O interesse pioneiro de Aristóteles em estudar e investigar os diferentes gêneros discursivos, repercutiria posteriormente, em nossos dias, o grande interesse por essa área de investigação, a qual foi grandemente expandida desde então, tanto em ordem metodológica-teórica, quanto enfoques de estudos, temáticas e pelo aspecto multidisciplinar da área dos gêneros.

Não é de nosso interesse aqui traçar uma distinção sobre as principais correntes teóricas dos estudos dos gêneros abordando os diferentes enfoques de estudo, porquanto adotaremos precipuamente o conceito de gêneros discursivos de Bakhtin (2011), acompanhado de algumas contribuições teóricas de Marcuschi (2003; 2008).

Em Bakhtin, a noção de língua/linguagem encontra-se fortemente atrelada à noção de sociedade e discursividade. Isso ocorre porque os campos de atividade humana são constituídos e constituem a linguagem humana. O conceito bakhtiniano de esferas de atuação pode ser entendido por aquilo que Marcuschi (2003, p. 23-24) chama de domínios discursivos. Por domínio discursivo, entende-se um setor ou campo de produção discursiva.

Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas. (MARCUSCHI, 2003, p. 23-24)

Percebemos que os domínios discursivos não são enunciados linguísticos, mas campos de produção discursiva que comportam determinados gêneros, de acordo com a finalidade comunicativa a que se propõem. Em outras palavras, os gêneros de um determinado domínio discursivo possuem funções comunicativas afins, o que os possibilitam ser enquadrados em um grupo específico. Poderíamos citar, como exemplo, os gêneros da esfera comunicativa jornalística, cujas funções principais são transmitir informações e, em outros casos, avaliar e opinar sobre acontecimentos sociais. Partindo dessas duas finalidades comunicativas basais, surgem os gêneros notícia, a reportagem, o artigo de opinião, o editorial, a carta do leitor, a

charge etc, que possuem umas das duas finalidades comunicativas citadas. Nota-se que o mesmo raciocínio poderia ser estendido a outros domínios discursivos, como o jurídico, religioso, pessoal, cada qual comportando seus respectivos gêneros e tendo suas funções comunicativas particulares.

A noção de domínio discursivo encontra-se ligada à outra noção essencial para o estudo e trabalho com os gêneros, a noção de tipo textual. Por vezes confundida com a noção de gênero textual¹¹, tipologia textual é um conceito estritamente linguístico e se materializa dentro dos gêneros. Como diz Marcuschi (2003, p. 22), a noção de tipologia textual constitui construtos teóricos com propriedades eminentemente linguísticas: “Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas”.

Esses tipos textuais são classicamente divididos em narrativo, argumentativo, descritivo, injuntivo e expositivo - cada qual com uma função textual específica. Como dito há pouco, o conceito de domínio discursivo acaba por se relacionar com a tipologia textual, pois, a depender das finalidades comunicativas de determinado domínio, mais sequências de certo tipo textual aparecerão. Por exemplo, em uma reportagem, que compõe o domínio discursivo jornalístico, provavelmente aparecerão muitas sequências narrativas e descritivas para narrar e retratar em detalhes o ocorrido ante o leitor, em uma receita, provavelmente apareceriam muitas sequências descritivas (descrição/listagem dos ingredientes e especificação de preparo) e sequências injuntivas (com sequências imperativas do tipo “quebre dois ovos”, “misture a massa”, “Deixe 30 minutos a 180 graus” etc).

Os gêneros não se encontram suspensos no vazio. Para a sua realização e materialização, eles dependem de alguma forma de suporte físico (ou virtual). Por vezes, mostra-se problemática a questão conceitual gênero x suporte. Há muito debate ainda sobre o que é gênero e o que é suporte, uma vez que o que alguns autores classificam como gêneros, para outros, caracteriza-se como suporte textual. Como não temos como interesse entrar nessa incursão teórica, pretendemos apenas recuperar o conceito de suporte e apontar a sua relação com o conceito de gênero.

Para Marcuschi (2008), parece falso afirmar o suporte que não interfira no gênero. Assim também pensa Maingueneau (2001, p. 71-72), para o qual uma alteração no *midium* (ou suporte) é capaz de modificar o gênero: "o *midium* não é um simples 'meio', um

¹¹ Estamos cientes que existem diferenças teórico-metodológicas de entendimento entre o conceito de gênero discursivo e gênero textual, porém, neste trabalho utilizaremos um termo como sinônimo de outro.

instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do *medium* modifica o conjunto de um gênero de discurso", ou seja, o suporte não é neutro, uma mudança no suporte pode alterar drasticamente a própria caracterização do gênero.

Marcuschi (2008, p. 174, grifos do autor) apresenta a seguinte definição de suporte textual:

Entendemos aqui como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto.

Portanto o suporte pode ser compreendido como o local real ou virtual em que se pode encontrar determinado gênero. Como exemplos de suportes Marcuschi cita o livro, o jornal, a revista, rádio, televisão, telefone, *outdoors*, embalagens, quadro de avisos, roupas, muro etc.

Após termos dissertado sobre o conceito de gêneros e os elementos constituintes de um gênero, em um sentido amplo, vamos discutir, em um sentido mais específico, sobre o gênero escolhido para ser analisado por nós, caracterizando-o e aplicando-lhe a classificação dos três aspectos básicos constituintes dos gêneros discursivos, postulada por Bakhtin.

3.2 O Gênero charge

A charge é um dos muitos gêneros que compõem o domínio discursivo jornalístico e pode aparecer tanto em suportes físicos (jornais), quanto suportes virtuais (redes sociais, páginas de internet etc). Tradicionalmente tem-se dividido, segundo Melo (1994), os gêneros jornalísticos em dois tipos: os opinativos e os informativos, estes se prestando, como o nome sugere a informar, a veicular informações, aqueles a analisar fatos e informações já eclodidos e repercutidos no entorno social.

Neste segundo grupo, o dos analíticos, a charge jornalística se inseriria. A charge se caracteriza majoritariamente por ser um gênero que contém diversos aspectos verbais e visuais em sua própria composição que atraem o interlocutor à leitura do texto, os quais são, segundo Romualdo (2000): a) a rapidez na leitura; b) a transmissão de informações de forma resumida; c) seu caráter imagética e multimodal (linguístico + visual) e d) uso da comicidade para entregar a mensagem de cunho leve e humorado – mas que, recorrentemente, é também crítica e reflexiva.

Romualdo (2000) explica que, apesar de ser bastante comum hoje encontrarmos textos visuais na maioria jornais, como desenhos, fotografias, histórias em quadrinhos e charges, nem sempre foi assim.

A ilustração, no entanto, nem sempre acompanhou nos jornais a notícia escrita. [...] Inicialmente, os jornais eram compostos apenas por textos verbais, sem ilustrações. Estas foram ganhando espaço na imprensa, devido a fatores como o aperfeiçoamento nas técnicas de reprodução e a propensão do público a consumir jornais ilustrados. (ROMUALDO, 2000, p. 21)

Com o tempo, como diz o autor, mediante o aperfeiçoamento tecnológico das técnicas de impressão, muitos jornais passaram a utilizar o uso de imagens ao lado do texto escrito, o que se mostrou um sucesso de vendas entre o público leitor, tornando um imperativo que a maioria dos jornais do século XIX passassem a fazer uso das imagens associadas ao texto jornalístico. Na maioria das vezes, as imagens encontradas nos periódicos tinham como função ilustrar os fatos das notícias. Outras vezes, funcionavam, não como um recurso de simples apresentação, como diz Romualdo (2000), mas como um recurso eminentemente opinativo associado, que associado à caricaturização dos sujeitos apresentados no texto noticioso, direcionava o leitor a determinada interpretação do fato noticiado.

Essa ideia vai ao encontro do que diz Melo (1994), para o qual o uso de ilustração nas charges jornalísticas funciona justamente como uma eficaz estratégia de persuasão. Romualdo (2000) concorda ao dizer que a existência nas páginas do jornal atende ao critério de influenciar um público maior do que aquele dos gêneros opinativos convencionais.

Para nós, a ilustração acentua a leveza da página editorial por quebrar visualmente a distribuição compacta dos textos escritos na página do jornal, ou, no caso das charges e caricaturas, por provocar, pelo humor, o riso. Se pensarmos em termos de conteúdo, uma charge ou uma caricatura podem ser muito mais densas do que outros textos opinativos, como uma crônica ou até mesmo um editorial. O leitor pode, inclusive, deixar de ler estes e outros gêneros opinativos convencionais, optando pela leitura da charge que, por ser um texto imagético e humorístico, atrai mais sua atenção e lhe transmite mais rapidamente um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos. (ROMUALDO, 2000, p. 26-27)

Por vezes, são confundidos charge, tirinha e cartum. Isso ocorre, muito provavelmente, pelo fato de os três serem gêneros multimodais que mesclam imagem e texto escrito, além disso por eles recorrentemente estarem associados ao humor. Portanto, cabe a nós realizar

uma distinção, que longe de ser exaustiva, pretende ser breve e resumida, porquanto intencionamos apenas delimitar aquilo que entendemos por charge neste trabalho.

Apesar de serem confundidos entre si, cada um dos gêneros possui identidade e autonomia própria, sendo possível estabelecer diferenças entre cada um deles. Vamos começar pela tirinha. O gênero tirinha é habitualmente dividido em mais de um quadro narrativo, que, em sucessão, transmitem uma ideia de temporalidade. A tirinha conta uma curta história com começo meio e fim, geralmente apresentando, em seu texto, uma situação comum e cômica do cotidiano. Ela faz uso de diálogos entre os personagens que se encontram no plano visual para levar o leitor a riso e a um desenlace cômico.

O cartum se aproxima do gênero charge, pelo caráter caricato de ambos. Arbach (2007) explica que o cartum é a expressão gráfica de uma narrativa de humor, um humor caricato que expressa uma crítica mordaz através uma anedota gráfica, a qual pode conter certos elementos visuais, como balões, quadrinhos, representação de onomatopeias etc. – que também estão presentes na charge.

Todavia ambos se diferenciam, tendo em vista que o cartum faz alusão a fatos ou pessoas genéricas, sem estabelecer vínculo necessário com uma realidade específica, “representando uma situação criativa que penetra no domínio da invenção”, como diz Arbach (2007, p 212). A charge, por sua vez, caracteriza-se como uma representação crítica e humorística de um *fato específico* de caráter político que realmente aconteceu.

Charge é a representação pictórica, de caráter burlesco e caricatural, em que se satiriza um fato específico, em geral de caráter político e que seja do conhecimento público. Por ser crítico de um fato isolado, a charge pode ser enquadrada dentro do campo da caricatura. [...] Seu objetivo é uma crítica humorística ou de um fato ou acontecimento específico. É a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a ótica do chargista. (ARBACH, 2007, p 210)

Na fala do autor, podemos ver alguns traços importantes que a distinguem e diferenciam do cartum, notadamente, porquanto a charge satiriza fatos políticos específicos, bem delimitados no tempo – um tempo recente – que pelo caráter atual da informação encontra-se ainda fresca na memória coletiva. Além disso, a charge, como diz Arbach (2007), é a reprodução pictórica de uma notícia já conhecida do público interpretada segundo a ótica do chargista, de modo a ironizar ou satirizar algo ou alguém, geralmente por atribuir-lhe um aspecto caricato.

De mesma opinião é Romualdo (2000), para o qual a possibilidade de compreender um cartum é muito mais ampla, em virtude de este aludir a uma realidade genérica. Por sua vez, a charge, por remeter a uma determinada realidade, tem as possibilidades interpretativas mais rígidas e delimitadas por um contexto temporal de produção específico.

Sintetizando as concepções acima descritas, compreenderemos a charge como o texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico. Por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal. Como cartum, entenderemos todo desenho humorístico no qual o autor realiza a crítica de costumes. Por focalizar uma realidade genérica, ao contrário da charge, o cartum é atemporal, desconhece os limites de tempo que a crítica a personagens, fatos e acontecimentos políticos impõe. (ROMUALDO, 2000, p. 33)

Em resumo, podemos dizer que, enquanto o cartum abarca uma realidade mais geral e a tirinha conta curtas narrativas de desenlace cômico, a charge realiza um tipo de “resenha” crítica de um fato específico (geralmente político ou social) eclodido recentemente, resumindo-o e interpretando-o segundo a ótica do chargista. Além disso, tendo em vista que um gênero pode ser caracterizado em termos funcionais e formais, podemos dizer, em resumo do que foi apresentado até aqui, que o gênero charge tem como função social apresentar uma crítica, segundo a ótica do chargista, sobre algum acontecimento social e político noticiado recentemente.

Uma vez que apresentamos a função social do gênero, passemos à próxima seção que apresentará os aspectos formais constituintes do gênero charge.

3.3 Caracterização dos aspectos composicionais do gênero charge

Como dito outrora, adotamos a concepção de gêneros discursivos de Bakhtin. Em razão disso, nesta seção do trabalho, deter-nos-emos a aplicar os critérios de caracterização dos gêneros de Bakhtin (Construção Composicional, Conteúdo Temático e Estilo de Linguagem) ao gênero ao qual nos propusemos a investigar, o gênero charge. Observemos cada um desses aspectos.

3.3.1 Construção composicional

A construção composicional é um dos aspectos centrais para a caracterização de qualquer gênero, uma vez que ela é a responsável pela definição dos padrões e estruturas

organizacionais de um determinado gênero. A construção composicional revela padrões formais cristalizados, que os usos sociais ao longo da história de desenvolvimento de um gênero transformaram em uma espécie de arquétipo que torna possível identificar e diferenciar esse gênero em relação aos demais, do ponto de vista estrutural.

Doravante traçaremos algumas características gerais pertencentes à própria organização do gênero charge. Ao fazer uma breve leitura desse gênero, talvez aquilo que nos sobreponha à vista ao primeiro contato seja a noção de multimodalidade, que se caracteriza como o aspecto-chave de sua formulação. A charge caracteriza-se por ser um gênero notadamente multimodal em que o domínio de construção da significação é realizada em dois planos semióticos, pois além do plano linguístico, o texto é constituído pelo plano visual-imagético.

Acerca dos aspectos visuais, Romualdo (2000) entende a charge como um texto visual (composto por desenhos) e, como tal, ela possui características semióticas comuns à linguagem das ilustrações gráficas, isto é, certos elementos gráficos mínimos (linhas, semirretas, círculos e outras formas geométricas) que sozinhos não significam, mas, quando se combinam com os demais elementos, adquirem sentido e moldam a imagem do texto chágico.

A observação atenta desses elementos é vital para a construção de sentidos e a interpretação do texto visual, uma vez que o trabalho manual do chágista em torno da ilustração revela, como diz Cagnin (1975, p. 33), “a intencionalidade do desenhista [...] e transforma o desenho em mensagem icônica”, que veicula ideias e transmite o estilo do desenhista, segundo Cagnin.

O aspecto visual, na charge, é tão importante que, em algumas circunstâncias, se sobrepõe ao linguístico. Certas charges não possuem palavra, como observa Nascimento (2010), conforme também pudemos observar em nosso *corpus* de charges, pois foram encontradas várias charges que não possuíam sequer palavras.

Outro aspecto composicional está relacionado com o planejamento da leitura da charge. Geralmente a leitura da charge é feita seguindo a sequência da esquerda para direita e de cima para baixo. Além disso, a leitura da charge pode se restringir a um único quadro ou a mais quadros dispostos em ordem sequencial.

Na charge a seguir, isto ocorre: temos a fala de um mesmo personagem em múltiplos quadros sequenciados. A charge do exemplo 26, publicada após o término das eleições brasileiras de 2018, faz referência a possíveis consequências negativas que o país,

principalmente, na área de educação, teria com a vitória e posse de políticos filiados a ideologias militares.

Exemplo 26

Figura 03 – Militares e a educação



Fonte: A Charge Online, 2018

Observe-se que a realização da leitura do texto chárstico deve ser feita no sentido esquerda-direita e cima-baixo, também, que ela possui quatro quadros em sequência. Além disso, aparece no plano visual um outro aspecto bastante relevante para a compreensão do texto chárstico – a presença de personagem fictício – que se configura como outra característica da estrutura composicional do gênero.

Na maioria das vezes, os personagens que aparecem no plano visual da charge são representações caricatas de pessoas específicas reais, outras vezes, são caricaturizações de figuras genéricas relacionadas a algum acontecimento social recente. No caso da charge do exemplo 26, o personagem trajado de vestes do exército representa a figura genérica dos militares que, na ótica do chargista, ambicionam assumir o controle da educação para doutrinar, (re)interpretar fatos e informações, segundo suas crenças.

Além disso, os personagens fictícios que aparecem no plano visual da charge podem ser de dois tipos: podem apenas ser “figurantes”, quando meramente aparecem no plano visual-imagético da charge, ou podem ser “locutores”, quando a eles são atribuídos trechos de fala. No caso do exemplo 26, a figura que aparece no plano visual configura-se como um locutor-personagem, ao qual foram atribuídas quatro (4) trechos de fala pelo locutor-chargista: “A partir de hoje nada mais de doutrinação em sala de aula”; “Vamos começar estudando a história do Brasil”; “Abram na página da ditadura de 64 e escrevam *Fake News*” e “amanhã na aula de ciências: Criacionismo”.

As falas desses locutores-personagens podem ser introduzidas por recursos como verbos *dicendi* e balões de fala. Outras vezes, são utilizadas setas indicativas para apontar ou identificar o responsável pela declaração, como ocorre no exemplo 26, em que as falas do locutor-personagem não são introduzidas por balões, mas por setas partindo da boca do personagem. Em outras charges, porém, nem a presença das setas notar-se-á, podendo haver apenas a colocação estratégica do dito espacialmente próxima do locutor que fala, geralmente, sobreposto a sua cabeça ou justa a sua boca.

Além disso, os aspectos visuais e caricatos são de extrema importância na charge para o estabelecimento de relações de sentido, pois como Roumaldo (2000, p. 37-38) explica: "a caricatura, que consiste no exagero proposital das características marcantes do indivíduo, é um elemento visual constituinte das charges", que é bastante frequente, uma vez que "a charge está ligada aos acontecimentos políticos, aparecem em seu corpo caricaturas de presidentes, ministros e outras personalidades do mundo político nacional e até internacional".

A deformação caricatural é elaborada pelo desenhista através do uso hiperbólico das linhas. A caricatura, essencialmente simbólica no início de sua existência, passou à condição de deformadora com a idéia de desproporção, buscando o riso fácil através do ridículo (ALVARUS, 1970). No entanto, esse exagero com que o caricaturado é transformado não visa apenas a torná-lo ridículo, mas também a sublinhar os traços mais marcantes de sua personalidade, podendo tanto valorizar seus aspectos positivos, como ridicularizar os negativos [...]. (ROMUALDO, 2000. p. 38)

Uso da caricatura, como mostra Romualdo, serve como um mecanismo que utiliza o ridículo como arma tanto para fazer rir, como para fazer pensar. Outro elemento distintivo do gênero charge é que ele caracteriza-se como um texto pensado para ser engraçado. Para chegar ao riso, o chargista dispõe de uma série de recursos a serem trabalhados tanto no plano visual, quanto no plano linguístico. O riso no texto chágico depende grandemente da captação sutil das referências deixadas pelo chargista na hora da formulação do texto – quanto mais referências (textuais e visuais) o leitor for capaz de captar, mais ele provavelmente achará aquela charge engraçada. Observe as charges (exemplo 27 e 28) a seguir.

Exemplo 27

Figura 04 – Os super-heróis do governo



Fonte: Portal Charge Online, 2019

Nota-se que o exemplo 27 não apresenta texto no plano linguístico. Tem apenas a inscrição Márcio Dentola, no canto inferior direito, que representa unicamente a assinatura do chargista. Podemos contabilizar essa como uma das características estruturais do gênero charge, isto é, os textos chárgicos sempre vêm assinados com o nome do chargista. Além da assinatura, que é uma marca explícita deixada pelo chargista, outra marca que sinaliza a presença do chargista na charge é a existência de títulos, geralmente, ocorrendo no primeiro quadro, no canto superior esquerdo ou centralizado. A presença de títulos nas charges funciona como um elemento textual que marca explicitamente a voz do chargista, diferenciando-a em relação às vozes dos personagens, além de dar direcionamento discursivo ao interlocutor que fará a leitura do texto chárgico, de acordo com as informações escolhidas pelo chargista para serem apresentadas.

No plano visual, a charge do exemplo 27 é referencial e parodística, na medida em que recupera através do plano visual elementos contextuais externos: primeiro, os super-heróis do filme infanto-juvenil Vingadores: Ultimato, cuja estreia foi quatro meses antes da publicação da charge e, segundo, elementos políticos do atual governo brasileiro.

Quando o leitor da charge consegue identificar e relacionar todas as personalidades políticas aos super-heróis, respectivamente da esquerda para direita, o Hulk como a caricatura do vice-presidente da República general Hamilton Mourão, o Thor como o presidente da câmara de deputados Rodrigo Maia, o Capitão América como o presidente da República Jair Bolsonaro, o Homem de Ferro como o Ministro da Justiça e da Segurança Pública Sérgio Moro e a Capitã Marvel como a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos Damares Alves, a charge passa a fazer sentido para ele, levando o leitor a rir da esdrúxula e

cômica associação feita pelo chargista entre a equipe de heróis salvadores do mundo nas telas de cinema e os “heróis salvadores da pátria” brasileira.

Por possuir muitas referências e se restringir a um contexto de produção muito específico que, com o passar do tempo, fica mais difícil de ser entendido e recuperado, certas charges se tornam textos relativamente difíceis de interpretar, pois quanto mais específico for o contexto, quanto mais referências houver, e mais afastado temporalmente ele estiver, mais difícil será para compreender determinado texto chágico. Observe agora, no exemplo 28, como bem menos informações precisam ser recuperadas para a compreensão da charge e ativação do humor.

Exemplo 28

Figura 05 - Funerária



Fonte: Portal Charge Online, 2019

A charge do exemplo 28, publicada em 05 de janeiro de 2019, faz referência ao decreto presidencial sobre posse de armas de fogo pela população, assinado no mesmo mês de publicação da charge. Para a ativação do humor na charge em questão, o aspecto visual e o aspecto textual trabalham juntos para gerar comicidade. O leitor precisa entender o porquê de o personagem entrevistado pelo repórter ser favorável ao decreto que libera o uso de armas de fogo. Para isso, ele precisa atentar a informações deixadas propositalmente pelo chargista: caixão em pé desenhado no plano visual e a inscrição “funerária” na parede. Ambas juntas dão a entender a real motivação por trás da inclinação do entrevistado em relação ao decreto supracitado, a saber, a liberação do porte de armas pela população aumentaria o número de mortes, logo mais lucro para ele que era proprietário de uma funerária – conclusão ironizada pelo chargista.

Quando o leitor consegue passar por todas as etapas desse esforço intelectual e chega ao final ativando todos *scripts* textuais e visuais, o humor é gerado. Para tal, é muito importante a captação das referências presentes na charge, pois uma vez que elas passem despercebidas pelo leitor, pouco ou nenhum sentido a charge fará para quem a lê, logo dificilmente será engraçada. É como bem diz Romualdo (2000, p. 52), que cita o famoso humorista Cláudio Bersserman Viana, mais conhecido como Bussunda, “...é impossível rir do que não se conhece”. Essa é uma máxima que se prova extremamente veraz no estudo de charges, porque, além de fatores de identificação do leitor com o conteúdo informativo, a comicidade de algo vai depender diretamente de quanto de informações alguém é capaz de extrair e inter-relacionar.

3.3.2 Conteúdo temático

Todos os gêneros discorrem sobre algum tema específico. Acontece que alguns temas são mais caros a alguns gêneros em particular do que a outros. Com a charge não ocorre diferente, apesar de poder veicular variados temas, esses temas, em sua maioria, restringem-se a fatos político-sociais de interesse coletivo. Conforme pudemos perceber em nosso *corpus* compostos por 118 charges, nós identificamos que grande parte dos textos fizeram referência majoritariamente a questões sociais públicas de interesse amplo. O que pode ser observado na charge a seguir.

Exemplo 29

Figura 06 – Velhinho no parque



Fonte: Portal Charge Online, 2019

A charge do exemplo 29, publicada em 17 de julho de 2019, faz referência à questão da aposentadoria, mais especificamente, à reforma da Previdência Social, alvo de longos debates entre as mais variadas camadas da sociedade. A reforma da previdência teve sua aprovação no plenário da Câmara de deputados federais em 12 de julho, cinco dias antes da publicação da charge do exemplo 29, no portal Charge Online.

A charge em questão expõe uma crítica jocosa às consequências negativas que a reforma da Previdência Social traria para os idosos e aposentados – eles passariam à extrema necessidade de mendigar. O chargista, fazendo uso de uma informação estereotipada que faz da memória coletiva, o costume dos velhinhos irem às praças para alimentar os pássaros, satiriza essa situação ante a nova mudança na aposentadoria pela inversão de papéis: agora são os pombos que dão comida aos idosos. Apesar de apresentar um caráter um tanto hiperbólico e sarcástico, a mensagem de que a reforma na previdência social irá provavelmente prejudicar a terceira idade não deixa de ser transmitida de modo cômico e irônico.

Além de questões sociais públicas de interesse amplo (como a reforma da previdência que afeta praticamente todos os habitantes de um país), temas mais específicos que se tornaram alvo de notícia recentemente podem se tornar mote para a criação de charges. A charge também pode remeter a questões menos “politizadas” de aspecto mais “trivial” e menos social, por exemplo, o resultado de um jogo futebol que aconteceu recentemente. Como pode ser observado na charge seguinte.

Exemplo 30

Figura 07 – Charge sobre futebol



Fonte: Portal Charge Online, 2019

A charge do exemplo 30, publicada em 30 de junho de 2019, no Jornal NH (RS), não tem caráter crítico-social, apenas humorístico. Ela faz referência indivíduos internacionalmente famosos. Nela vemos três personagens em um campo de futebol: o papa Francisco, o atacante da seleção Argentina Lionel Messi e o atacante da seleção brasileira Gabriel Jesus.

O humor da charge reside em um trocadilho entre nomes e as inter-relações entre os três personagens. Jesus e Messias são nomes ou títulos aplicados a um importante personagem do Cristianismo. Porém ambos os jogadores possuem parte deles em seus nomes, daí entra em jogo um terceiro personagem colocado pelo chargista. Esse personagem enquanto uma influente liderança religiosa teria naturalmente certa autoridade para identificar aquele que seria o “verdadeiro messias”, a saber, seu conterrâneo Lionel Messi, por sua vez, o brasileiro Gabriel Jesus seria um “Jesus” falso, conforme a fala em espanhol do locutor-personagem ao apontar para G. Jesus “*Es fake*”.

Observa-se que os três personagens da charge são figuras de fácil reconhecimento, uma vez que são, não anônimos, mas sim figuras públicas famosas. A charge pode abordar temas diversos, sendo majoritariamente questões sociais públicas e políticas, como contradições no meio social, desigualdade entre ricos e pobres e críticas a determinado político ou governo, algumas vezes, porém, pode ser usada para tratar de forma humorada o resultado recente de um jogo de futebol da seleção ou de algum time conhecido, a morte de algum artista famoso, um escândalo envolvendo alguma celebridade, algum evento envolvendo a aproximação de uma data comemorativa específica, como o dia das mães, carnaval, natal, páscoa etc., ou qualquer fato atual noticiado pela mídia recentemente e que teve certa repercussão.

Outra característica referente ao conteúdo temático está relacionado ao que Bakhtin chama de querer-dizer, isto é, a intencionalidade ou o modo como determinado conteúdo é trabalhado, informativamente falando (quais aspectos do assunto são abordados, com que profundidade etc.). Esse querer-dizer está permeado pela crítica apresentada pelo chargista a um determinado acontecimento recente. Nesse sentido, convém ressaltar que a charge caracteriza-se pelo seu caráter efêmero, ou passageiro. O assunto não é tratado em profundidade, mas é sinalizado nas imagens e no texto, de modo que se espera que o leitor da charge seja capaz de recuperar aspectos do assunto.

Diz-se que a charge tem data de validade. O modo como a charge é construída, em virtude de seu caráter espacial-textual limitado, não tem como função informar o leitor – no sentido da notícia jornalística. Por ser um texto curto, a charge não discorre, ou explana, os acontecimentos aos quais faz referência, antes ela apenas faz-lhes menção, cabendo ao leitor já estar atualizado. Em virtude disso, o texto chágico apresenta-se como um texto carregado de inferências e alusões a fatos externos, por consequência é referencial e intertextual a outros textos do universo jornalístico, como a notícia, reportagem, artigo de opinião etc. Tal opinião também tem Romualdo (2000).

Os dados apresentados acima reforçam nossa proposta de que a charge e os outros textos veiculados pelo próprio jornal se inter-relacionam[...] Essa intertextualidade entre a charge e os outros textos jornalísticos mostra que o texto chágico tem por objeto fatos, acontecimentos e personagens que também são objeto de notícias, comentários, artigos, editoriais, fotos, etc. (ROMUALDO, 2000, p. 19)

Em seu estudo sobre as charges da Folha de S. Paulo, Romualdo (2000), chegou à conclusão de que a charge dialoga com os outros gêneros do universo jornalístico, uma vez que faz referência a um acontecimento específico que está em discussão nos outros gêneros jornalísticos – é o que no jargão da área jornalística intitula-se “pauta quente”, um assunto recente que chama a atenção da coletividade.

Percebemos, pois, que a charge não trata o assunto em sua profundidade, mas apenas determinados aspectos do assunto – aqueles que chamam atenção, aqueles que provocam riso, aqueles que merecem um posicionamento crítico a respeito. Na charge do exemplo 31a seguir, observe como são corroboradas as ideias expostas até então de que o texto chágico não se presta a noticiar, faz alusão a um contexto específico e recente que precisa ser recuperado e se inter-relaciona com outros gêneros do universo jornalístico.

Exemplo 31

Figura 08 – Charge recuperando assunto noticiado por jornal



Fonte: Portal Charge Online, 2019

A charge do exemplo 31, publicada em 19 de agosto de 2019, faz referência direta a um contexto bem específico: a suspensão de 4500 bolsas por parte do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). No plano de fundo da charge, vemos a representação da estampa de um jornal, que remete a uma manchete jornalística, o título de uma notícia sobre a suspensão de bolsas pelo CNPq. Note-se que, longe de se propor a noticiar esse fato (não há *lead*, nem contextualização do fato, nem explanação dos sujeitos envolvidos), a charge apenas alude a ele como um acontecimento que se pressupõe já fazer parte do conhecimento do leitor.

Ao mesmo tempo, também, podemos perceber a maneira como o gênero charge se inter-relaciona com outros gêneros do universo jornalístico – principalmente o gênero notícia – de modo que um leitor que não tenha certa assiduidade à leitura de outros gêneros jornalísticos ou que, ao menos, não esteja atualizado sobre certos contextos sociais, dificilmente será um bom leitor de charges, já que não conseguirá realizar todas as inferências e recuperar/relacionar determinadas informações necessárias.

Além disso, ao observarmos a charge do exemplo 31, é fácil perceber que a charge não é pensada para ser um gênero neutro, que preza pela noção de exposição objetiva do fato ocorrido, tal como a notícia. Pelo contrário, a charge é um gênero crítico-opinativo por excelência, de modo a exprimir um posicionamento ou juízo, segundo a ótica do chargista, a respeito de algum acontecimento social ao qual faz alusão.

Esse posicionamento tanto pode ser veiculado por meio do plano visual, quanto pelo plano linguístico. Tomando como exemplo a charge do exemplo 31, no plano visual-imagético, temos a representação de um personagem de aspecto caricato (nariz grande,

vestido em andrajos, cabisbaixo, os membros são desproporcionais entre si, a cabeça é do tamanho do tórax) contribuindo para expressar determinados efeitos de sentido, de abandono ou de desolação. No plano linguístico-textual, por sua vez, temos a alteração parodística da sigla Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que aparece rabiscada em forma de protesto na charge, transformando-se em CNPQP. No Brasil, “PQP”, que aparece ao final da sigla fictícia criada pelo chargista CNPQP, é a abreviação de um palavrão, ou xingamento, que é atribuído ao CNPq, talvez, por traduzir um certo sentimento de insatisfação por parte daqueles que contavam com o incentivo financeiro à pesquisa, especialmente os 4500 pesquisadores que tiveram suas bolsas cortadas, sendo os mais afetados pela suspensão de recursos. Não é à toa que o personagem no plano visual da charge o chargista escolhe para ser retratada representa um pesquisador ex-bolsista do CNPq que aparece sentado sobre uma pilha de livros e documentos escritos, levando as mãos à cabeça preocupado com uma expressão de incerteza em relação ao futuro.

3.3.3 Estilo linguístico

O estilo linguístico diz respeito ao uso de determinados recursos e estratégias linguísticas, que por serem recorrentemente usadas em associação a determinado gênero, acabam por se configurar como parte constituinte que caracteriza determinado gênero. Em nosso *corpus* de charges, encontramos elementos, recursos ou fenômenos que julgamos comporem o estilo linguístico do gênero charge. Passemos a alguns deles.

Como dito, a charge é um gênero crítico-opinativo. No plano verbal, esse aspecto crítico está, muitas vezes, associado às noções de ironia e negação em relação a alguma informação apresentada na charge.

Geralmente o conceito de ironia é definido como uma figura de linguagem ou de pensamento utilizada para dizer algo de valor contrário, ou oposto, ao que se está expresso linguisticamente no enunciado. Já por ironização, entendemos o processo pelo qual os sujeitos discursivos atribuem o caráter de irônico a alguma informação presente no enunciado. Silva Filho (1987) pontua que, em um enunciado irônico, há a presença de dois pontos de vista contrários entre si: um primeiro ponto de vista, o do “absurdo”, com o qual o locutor discorda totalmente, e um segundo ponto de vista, o do “sério”, que o locutor assimila.

A negação, por sua vez, refere-se a uma estratégia linguística utilizada apenas para refutar um ponto de vista específico. Observe-se que tanto a negação quanto a ironia lidam com a ideia de oposição a algum ponto de vista não assimilado, porém a diferença entre elas reside no nível de implícito do enunciado e na natureza dessa oposição. Passeti (1995) esclarece que, na negação, essa oposição a determinado ponto de vista está no nível do posto, pois está materializada no próprio enunciado linguístico, quer através do *não* quer através de outra partícula ou expressão negativa. Na ironia, por outro lado, a oposição está mais “a nível da enunciação”, como diz Romualdo (2000, p. 88), ou seja, o entendimento da ironia beira mais para o desvelamento pragmático das intenções subjacentes do falante e da recuperação de certos elementos enunciativos contextuais. Associadas à noção de ironia estão as noções de paródia e intertextualidade – estratégias semânticas que compõem eminentemente o estilo linguístico do gênero charge.

Por remeter a outros textos jornalísticos e estabelecer relações com eles, a charge tem uma tendência natural a ser intertextual. Também por apresentar um humor caracteristicamente crítico e irônico, a charge está inclinada particularmente à paródia e à sátira de discursos, personagens, acontecimentos e situações. Observe como isso ocorre nas charges a seguir.

Exemplo 32

Figura 09 – Independência ou morte



Fonte: Portal Charge Online, 2019

Na charge do exemplo 32, temos uma intertextualidade, que é um tipo de polifonia. A legenda da charge reza: “Bolsonaro no congresso”, enquanto o locutor-personagem clama: “previdência ou morte!”. A charge do exemplo 32, publicada em 22 de fevereiro de 2019, faz

referência aos esforços do governo em aprovar a todo custo a reforma da Previdência Social ante o Congresso Nacional. No plano visual, vemos o presidente Jair Bolsonaro sendo observado por vários deputados. Ele empunha uma espada ao alto, urgindo a necessidade da reforma. Essa cena alude informativamente ao histórico quadro do pintor Pedro Américo: *Independência ou morte*, no qual Dom Pedro I, empunhando uma espada, exige beligerantemente dos portugueses a independência do Brasil.

No plano linguístico, a polifonia pela intertextualidade consiste na recuperação da célebre frase do imperador pelo locutor-personagem Bolsonaro, configurando, assim, um caso de intertextualidade parodística do dito original, uma vez que visa apresentar de modo satírico o personagem Bolsonaro como alguém disposto a ir às últimas consequências para conseguir a aprovação da reforma. Similar caracterização ocorre na charge a seguir.

Exemplo 33

Figura 10 – O “mito” da caverna



Fonte: Portal Charge Online, 2018

Na charge do exemplo 33, mais uma vez temos um caso de polifonia pela intertextualidade, uma vez que a charge possui diversas referências no plano verbal e visual. A começar pelo plano visual, vemos duas figuras de aspecto pré-histórico, que representam, na ótica do chargista, o presidente da república Jair Bolsonaro e sua esposa, a qual é arrastada pelo cabelo.

Já no plano linguístico, a legenda da charge (o mito da caverna) é uma alusão ao famoso conceito filosófico criado pelo pensador grego Platão sobre imprecisão da realidade material em relação ao mundo das ideais. Além disso, a palavra “mito” faz referência à

alcunha pela qual ficou conhecido Bolsonaro, durante sua campanha presidencial¹². Portanto temos uma ambiguidade lexical explorando dois sentidos diferentes atribuídos ao vocábulo “mito”: o mito da caverna e o “mito” Bolsonaro. A construção de tal ambiguidade lexical é central para a construção do humor da charge, de modo que o leitor (interlocutor) precisa acessar e identificar os diferentes sentidos atribuídos à palavra “mito” para compreender o enunciado.

A caracterização do personagem Bolsonaro enquanto um “mito” das cavernas dá-lhe um aspecto de criatura rudimentar ou bruta. Isso pode ser depreendido através de todo o cenário primitivo da charge, as roupas de ancestrais de couro, estar Bolsonaro segurando um tacape (arma dos homens das cavernas), a rudeza com que trata sua mulher por lhe responder grosseiramente “não te interessa e cala a boca senão o jantar pode ser você, *talkay?*”, bem como pelo modo rudimentar como carrega sua esposa, arrastando-lhe pelos cabelos. Todos esses trejeitos rústicos atribuídos pelo chargista a figura de Bolsonaro se coadunam, em ordem a parodiar o conceito de Mito da Caverna no sentido filosófico, bem como satirizam todo o fascínio em torno da figura “mítica” de Bolsonaro no Brasil, principalmente por parte daqueles que lhe alçaram ao *status* de “mito”.

Além da intertextualidade e do discurso parodístico, outras estratégias semânticas que fazem parte do estilo linguístico do gênero charge estão relacionadas às noções de ambiguidade, homonímia e polissemia. Observe as charges a seguir.

Exemplo 34

Figura 11 – Bala no trânsito



Fonte: Portal Charge Online, 2019

12 Cf. POMPEU, Ana. Jair Bolsonaro, o mito de pés de barro. *Revista Congresso em Foco*, nº 26, 21/07/2017. Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br/jair-bolsonaro-o-mito-de-pes-de-barro/>>>. Acesso em: 09 de março de 2020.

A charge do exemplo 34 abusa dos jogos de sentido gerados através da ambiguidade da palavra “balinhas”, uma palavra polissêmica, que possui as seguintes acepções: 1) projétil encapsulado próprio para armas de fogo e 2) pequena guloseima feita de açúcar. O humor da charge é produzido quando o leitor é levado à quebra de expectativa, uma vez que apenas com a leitura do quadro 01 do texto, o leitor é levado a crer, pelo senso do usual, de que a criança está a vender balas: doces (S-02 da palavra bala) no semáforo ou no cruzamento. Porém, com a continuação da leitura, o leitor percebe que esse sentido S-02 não se aplica e logo ativa o S-01, de bala enquanto munição de arma de fogo.

A charge do exemplo 34, publicada em 09 de maio de 2019, é uma satirização direta à proposta do governo Bolsonaro em facilitar o acesso da população a armas de fogo, emitido em janeiro do mesmo ano da publicação da charge. A crítica, apesar de ser hiperbólica, a fim de gerar humor pelo exagero da situação, pretende levantar questões em relação a possíveis consequências negativas que a referida proposta traria, na visão do chargista. Compare agora com a charge a seguir.

Exemplo 35

Figura 12– Sem x Cem



Fonte: Portal Charge Online, 2019

A charge do exemplo 35, publicada em 07 de abril de 2019 no jornal Tribuna (SP), faz referência ao andamento do governo Bolsonaro após 100 dias passados. Na charge, temos uma figura que representa Bolsonaro olhando para um quadro com a inscrição “Cem dias de governo”. Contudo a frase foi alterada em forma de protesto, por alguém, para “Sem dias de governo”.

Nota-se que a substituição das palavras *Cem* por *Sem* altera completamente o sentido do enunciado, uma vez que o *Cem* é um numeral indicador de quantidade, já *Sem* é uma preposição que indica presença ou ausência. A noção de homofonia é o que causa o humor da charge, uma vez que ambas as palavras possuem a mesma forma fonética. A alteração da grafia na inscrição serve para veicular um juízo avaliativo por parte do chargista para caracteriza o andamento do governo como “sem dias de governo, isto é nulo ou inexistente.

Por fim, gostaríamos de destacar, como aspecto central deste trabalho, os fenômenos da polifonia associada à modalização discursiva como aspectos pertencentes a própria natureza estilístico-linguística do gênero charge, como será visto no capítulo de análise. Adotamos, pois, o conceito de polifonia na visão da Semântica Argumentativa de Oswald Ducrot (1988). É digno de nota mencionar a existência de alguns trabalhos anteriores que apontavam para a presença da polifonia no gênero charge, tais como Romualdo (2000), Espíndola (2001), Barros (2005) e Nascimento (2017). A existência desses trabalhos é um indício de que a polifonia, atuando em conjunto com outros fenômenos semânticos, pode constituir um dos elementos que compõem o estilo linguístico do gênero charge, posicionamento que defendemos e que pretendemos demonstrar na seção analítica deste trabalho, conforme o leitor poderá examinar mais adiante no capítulo de análises.

Apresentado e caracterizado teoricamente o gênero proposto para análise, vejamos como os fenômenos linguísticos da Polifonia de Locutores e da Modalização Discursiva ocorreram e que efeitos de sentidos produziram em nosso *corpus* de charges política; isso será demonstrado no próximo capítulo.

4 A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO EM CHARGES POLÍTICAS ATRAVÉS DA POLIFONIA ENUNCIATIVA

O presente capítulo inicia-se com a apresentação dos procedimentos metodológicos adotados para a realização deste trabalho, desde o processo de coleta e catalogação do *corpus* até a execução das análises. Optamos por incluir a seção metodológica deste trabalho no capítulo de análises, tendo em vista que as informações explanativas presentes na seção metodológica são essenciais para que o leitor compreenda o modo como as análises foram feitas.

Após esse primeiro momento de apresentação procedural, adentraremos às análises das charges propriamente ditas, as quais foram divididas de acordo com os fenômenos polifônicos catalogados e analisados: Polifonia de locutores e suas ocorrências, Polifonia de Enunciadores e suas ocorrências, a Intertextualidade e suas ocorrências e o SE-locutor. Para finalizar, trazemos, na seção *Discussão dos Resultados Obtidos*, algumas constatações e apontamentos sobre os dados levantados a partir da análise do *corpus* investigado.

4.1 procedimentos metodológicos adotados

A presente investigação é de natureza quanti-qualitativa, uma vez que descreve e quantifica as ocorrências dos fenômenos semântico-argumentativos da polifonia enunciativa e da modalização discursiva em nosso *corpus* de charges. Além disso, ela analisa valorativamente os dados encontrados à luz dos referenciais teóricos: a Teoria dos Gêneros Discursivos, de Bakhtin (2003); os estudos sobre Argumentação e Polifonia, segundo Ducrot (1998), Anscombre (2005) e Koch (2004); os estudos sobre a modalização discursiva, segundo Nascimento & Silva (2012); entre outros.

Também, nossa pesquisa caracteriza-se como pesquisa do tipo documental, ou de análise de material escrito já publicado. Conforme explicam Prodanov e Freitas (2013, p. 55), a pesquisa documental caracteriza-se pela investigação sobre “materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”, o que inclui as charges jornalísticas coletadas para nosso *corpus*. Para realizar nossa investigação, coletamos inicialmente um total de 118 (cento e dezoito) charges políticas

através da rede mundial de computadores, em portais de jornais brasileiros e no portal Chargeonline.

Como mecanismo de seleção para essas charges, optamos pela delimitação de uma temática específica – as eleições brasileiras de 2018 e seus desdobramentos posteriores, nos meses seguintes à votação. Assim fizemos porque julgamos o tema “política”, dentro da esfera jornalística, como um espaço profícuo para a investigação da argumentação na língua. Em textos desse cunho, ficam bem perceptíveis a variedade e a divergência de posicionamentos e de pontos de vista acerca de um mesmo assunto – que geralmente é um tópico controverso.

Dentro dessa temática política eleitoral, optamos por investigar a relação entre o gênero charge e as vozes nele introduzidas através do fenômeno da polifonia. Ao perscrutar trabalhos feitos por outros pesquisadores, encontramos, porém, um considerável número de trabalhos realizados sobre a relação *polifonia* e *charge* – como apontamos na *Introdução*¹³. Desse modo, pensamos em analisar, além da polifonia, outro aspecto pouco trabalhado até então em charges, tal como a coocorrência de fenômenos argumentativos, notadamente o fenômeno da modalização discursiva associado à polifonia e também ocorrências simultâneas de polifonia em uma mesma charge (SE-locutor, P. de locutores, P. de enunciadores e Intertextualidade).

Após estabelecida essa delimitação teórico-analítica, voltamo-nos para o *corpus*, a fim de determinar a quantidade de ocorrências em conjunto desses fenômenos. Constatamos, a partir da catalogação (*vide* apêndice 1), diversas ocorrências polifônicas e modais interagindo entre si. Assim, começamos a delimitar nosso *corpus* e selecionar as charges que compõem nossas análises e melhor ilustram os fenômenos encontrados.

Desse modo, propomo-nos aqui a analisar integralmente os fenômenos, estratégias e recursos semântico-argumentativos encontrados na catalogação de nosso *corpus*, os quais foram a polifonia em suas diversas categorias (de locutores, enunciadores, SE-locutor e intertextualidade), trabalhando em conjunto com a modalização discursiva em seus diversos tipos (epistêmica, deôntica e avaliativa), ativadas através de diferentes recursos ou estratégias linguísticas (pressuposição, negação, modalizadores discursivos e operadores argumentativos) utilizados pelo locutor-chargista para construir o sentido do texto chárstico político e para orientar o leitor (interlocutor) em razão de determinadas conclusões.

13 Apesar de haver uma quantidade de trabalhos sobre polifonia em charges, notamos que boa parte deles trabalhava com o conceito de polifonia de Bakhtin. Nós aqui, por outro lado, optamos por trabalhar com o conceito de polifonia da Semântica Argumentativa, de Ducrot.

A justificativa para a análise desses múltiplos fenômenos no gênero charge deu-se em virtude do objetivo e interesse do pesquisador, que, desde o processo de formulação do trabalho, era abordar integralmente a questão da Argumentação e a sua construção no texto chárigo. É importante destacar que, quando falamos em realizar uma “abordagem integral”, ou holística, da argumentação na charge, significa que, em vez de optar pelo estudo de um único fenômeno ativador de polifonia, optamos pela análise das múltiplas interações ocorridas entre os fenômenos argumentativos.

Como vimos que havia muitos trabalhos na área de Argumentação abordando um ou fenômeno argumentativo individual¹⁴, preferimos seguir outro caminho e demonstrar como múltiplos fenômenos argumentativos ou polifônicos podem trabalhar em conjunto para construir a argumentação dentro do texto chárigo.

Reconhecemos as dificuldades e possíveis limitações da abordagem adotada, uma vez que ao se aumentar o número de elementos e o recorte de análise, por consequência, complexificam-se a construção e apresentação dos resultados de pesquisa. No entanto, acreditamos que o tipo de análise que nos propomos a realizar neste trabalho é relevante e pode trazer contribuições significativas para o estudo da argumentação no gênero discursivo em questão. Isso porque, como dissemos, a coocorrência de fenômenos argumentativos, em especial polifonia e modalização, é um fator pouco explorado até então, logo um terreno fértil para futuras investigações.

Além disso, não temos como pretensão aqui nos aprofundar em demasia por abordar minuciosa e individualmente cada fenômeno - como geralmente os trabalhos na área fazem. Antes pretendemos demonstrar como os fenômenos argumentativos podem trabalhar conjuntamente para construir a Argumentação na charge. Acreditamos que esse tipo de análise é profícua, porquanto permite abordar, de modo holístico, os fenômenos argumentativos e as suas várias interações.

Desse modo adotamos aqui também o critério da coocorrência. Esse critério implicou, durante a análise de uma determinada charge, que escolhêssemos um fenômeno específico central para focalizar (por exemplo, a polifonia de enunciadores), mas sempre observando também outros fenômenos paralelos que ocorriam simultaneamente. Para o fenômeno central,

14 Por exemplo, como pode ser visto na Introdução deste trabalho, ao realizar a observação do estado de arte da Argumentação no gênero charge, encontramos a existência de diversos fenômenos que realizavam a abordagem individual de um único fenômeno (tal como a polifonia de locutores na charge ou intertextualidade na charge).

dávamos mais espaço para análise, para os paralelos, fazíamos-lhes menção ou explicávamos brevemente sua ativação e efeitos de sentido dentro do texto.

Em alguns casos, tivemos que decidir em que tópico de análises iríamos enquadrar determinada charge. Isso ocorreu principalmente pelo fato de que, como ela exibía a coocorrência de dois ou mais fenômenos argumentativos, poderíamos encaixá-la em mais de um tópico de análises (por exemplo, polifonia de locutores e enunciadores; ou SE-locutor e intertextualidade; ou Polifonia de locutores, SE-locutor e polifonia de enunciadores; bem como outras combinações possíveis entre esses fenômenos). Quando isso ocorreu, optamos, em primeiro lugar, por enquadrar essas charges em tópicos menos abundantes de textos chárgicos (os fenômenos do SE-locutor e da Intertextualidade). Em segundo lugar, observamos os efeitos de sentido gerados por cada fenômeno dentro de um determinado texto, daí aquele (por exemplo, intertextualidade) que se apresentava como mais relevante, ou central, na construção do sentido de certa charge corresponderia ao tópico de análise (intertextualidade) em que o enquadraríamos.

Uma vez coletadas e catalogadas as 118 (cento e dezoito) charges que compõem nosso *corpus*, restringimos esse número para 20 (vinte) charges analisadas. Durante esse processo de seleção, um dos critérios utilizados foi o da diversidade. Esse critério consistiu em buscarmos identificar e analisar diferentes manifestações dos mesmos fenômenos argumentativos, tornando, assim, possível abordá-los de diferentes perspectivas. Por exemplo, no caso da polifonia de locutores, optamos por colocar uma quantidade representativa de charges em que esse tipo de polifonia era ativado por diferentes estratégias semântico-argumentativas: a) existência de múltiplos locutores-personagens, b) existência de discurso relatado em estilo direto, c) de estilo indireto etc.

Outro critério utilizado foi analisar mais charges daqueles fenômenos que fossem mais recorrentes, de modo a representar a ocorrência deles no *corpus*¹⁵. Isso implicou termos dividido o espaço total de análises (20 charges) em: 7 (sete) para a Polifonia de locutores e suas ocorrências; 7 (sete) para a Polifonia de Enunciadores e suas ocorrências, 3 (três) para a Intertextualidade e suas ocorrências e 3 (três) para o SE-locutor.

Dentro de cada um desses tópicos, há certas subdivisões, referentes a manifestações ou ocorrências particulares. Por exemplo, o espaço de análise de 7 charges destinado a polifonia de enunciadores foi dividida em três subtópicos analíticos: PE ativada por negação polêmica

¹⁵ Para consultar o número total de ocorrências e a percentagem individual de cada fenômeno e coocorrências dentro do *corpus*, vide seção *Discussão dos Resultados Obtidos*.

(3 charges); PE ativada por expressões/palavras iterativas, de mudança ou permanência de estado (2 charges) e PE ativada por operadores argumentativos (2 charges).

Algo similar fizemos com o tópico Polifonia de Locutores (7 charges), dividida nos subtópicos PL ativada: por Locutores-personagem internos à charge (3 charges); por locutores discursivos externos à charge em Estilo indireto (2 charges); e por locutores discursivos externos à charge em Estilo direto (2 charges). Referente aos fenômenos da Intertextualidade e do SE-locutor, dividimos o primeiro nos subtópicos subversão (1 charge) e captação intertextual (2 charges), quanto ao fenômeno do SE-locutor (3 charges), optamos por não criar subcategorias de análise.

Não criamos um tópico de análise específico para o fenômeno da Modalização discursiva, porquanto vamos analisá-la apenas quando coocorrer com a polifonia. Essa restrição fez-se necessária para não se perder o foco de análise ou expandir demais o recorte analítico. Os casos de modalização em charges analisadas obedecem as seguintes condições: (1) a modalização atua em conjunto com algum dos tipos de polifonia investigados (SE-locutor, Intertextualidade, Polifonia de locutores ou Enunciadores) e (2) a modalização associada à polifonia imprime algum ponto de vista importante para a compreensão do texto chágico.

Para exemplificar como as análises foram organizadas a partir do tipo de fenômeno encontrado, podemos citar o caso da polifonia de locutores. Ao encontrar uma charge que apresentava esse fenômeno, selecionávamos um trecho textual específico (descrições textuais deixadas pelo chargista e/ou balões de fala dos personagens), depois passávamos a identificar as vozes presentes nele e, por fim, esquematizávamos como o locutor-chargista introduziu ou fez referência a determinadas vozes presentes neste trecho.

No caso da modalização, identificamos o termo ou expressão modal ativadora da modalização no texto da charge, analisamos os efeitos de sentido gerados dentro do enunciado por aquele termo ou expressão e indicamos como o locutor-chargista deixa sinalizada para o interlocutor o modo como determinada informação deve ser lida ou compreendida. Tanto na polifonia quanto na modalização, recorrentemente deixamos sinalizado por meio de quais mecanismos linguísticos ou discursivos tais fenômenos eram ativados, também apontamos os efeitos de sentidos gerados por eles, e os posicionamentos do locutor-chargista a respeito das informações trazidas para dentro do enunciado.

Criamos um sistema de nomenclatura para facilitar a identificação e classificação das charges. Na parte superior da imagem de cada charge, há uma descrição, um código que

identifica, respectivamente, a ordem da charge na seção de análise, o fenômeno principal que estamos analisando e a estratégia ativadora desse fenômeno naquele texto, bem como o número da charge no apêndice de catalogação, de modo a facilitar a consulta e verificação do *corpus* catalogado pelo leitor. Por exemplo, um dos códigos que usamos foi “Charge 01 – PL-LP (nº 32)”, o que quer dizer que estamos na primeira charge da seção de análises, o principal fenômeno que estamos observando nela é a Polifonia de Locutores (PL) ativada pela estratégia de locutores-personagem (LP), além disso, na sequência da catalogação, ela é o trigésimo segundo texto. Outros códigos utilizados para abreviar fenômenos ou estratégias foram: LEI (locutor externo introduzido em estilo indireto); LED (locutor externo introduzido em estilo direto); SE-L (SE-Locutor); Intertextualidade (INT); PE-NP (Polifonia de enunciadores ativada por negação polêmica); PE-P (Polifonia de enunciadores ativada por pressuposição); PE-OP (Polifonia de enunciadores ativada por operadores argumentativos).

Por fim, tendo em vista que a charge é um texto que tem um espaço temporal curto e específico em que deve ser compreendido, buscamos, sempre que possível, contextualizar o leitor, trazendo-lhe informações necessárias para a compreensão dos textos, tais como data, jornal/portal de divulgação, contextualização sociopragmática do momento de publicação e indicação de quem são os personagens que aparecem nas charges, suas funções políticas e sua relação com o processo das eleições. Atentou-se bastante para os efeitos de sentidos produzidos pelo plano visual das charges e sua relação com o texto linguístico. Isso é necessário, haja vista que a charge é um gênero multimodal no qual a mensagem é veiculada através de dois planos, e de ambos podem ser depreendidos posicionamento críticos e irônicos determinantes para a atribuição de sentido.

Passemos, pois, às análises das charges de nosso *corpus*.

4.2 Análise das charges políticas sobre as eleições de 2018 e seus desdobramentos

Como havíamos dito, as análises estão divididas pelo tipo de fenômeno polifônico encontrado. Inicialmente apresentamos as charges referentes ao fenômeno da Polifonia de Locutores ativada por introdução de locutores-personagem internos à charge e, depois, por locutores discursivos externos à charge (em estilo direto e indireto). É importante observar que os diferentes fenômenos argumentativos podem coocorrer em um mesmo espaço textual enunciativo.

4.2.1 Polifonia de locutores ativada por:

a) Locutores-personagem internos à charge

O fenômeno argumentativo mais comum encontrado durante o processo de catalogação do *corpus* foi a polifonia de locutores, notadamente aquela ativada pela presença de um ou mais locutores-personagem introduzidos dentro do espaço enunciativo da charge. Esse tipo de polifonia chegou a estar presente em 102 (cento e duas) do total de 118 (cento e dezoito) charges. A seguir analisamos algumas dessas ocorrências.

Charge 01 – PL-LP (nº 32)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 31/10/2018

A charge 01, do chargista Lute, foi publicada no jornal *Hoje em Dia* (MG) no dia 08 de agosto de 2018. O texto faz alusão ao ato de compra de apoio político em troca de vantagens econômicas – uma prática ilegal – mas, por vezes, comum em processos eletivos. Na charge, estão representados dois personagens, que, em virtude da sua caracterização e da roupa que portam provavelmente são executivos e/ou políticos em meio a uma negociação.

Convém destacar que o sujeito que aparece como aquele responsável pelo discurso como um todo é L1 (o locutor-chargista), um ser do discurso que, como diz Ducrot (1998), difere do Sujeito Empírico (SE), o chargista Lute. Observa-se ainda que esse ser do discurso (L1) introduz no enunciado as vozes de outros dois sujeitos discursivos, os personagens que aparecem no plano visual da charge (L2 e L3). Esquematizando esse processo, temos:

L1 (locutor-chargista) – responsável pelo discurso como um todo

L2 (executivo/político): Nosso grupo decidiu apostar na sua candidatura!

L3 (executivo/político): Legal!! isso aí é a lista de apoiadores?!

L2 que nega L3: Não!! Os cargos que queremos se você for eleito!

A introdução, em balões de fala, das vozes desses locutores-personagem (L2 e L3) dentro do discurso de L1 caracteriza um caso de polifonia de locutores. Isso porque temos a atribuição de trechos de fala específicos a sujeitos discursivos distintos e irreduzíveis, condições essenciais, como caracteriza Ducrot (1988), para a ocorrência da polifonia de locutores em um enunciado. Há ainda um caso de negação metalinguística, que é característico do fenômeno da polifonia de locutores. A negação metalinguística, segundo Ducrot, consiste na negação de uma sentença dita anteriormente, a saber, a asserção de que a lista de papéis apresentada por L2 a L3 seria a (ampla) lista de apoiadores da candidatura de L3. Desse modo, o “Não” presente na fala de L2 funciona como mecanismo que anula ou nega a hipótese levantada antes por L3, ao mesmo tempo em que introduz uma nova afirmação de L2: os cargos que queremos

Associados ao fenômeno da polifonia de locutores, estão os fenômenos da modalização discursiva e do SE-locutor. Na charge 01, temos três modalizadores, um é o adjetivo “legal” que qualifica como positiva a ação de determinado grupo apoiar a candidatura de L3, logo um modalizador avaliativo. O segundo modalizador é a forma verbal “decidiu”, que apresenta como algo certo, ou algo que não resta dúvidas quanto ao apoio da candidatura de L3, logo um modalizador epistêmico asseverativo. O último modalizador é a forma verbal “queremos”, que expressa uma volição, ou um desejo, de L2 em relação à obtenção de determinados cargos, logo um modalizador deôntico volitivo.

O fenômeno do SE-locutor é ativado pela introdução de uma voz coletiva de contornos pouco definidos, como dizem Anscombre (2010) e Nascimento (2015). Essa introdução é feita através da forma verbal “decidiu”, um verbo *dicendi* utilizado para relatar a fala de um sujeito discursivo, no caso em questão, a fala plural do sujeito coletivo “nosso grupo”, que equivale a um SE-locutor. Esse SE-Locutor teve sua voz introduzida na charge mediante estilo indireto pelo verbo “decidir”, de modo que as palavras que vêm após o referido verbo correspondem ao dizer desse sujeito coletivo: *apostar na sua candidatura!*

Podemos perceber que, quando L1 dá voz aos locutores-personagem (L2 e L3), o que caracteriza o fenômeno da polifonia de locutores, ele faz uso conjunto de outros fenômenos semântico-argumentativos para construir a argumentação dentro do texto chágico. Por exemplo, a modalização é utilizada tanto para qualificar certas informações enunciadas na charge, quanto para expressar volição de um dos locutores-personagem. O SE-locutor, por sua vez, é utilizado para realizar a introdução de uma voz que expressa a vontade de uma coletividade que não está determinada dentro do enunciado.

Notadamente, encontramos, nesta charge, o que poderíamos chamar de um *ponto de articulação* entre fenômenos argumentativos. Esse ocorre no primeiro balão do primeiro quadro da charge, quando o locutor-chargista, ao fazer uso de um personagem linguístico (L2), acaba por introduzir o sujeito coletivo “nosso grupo”; e o recurso linguístico que L1 utiliza para articular esses dois fenômenos é um *dicendi* modalizador, ativando conjuntamente o terceiro fenômeno argumentativo – a modalização discursiva – dentro do mesmo enunciado. Em outras palavras, temos uma voz coletiva (fenômeno do SE-locutor) evocado dentro da fala de um locutor-personagem (L2) criado por L1 (fenômeno da polifonia de locutores), e o recurso usado para realizar esse processo articulatório foi um verbo *dicendi* asseverativo (fenômeno da modalização discursiva). Observa-se, pois, que, apesar de serem autônomos semanticamente falando, eles trabalham em conjunto (coocorrem) e estabelecem relações de associação dentro do texto, de modo que se faz proveitosa uma análise que observe as interações entre eles, conforme a amostragem provida nesta seção de análises.

Por fim, como recurso de criação de humor, utilizado pelo locutor-chargista, temos a quebra de expectativa de L3 no segundo quadro, como reação à fala de L2 sobre a imensa quantidade de cargos que eles queriam em troca do apoio oferecido. Tal construção textual e gráfica é utilizada pelo locutor-chargista para tecer uma crítica a um aspecto social específico, no caso, a compra de apoio político e troca de favores entre políticos que desejam se eleger e grandes grupos corporativos. Os efeitos de sentido gerados pelo diálogo entre esses dois locutores-personagem são de que L1 avalia ou caracteriza a política brasileira, de certa forma, enquanto uma atividade movida por negociatas entre políticos que querem se candidatar e empresários ou executivos, que em troca de favores futuros, financiam campanhas eleitorais.

Na charge a seguir, veremos mais um caso de polifonia de locutores ativada por dois locutores-personagem.

Charge 02 - PL- LP (nº72)



Fonte: Folha de São Paulo – Coletada em <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges> em 13/05/2019

Na charge 02, do chargista Hubert, publicada no jornal Folha de São Paulo no dia 25 de julho de 2018, vemos um homem sentado em um sofá assistindo à propaganda eleitoral na televisão. No plano visual da charge, vemos dois locutores-personagem, L2, o candidato político na televisão, e L3, o homem sentado; L2 tenta convencer L3 dos benefícios de escolhê-lo como candidato.

L1, o sujeito responsável pelo discurso como um todo introduz, no espaço enunciativo da charge, as vozes desses dois personagens que aparecem no plano visual da charge (L2 e L3). Esquemmatizando esse processo, teríamos:

L1 (locutor-chargista) – responsável pelo discurso como um todo

L2 (político): Se você votar em mim, vou acabar com o desemprego! A começar pelo meu próprio! KKKKK!

L3 (telespectador): Pelo menos é sincero...

A introdução, em balões de fala, das vozes desses locutores-personagens (L2 e L3) para dentro do discurso de L1, caracteriza um caso de polifonia de locutores. Isso ocorre porque ambos os personagens se apresentam como figuras autônomas dentro do espaço enunciativo, de modo que a eles podemos atribuir determinados trechos de fala.

Associado ao fenômeno da polifonia de locutores, está o fenômeno da modalização discursiva. Na charge 03, temos dois modalizadores, um é o adjetivo avaliativo “sincero” que dá uma conotação positiva, e ao mesmo tempo irônica, a L2 enquanto político. O segundo

modalizador corresponde à locução verbal “vou acabar”. Nota-se que o uso do verbo “ir” no presente + “acabar” no infinitivo, nesse caso, assume valor de promessa feita por L2 a L3, o que acaba por incidir sobre o valor epistêmico ou de certeza do enunciado. Isso ocorre, uma vez que, ao dizer que irá acabar com o desemprego, L2 compromete-se com essa asserção, assegurando concretizá-lo, caso lhe sejam dadas as condições necessárias para tal (ser eleito para o cargo).

Ao introduzir e dar voz a esses personagens linguísticos, o locutor-chargista cria efeitos de sentido particulares, de modo a satirizar as intenções e promessas eleitorais dos políticos durante as eleições de 2018. O humor, na charge, é gerado a partir da quebra de expectativa no primeiro balão, quando o candidato diz que lutará para acabar com o desemprego, levando o interlocutor a inferir que o desemprego referido pelo político será o desemprego no país, no entanto essa conclusão é rechaçada, ainda no primeiro balão, pela quebra de expectativa com a fala do locutor-personagem político de que o desemprego ao qual se referia seria o dele próprio.

Convém destacar que o desemprego é um problema social que preocupa a maioria dos brasileiros, de modo que a ação de prometer acabar com o desemprego pode surtir um bom efeito em conseguir adesão popular. No entanto, quando o locutor-personagem diz: “[...]vou acabar com o desemprego! A começar pelo meu próprio! Kkkkk!”, isso pode ser interpretado tanto como uma atitude de despreocupação com os problemas sociais do povo, quanto como uma posição de assumir um cargo público apenas para usufruto pessoal.

Contudo essas ideias são amenizadas pelo uso do operador argumentativo *pelo menos*, presente na fala de L3. Esse operador acaba por relativizar a gravidade da situação, de que, apesar de estar pouco interessado nos problemas da população e querer se eleger por questões pessoais, *pelo menos* ele é sincero e corajoso em dizer isso abertamente. Em outras palavras, o personagem político criado pelo locutor-chargista seria diferente ou melhor do que os demais políticos porque, apesar de interesseiro, pelo menos ele é sincero, existiriam outros piores que são corruptos ou interesseiros e ainda não sinceros.

É perceptível que, através das vozes dos locutores-personagem introduzidas, o locutor chargista faz uma crítica a candidatos eleitorais que escondem suas reais motivações para entrar para a política e que as dissimulam para conseguir o apoio popular, geralmente por meio da ideia de que estão preocupados com os problemas do povo (desemprego, saúde, segurança etc.). Por isso a sigla utilizada por L1 (no canto esquerdo superior da televisão)

para descrever o nome do partido político é PQP um termo vulgar, que corresponde à forma abreviada da expressão pejorativa “Put a que pariu”, utilizada na charge como substituto genérico de uma sigla de um partido político qualquer, traduzindo, assim, um ponto de vista de insatisfação e avaliação negativa a respeito da política.

Nas charges 01 e 02, vimos que a polifonia de locutores pode ser ativada por dois ou mais locutores-personagem. Na charge a seguir, porém, vamos ver que a introdução de apenas um único locutor-personagem já é suficiente para ativar esse fenômeno.

Charge 03 - PL- LP (nº76)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 29/10/2018

A charge 03, do chargista Hubert, foi publicada no jornal Folha de São Paulo no dia 25 de julho de 2018. No plano visual da charge, vemos uma cabine de votação com detalhes sombreados, atrás dela um homem de estado preocupado e ao mesmo tempo indeciso, pois não sabe que escolha tomará, uma vez que nenhuma das duas alternativas parecem-lhe agradáveis.

Nesta charge, temos a presença de dois locutores distintos, um é o locutor-chargista, que é o responsável pelo discurso como um todo, o segundo locutor é o locutor-personagem que aparece no plano visual do texto. Esquemmatizando esse processo, teríamos:

L1 (locutor-chargista) – responsável pelo discurso como um todo

L2 (eleitor): É um tiro na cabeça .../ ...Ou um tiro no pé.../ ... Com um tiro no pé a gente manca mais fica vivo, né?

Apesar da charge 03 conter apenas um locutor-personagem, podemos dizer que nela ocorre polifonia de locutores, uma vez que ao locutor-chargista devem ser imputados primariamente todos os enunciados que aparecem no texto, incluindo as falas de L2, locutor-personagem criado, ao qual ele próprio dá voz, desse modo temos que o locutor-chargista é o L1 da charge, porquanto é o responsável pelo discurso por um todo, e o L2 é o locutor-personagem que aparece no plano visual.

Além da polifonia de locutores, temos, nessa charge, a ocorrência de outro fenômeno argumentativo: a polifonia de enunciadores, a qual é ativada pelo uso do operador argumentativo *mas*¹⁶, presente na fala do locutor-personagem L2. O uso desse operador argumentativo põe em cena determinados pontos de vista e conclusões esquematizados a seguir:

E1: Com um tiro no pé a gente manca E2: Levar um tiro no pé é ruim. (C. -r)

E3: mais (mas) fica vivo E4: Levar um tiro no pé não é (tão) ruim (C. não -r)

A presença do operador de contraposição *mas* na charge põe em cena quatro enunciadores diferentes (E1, E2, E3 e E4). A enunciação de E1 (Com um tiro a gente manca) leva à conclusão -r: levar um tiro no pé é ruim. Por sua vez, a enunciação de E3 (mais fica vivo) leva à conclusão contrária não -r: Levar um tiro no pé não é (tão) ruim. Ao utilizar o operador *mas*, L2 atenua a gravidade do fato expresso em E1 (levar um tiro). Essa atenuação ocorre tendo em vista a comparação expressa entre a gravidade de levar um tiro no pé e a gravidade de levar um tiro na cabeça, o que seria fatal.

A partir da apresentação da cena retratada (levar um tiro no pé ou na cabeça) no plano visual e linguístico da charge, o locutor-chargista pretende qualificar a (difícil) situação em que se encontrariam os eleitores durante as eleições de 2018 - uma espécie de dilema eleitoral. L1 equipara a ação de ter que escolher um candidato à decisão de alguém que tem que escolher entre levar um tiro no pé ou na cabeça. Em outras palavras, nenhuma das escolhas é necessariamente satisfatória, visto que ambas resultam em algum nível de perda (a morte, no primeiro caso, ou a incapacitação de um membro, no outro), apesar disso uma delas é menos

16 Apesar de estar escrito textualmente na charge “mais”, acreditamos que o termo utilizado corresponde à forma fonética coloquial [m'ajf] da conjunção *mas*. A escrita de “mais” significando a palavra “mas” pode ser explicada pelo contexto informal do episódio de fala retratado na charge. Além disso, percebe-se uma relação sintática de contraposição entre as orações coordenadas “a gente manca” *mas* “fica vivo”, ou seja, as ideias de mancar e ficar vivo são contraposta entre si.

ruim do que a outra. Por isso a justificativa presente na fala de L2, no último quadrinho, ele faz uma opção e justifica essa escolha. Está escolhendo a menos ruim (levar um tiro no pé), mesmo que não isso seja satisfatório.

Em resumo, a ironia construída por L1, o locutor-chargista, consiste, por extensão, em caracterizar todo o processo de votação enquanto uma situação que põe o eleitor em um dilema, haja vista todas opções de candidatos disponíveis em pleito serem uma pior que a outra, logo a metáfora do tiro na cabeça ou no pé.

Ao compararmos a charge em questão (03) com as duas primeiras (01 e 02), notaremos que vários fenômenos argumentativos podem coocorrer em um mesmo texto. Na charge 01, temos a ocorrência da P. de Locutores, Modalização e P. de Enunciadores. Na charge 02, temos os fenômenos da P. de Locutores e da Modalização. Já na charge 03, temos os fenômenos da P. de Locutores e da P. de Enunciadores. Convém notar, no entanto, que em algumas charges, determinados fenômenos podem ser mais centrais ou menos para a construção da argumentação no texto.

b) Locutores discursivos externos à charge

Nas charges anteriores (01 – 03), vimos como a presença de locutores-personagem internos à charge é uma estratégia semântica argumentativa comumente utilizada pelo locutor chargista para ativar a polifonia de locutores. Nas charges a seguir, veremos também como o referido fenômeno pode ser ativado mediante a recuperação do dizer de um locutor discursivo externo à charge.

b1) Mediante Estilo Indireto

Uma das maneiras de ativar a polifonia de locutores em charges é introduzindo a voz de um sujeito externo ao texto por meio de discurso relatado em estilo indireto. Nas charges a seguir (04 e 05), veremos como isso pode ser ocorrer.

Charge 04 - PL- LEI (nº25)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 13/05/2019

A charge 04, do chargista Newton Silva, publicada no portal *Charge Online*, no dia 12 de maio de 2019, mostra dois personagens conversando sobre uma notícia que leem em um jornal fictício (Jornal do Babau). Nota-se que, a julgar pela aparência e qualidade das roupas, esses personagens representam indivíduos pobres. Eles estão a comentar sobre a fala de um locutor de fala externo ao texto, o presidente da república Jair Bolsonaro, sobre a reforma da Previdência Social.

Nesta charge, temos dois casos distintos do fenômeno da polifonia de locutores, um decorrente da presença de vozes de personagens distintos, que são os dois locutores-personagens (L2 e L3) que aparecem a dialogar no plano visual da charge. O outro caso é resultante da recuperação e reprodução em estilo indireto da voz do locutor externo Bolsonaro (L4), o qual é introduzido através do verbo *dicendi* 'dizer'. Esquematizando, teríamos:

L1 (locutor-chargista) – responsável pelo discurso como um todo

L2 (brasileiro 02): O Bolsonaro disse que a reforma da previdência é pra ajudar os mais pobres...

L3 (brasileiro 01): Pobres de nós

L4 (Bolsonaro) – introduzido por L2 diz em estilo indireto: A reforma da previdência é pra ajudar os pobres.

L1, o locutor-chargista, é o responsável pelo discurso como um todo. Dentro de seu discurso, podemos depreender as vozes dos locutores-personagem fictícios que aparecem no plano visual L2 e L3. Além desses dois locutores, há, também, a presença de um quarto locutor discursivo L4 (Bolsonaro), ao qual pode ser atribuído o trecho de fala: *a reforma da previdência é pra ajudar os mais pobres*. Associado à polifonia de locutores, há a ocorrência da expressão modalizadora *pobre de nós*, utilizado na fala de L3 para avaliar a situação das classes menos favorecidas brasileiras após a aprovação da reforma da Previdência.

Os efeitos de sentido gerados pela introdução dessas diferentes vozes são de que o locutor-chargista pretende ironizar a declaração do presidente Jair Bolsonaro de que a reforma da previdência seria para beneficiar as classes mais pobres do país. No entanto, não é esse o pensamento de um dos locutores-personagem (L2), que diz: “pobre de nós”. Observe-se aqui o jogo semântico entre duas das acepções da palavra “pobre”, na primeira ocorrência (na fala de L4) o substantivo pobre representa um conjunto de pessoas desfavorecidas economicamente. Na segunda ocorrência (na fala de L3), “pobre” atua como um adjetivo modalizador avaliativo que caracteriza como coitados, ou dignos de pena os brasileiros após a aprovação da referida reforma.

Na charge a seguir (05), veremos outra ocorrência de polifonia de locutores ativada pela introdução da voz de um locutor externo ao texto em estilo indireto.

Charge 05 - PL- LEI (nº20)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 20/08/2019

A charge 05, do chargista Pelicano, publicada no portal *Charge Online*, no dia 20 de julho de 2019, faz referência – no canto superior esquerdo – a uma fala do presidente Jair Bolsonaro sobre a inveracidade de se ainda passar fome no Brasil. No plano visual, vemos um personagem sem muitas condições financeiras, que, ao sentir fome, chama seu estômago de mentiroso e ordena-o que pare de “fingir” indevidamente estar com fome, tendo em vista a declaração do presidente.

Na charge, temos a presença de três locutores distintos, o primeiro deles é o locutor-chargista, o responsável pelo discurso como um todo, o segundo locutor é o locutor-personagem que aparece no plano visual do texto. Por sua vez, o terceiro é o locutor externo (Bozonaro) que teve sua voz introduzida e reproduzida na charge em estilo indireto. Esquemmatizando esse processo, teríamos:

L1 (locutor-chargista) – responsável pelo discurso como um todo

L2 (locutor-personagem): Fica quieto, Mentiroso!

L3 (Bozonaro) - introduzido por L1 em estilo indireto: Passar fome no Brasil é uma grande mentira.

Ocorrem, nessa charge, dois tipos de polifonia de locutores: um ativado pela presença do locutor-personagem L2; o outro, pela introdução da voz de L3, um locutor externo ao texto chárgico. L1, que é o responsável por introduzir as vozes de ambos locutores, faz uso de alguns recursos linguísticos e gráficos para realizar tais introduções. No primeiro caso, ele faz uso de balões de fala para trazer a voz do locutor-personagem L2; no segundo caso, ele utiliza o verbo *dicendi* “dizer”, para parafrasear a fala de L3 Bozonaro (corruptela de Bolsonaro), o que caracteriza um caso de discurso relatado em estilo indireto.

Conjuntamente ao fenômeno da polifonia de locutores, está o fenômeno da modalização discursiva. Na charge 05, temos quatro modalizadores, três deles sendo modalizadores avaliativos e um deles um modalizador deôntico de obrigatoriedade. Os adjetivos qualificativos “grande mentira” e “mentiroso”, bem como a paródia avaliativa do nome do locutor (Bozonaro) são utilizados para avaliar ou qualificar: a existência de pessoas que passam fome no Brasil; o estômago do personagem e o próprio presidente Bolsonaro. O quarto modalizador é a forma verbal imperativa *fica* (quieto!), que exprime uma ordem do personagem L2 a seu corpo, para que este pare de fingir ter fome.

Observe-se que toda a construção da charge é feita de modo irônico, isto é, de modo a fazer troça de e rechaçar por completo a fala de Bozonaro (Bolsonaro), que nega que a fome seja uma realidade no país. Tal construção irônica é feita através do plano visual e do plano linguístico. No plano linguístico, por exemplo, temos a paródia modalizadora do nome do presidente, que é subvertido pelo chargista e sofre alteração para “Bozonaro”. A alteração paronímica do nome Bolsonaro para BOZOnaro é significativa dentro da charge, tendo em vista que Bozo foi o nome de personagem cômico (um palhaço) bem conhecido, de modo que ela atende bem as intenções de L1 em qualificar Bolsonaro e atribuir-lhe aspectos ou traços palhaçais. Além disso, o diálogo interno que o personagem, de modo irônico, estabelece com o seu estômago, obrigando-o ao silêncio por contrariar a declaração do presidente é outro exemplo de como o plano linguístico foi utilizado pelo locutor-chargista para ironizar a declaração do presidente.

O humor vem da contraposição da fala do presidente de que é falsa a ideia de se passar fome no Brasil com a representação pictórica no plano visual de um brasileiro pobre, para o qual a fome ainda é uma realidade. A crítica da charge reside no fato de o personagem ter que frear, silenciar, uma necessidade fisiológica de seu corpo para tentar se adequar à afirmação do presidente. O modo como esse um diálogo interno do personagem com seu organismo é construído gera humor ativado pelo absurdo, em virtude da impossibilidade de se realizar tal ação.

b2) Mediante Estilo Direto

Nas duas charges anteriores (04 e 05), vimos como o locutor-chargista pode fazer uso de paráfrase, ou de estilo indireto, para introduzir locutores externos à charge. Em outros casos, porém, ele recupera, na integralidade material, as palavras de um locutor discursivo externo, ativando igualmente a polifonia de locutores. Vejamos como isso aconteceu nas charges a seguir (06 e 07)

Charge 06 - PL- LED (nº19)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 20/08/2019

A charge 06, do chargista Mariano, publicada no portal *Charge Online*, no dia 28 de junho de 2019, faz alusão a críticas feitas por outros países a respeito do desmatamento da Amazônia, mais especialmente, alude à crítica feita pela chanceler alemã Angela Merkel ao governo brasileiro. Em resposta a isso, o presidente Jair Messias Bolsonaro disse que, na verdade, seria a Alemanha que teria muito a aprender com o Brasil, declaração que aparece entre aspas no plano textual da charge.

A charge 06 se assemelha às charges 04 e 05 na medida em que recupera a voz de um locutor discursivo externo ao texto chárgico, porém, à dessemelhança delas, o relato é trazido para dentro do texto por meio de aspas, caracterizando uma ocorrência de polifonia de locutores com discurso relatado sob a forma de estilo direto. Nota-se também que a polifonia de locutores é ativada quando o locutor-chargista introduz o dizer de um locutor-personagem, esquematizando teríamos:

L1 (locutor-chargista) – responsável pelo discurso como um todo.

L2 locutor-personagem (J. Bolsonaro): Liberar o desmatamento, aprovar o uso de mais 239 novos agrotóxicos, extinguir as áreas de proteção ambiental, desamparar os índios e os quilombolas, dar porte de arma para os fazendeiros, cortar verbas para as pesquisas nas universidades...

L3 externo à charge (presidente Jair Messias Bolsonaro) – introduzido por L1 por meio das aspas: “Alemanha tem muito a aprender com o Brasil”.

Temos, portanto, um caso de polifonia de locutores na charge 06, haja vista que o locutor-chargista põe, em cena no espaço da enunciação, as vozes de dois locutores discursivos distintos entre si, os quais seriam L2, o locutor-personagem Bolsonaro, que aparece no plano visual da charge, e um terceiro locutor discursivo (L3), que não aparece no plano visual da charge, mas que tem sua voz foi introduzida e reproduzida em estilo direto.

Os efeitos de sentido construídos são de que L1 rechaça a declaração do presidente Jair Bolsonaro (L3) através da criação de um personagem chargístico fictício (L2), que não por coincidência é o próprio Bolsonaro. O locutor-chargista também ironiza o fato de Bolsonaro considerar o Brasil um exemplo, do qual os outros países teriam de aprender lições em questões como proteção ambiental e de proteção aos direitos humanos. A ironia fica evidenciada também pelo aspecto visual dos personagens, enquanto Bolsonaro é de tamanho minúsculo, Angela Merkel, a chefe de estado alemã, é enorme. A altura dos personagens pode ser uma metáfora construída por L1 para caracterizar a experiência deles enquanto líderes de nações ou ainda para o desenvolvimento de cada país. Em qualquer um dos casos, fica-se subentendida a ideia de que alguém inexperiente (menor em tamanho) quer, equivocadamente, ensinar uma lição a alguém mais experiente, quando aquele, em primeiro lugar, não daria o exemplo, conforme os argumentos citados pelo locutor-personagem Bolsonaro.

Observa-se ainda que, quando L1 elenca as medidas que teriam sido tomados por Bolsonaro: *Liberar o desmatamento, aprovar o uso de mais 239 novos agrotóxicos, extinguir as áreas de proteção ambiental, desamparar os índios e os quilombolas, dar porte de arma para os fazendeiros, cortar verbas para as universidades as pesquisas nas universidades*, ele cria uma espécie de justificativa (argumentos), que somados poderiam servir para legitimar – de modo irônico – a declaração de L3 de que “Alemanha tem muito a aprender com o Brasil”.

Em outras palavras, poderíamos dizer que a voz de L2 (Bolsonaro fictício) contém um conjunto de sentenças de mesmo valor argumental – uma classe argumentativa – que corrobora a tese, presente na fala do Bolsonaro real (L3) “*Alemanha tem muito a aprender com o Brasil*”, isto é, teria muito a aprender nos campos do desmatamento, de aprovar pesticidas, liberar armas de fogo, cortar verbas das universidades etc. Note-se que essa conclusão (de que o Brasil seria um exemplo em tais campos para outros países aprenderem) é

extremamente irônica, porquanto L1 mostra-se cético, não crendo que as ações tomadas pelo governo Bolsonaro seja um “exemplo a ser seguido” por outros países.

Na charge a seguir, veremos outra ocorrência de polifonia de locutores ativada pela introdução da voz de um locutor externo ao texto em estilo direto.

Charge 07 – PL – LED (nº107)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 02/12/2018

A charge 07, do chargista Mariano, publicada no portal *Charge Online*, no dia 23 de novembro de 2018, faz alusão a uma declaração feita pelo presidente Jair Bolsonaro em um encontro de políticos de que a questão ideológica de uma pessoa seria mais grave do que a corrupção em si. No plano visual da charge, vemos, ao centro, um rato amontoado de dinheiro festejando saltitante a fala do presidente, e ao canto, a população, uma família brasileira apenas a observar sem reação e com cara de palhaço.

Na charge, temos a presença de três locutores distintos, o primeiro deles é o locutor-chargista, o responsável pelo discurso como um todo, o segundo locutor é o locutor-personagem político que aparece no plano visual do texto. Por último, o terceiro é o locutor externo (Bolsonaro) que teve sua voz introduzida e reproduzida na charge em estilo direto. Esquematizando esse processo, teríamos:

L1 (locutor-chargista) – responsável pelo discurso como um todo

L2 (locutor-personagem): Êba! Êba! Liberou! Liberou!

L3 (Bolsonaro) - locutor externo introduzido em estilo direto: “A questão ideológica é muito grave que a corrupção”.

Ocorrem, nessa charge, dois fenômenos diferentes da polifonia de locutores: um ativado pela presença do locutor-personagem político (L2); o outro, pela introdução da voz de L3, um locutor externo ao texto chárgico. L1, que é o responsável por introduzir as vozes de ambos os locutores, faz uso de alguns recursos linguísticos e gráficos para realizar tais introduções. No primeiro caso, ele faz uso de setas indicativas justapostas à cabeça do personagem para indicar que L2 é fonte de determinada declaração, já no segundo caso, ele utiliza as aspas duplas para recuperar e reproduzir a fala de L3 Bolsonaro, o que caracteriza um caso de discurso relatado em estilo direto.

Conjuntamente ao fenômeno da polifonia de locutores, está o fenômeno da modalização discursiva. Na charge 07, temos como modalizadores toda a expressão “muito mais grave” e o verbo “liberou”, eles expressam uma avaliação acerca da gravidade superior do pensamento ideológico em relação à corrupção, primeiro caso, e um julgamento de que a corrupção agora tinha sido liberada, tendo em vista a declaração do presidente, portanto constituem-se enquanto modalizadores do tipo avaliativo.

O humor da charge se constrói, no plano linguístico, inicialmente pela recuperação de uma fala de Bolsonaro (L3) que repercutiu bastante, pois soava como se a corrupção não fosse um problema tão grave, em seguida, pela introdução do discurso de L2, que exalta entusiasticamente a postura do presidente em relação à corrupção, comemorando: “Êba! Êba! Liberou! Liberou!”.

No entanto, é o plano visual aquele que ganha destaque para a construção do humor na charge. A caracterização que o chargista dá aos personagens é consideravelmente relevante para a produção da comicidade. O rato é um animal considerado sujo e que tem hábitos furtivos de roubar alimento, desse modo ao retratar os políticos com traços de tal animal (orelhas redondas, nariz e dentes murinos e uma cauda avantajada), o locutor-chargista, por extensão, pretende associar a figura deles a qualidades negativas como desonestidade, roubo e corrupção.

Além disso, ao caracterizar os personagens que representam a população brasileira com narizes vermelhos (de palhaço), L1 transmite a mensagem que os políticos tentam fazer o

povo de bobo, já que seus próprios representantes dão declarações públicas que minimizam a gravidade de problemas sociais como a corrupção. Em conclusão, podemos dizer que a crítica do texto reside no fato de o locutor-chargista ironizar os pesos que Bolsonaro atribui à corrupção e à diferença de pensamento ideológico, sendo “muito mais grave” ou preocupante, para Bolsonaro, aqueles que pensam diferente dele do que aqueles que são corruptos ou desonestos.

Como vimos nas análises das charges anteriores (01 a 07), o locutor-chargista pode introduzir vozes de locutores discursivos externos bem delimitados e facilmente reconhecíveis entre si, como os locutores-personagem internos e os locutores discursivos externos, caracterizando casos de polifonia de locutores. Em outros casos, porém, percebemos, em nosso *corpus*, que o locutor-chargista introduziu vozes coletivas, de contornos pouco definidos, caracterizando um tipo particular de polifonia (SE-locutor), conforme veremos nas análises das três charges a seguir (08 a 10).

4.2.2 SE-locutor

O fenômeno do SE-locutor teve um total de 7 (sete) ocorrências nas 118 (cento e dezoito) charges de nosso *corpus*. Ainda assim, seu uso gerou efeitos de sentido significativos dentro do texto chárgico, conforme veremos nas três charges analisadas a seguir.

Charge 08 – SE-L (nº33)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 30/10/2018

A charge 08, do chargista Mariano, publicada no portal *Charge Online*, no dia 21/08/2018, faz referência a uma pesquisa de opinião, realizada em 2018, sobre qual candidato era o favorito para vencer as eleições à presidência da República. Na charge aparecem, respectivamente, em uma poltrona e uma almofada, uma idosa e um jovem sentados, representação de uma avó e neto, lendo uma notícia no jornal. A notícia apresentada é a de que Lula lidera a pesquisa de opinião com 37% das intenções de voto.

Na charge 08, temos um caso de polifonia de locutores ativado pelo diálogo entre os locutores-personagem introduzidos dentro do espaço da enunciação pelo locutor-chargista, esquematizando, teríamos:

L1 = Locutor chargista: responsável pelo discurso como um todo

L2 = Locutor-personagem (senhora idosa): *45.900.000 brasileiros (37% dos eleitores) dizem que querem votar no Lula.*

L3 = Locutor-personagem (jovem): *E o Moro mais aqueles 3 juízes (4 pessoas) dizem que não pode. Que democracia é essa?*

Notamos que o locutor-chargista introduz, em seu texto, dois personagens linguísticos (L2 e L3) aos quais podem ser atribuídos trechos específicos de fala distintos e irredutíveis, caracterizando um caso de polifonia de locutores. Contudo, além dessa ocorrência de polifonia, temos outras ocorrências polifônicas que podem ser depreendidas através das falas de L2 e L3, são os SE-locutores 01 e 02, esquematizando, teríamos:

L2 (personagem) evoca o SE-locutor 01 (45.900.000 brasileiros): *querem votar no Lula.*

L3 (personagem) evoca o SE-locutor 02 (O Moro e mais aqueles 3 juízes): *Não pode.*

Nota-se que, L1, o locutor-chargista, o sujeito responsável pelo discurso como um todo da charge, faz uso dos personagens linguísticos que cria (os locutores-personagens L2 e L3), os quais introduzem as vozes de dois SE-locutores em estilo indireto, utilizando o verbo *dicendi* não modalizador “dizer”.

Além disso, temos também, na charge 08, a ocorrência do fenômeno da modalização e da polifonia de enunciadores, que é ativada pelo uso do marcador negativo “não”, gerando negação polêmica. Esquematizando, teríamos:

E1:Dizem que não pode. (enunciado negativo)

E2: Dizem que pode. (enunciado positivo)

Na negação polêmica, o uso do ‘não’, no enunciado, gera dois pontos de vista opostos entre si: um E1 negativo, que nega a possibilidade de Lula ser votado, e um E2 positivo, que afirma que Lula está apto para ser votado. Acerca desses dois pontos de vista, L1 assume determinados posicionamentos enunciativos, os quais são: o rechaçamento de E1 e assimilação de E2, pois para L1, a vontade da maioria da população teria mais peso do que a de quatro juízes.

Na charge em questão, o fenômeno da modalização é ativado pela presença de dois modalizadores deônticos “querem” e “não pode”. O primeiro é um modalizador volitivo, que expressa volição ou vontade de que algo ocorra, nesse caso particular, a eleição de Lula por aqueles 45.900.000 (37 %) dos que estavam dispostos a votar nele. O segundo é um modalizador proibitivo que aparece na fala do SE-locutor 02, decretando que “não pode” ou que está proibida a votação em Lula.

Acerca dos SE-locutores 01 (45.900.000 brasileiros) e 02 (o Moro e mais aqueles 3 juízes), é perceptível que eles se configuram enquanto locutores coletivos de contornos ora mais definidos ora menos definidos. Observe-se que, no primeiro SE-locutor, a indefinição é total, no segundo, por sua vez, a definição é um pouco maior, porque o grupo dos indivíduos que o compõe é mais específico: trata-se do juiz Sérgio Moro e mais três membros (não especificados) que fazem parte de um colegiado, o tribunal de Justiça Federal de Curitiba que julgou Lula. Apesar disso, não podemos identificar com precisão, apenas através do enunciado, todos os indivíduos responsáveis por esses dizeres coletivos nem atribuir determinada palavra ou sentença a uma autoria específica ou individual.

Quanto aos efeitos de sentido gerados, o locutor-chargista, através das diferentes vozes que introduz na charge, apresenta uma crítica à legitimidade da democracia no Brasil. Partindo da noção ou ideia geral de que democracia é uma forma de governo em que o povo

(população) tem o direito de legitimar seus governantes, L1 questiona por que e se magistrados teriam realmente validade para barrar a decisão popular. O locutor-chargista faz isso quando contrapõe vozes dos dois SE-locutores: 01, que representaria a *vox populi* de 37% dos entrevistados, com 02, que representa a voz da justiça ou dos magistrados.

Para acentuar esse conflito de vozes, L1 faz questão de destacar numericamente a superioridade do primeiro grupo em relação ao segundo. Em outras palavras, o locutor-chargista, através das vozes que introduz, questiona, se um grupo de quatro juristas (Moro e mais 3 juízes) teria o direito de deslegitimar a vontade, o querer, de quarenta e cinco milhões e novecentos mil (45.900.000) brasileiros que pensam diferente. Por conseguinte, L1 assume os seguintes posicionamentos a respeito das vozes que introduz: ele apresenta L2 e L3, não aprova o SE-locutor com a voz da Justiça (O Moro e mais aqueles 3 juízes dizem que não pode) e assimila a fala de L4 que aponta para a realização da vontade da maioria da população que pretendia eleger Lula ao cargo de presidente.

A seguir, veremos outro caso do fenômeno do SE-locutor, porém mais complexo. À medida que for lendo a análise, observe como vários fenômenos argumentativos podem ocorrer numa mesma charge e contribuir igualmente para a construção do sentido e da argumentação no texto.

Charge 09 – SE-L (nº22)



A charge 09, do chargista Brum, publicada no jornal Tribuna do Norte (RN), no dia 08/04/2019, faz referência a uma fala do presidente Jair Bolsonaro durante uma cerimônia no Palácio do Planalto. No plano visual da charge, aparecem dois personagens, um deles com um celular e o outro sem nenhum aparelho e com as mãos levantadas. Os dois discutem a veracidade da informação de Bolsonaro não ter nascido para ser presidente.

No texto chágico em questão, temos vários fenômenos polifônicos e argumentativos acontecendo concomitantemente. Em primeiro lugar, podemos destacar a polifonia de locutores, que é ativada pelo diálogo entre os locutores-personagem L2 e L3. Em segundo lugar, temos o fenômeno do SE-locutor, que é ativado quando o locutor-chargista introduz, para dentro de seu discurso, uma voz coletiva e pouco definida (*Já tão falando*). Esquematizando esses processos teríamos:

L1 = Locutor-Chargista: responsável pelo discurso como um todo

L2 = Locutor-personagem (homem com celular): *Já tão falando* que Bolsonaro não nasceu pra ser presidente.

L3 = Locutor-personagem (homem sem celular): COMUNISTA!!! Diz pra mim, quem falou esse absurdo?

L2 = Locutor-personagem (homem com celular): O próprio presidente.

SE-locutor – evocado por L1 e apresentado em estilo indireto: Bolsonaro não nasceu para presidente.

L1, o sujeito responsável pelo discurso como um todo, introduz, dentro do espaço enunciativo do texto chágico, vozes específicas que pertencem aos personagens linguísticos criados por ele (os locutores-personagem L2 e L3), faz isso por meio de setas indicativas justapostas à cabeça dos personagens para indicar que a eles pertencem determinado enunciado. Dentro da fala de um desses locutores-personagem (L2), podem ser encontradas certas palavras que foram imputadas a um SE-locutor, introduzido pelo marcador de fala coletiva *Já tão falando que*, e sob a forma de estilo indireto.

Na sentença “Já tão falando que *Bolsonaro não nasceu pra ser presidente*”, temos as palavras de um sujeito irredutível o qual foi parafraseado e introduzido por L1 dentro da charge. Podemos dizer também, no caso em questão, que esse sujeito representa uma voz coletiva, ou um SE-locutor, levando em conta que a parte grifada em *itálico* corresponde ao dizer introduzido e imputado em estilo indireto a esse sujeito indeterminado, provavelmente a voz do rumor. Note-se que apesar de, na terceira fala do diálogo entre os personagens L2 e L3 ter sido informado que tal declaração tenha sido dita pelo próprio presidente, na primeira fala do diálogo, a autoria do enunciado é apresentada pelo locutor-chargista enquanto uma fala anônima. Isso pode ser percebido através da construção linguística utilizada por L1, notadamente, através da escolha pela indeterminação do verbo conjugado na 3ª pessoa do plural, presente na expressão *Já tão falando que*. Além disso, essa expressão é utilizada, de maneira geral, para introduzir rumores, ou vozes coletivas não identificadas ou que não se pretende identificar. A construção linguística utilizada deixa implícito o sujeito indeterminado “eles”, de forma a coletivizar e impessoalizar a fonte de tal declaração, comumente coletiva.

Além desses dois fenômenos polifônicos, temos o fenômeno da modalização discursiva e da polifonia de enunciadores. A primeira é ativada mediante o uso do adjetivo modalizador “comunista”, utilizado para avaliar negativamente o autor da declaração de que Bolsonaro não teria nascido para ser presidente, declaração essa que é tida como ‘absurda’ por L3, portanto comunista é um modalizador avaliativo.

Por sua vez, a polifonia de enunciadores é ativada primeiramente (1) pelo operador de pressuposição “já” e (2) pelo operador de negação “não”. O operador “já” ativa o fenômeno da pressuposição linguística, tendo em vista que ele sugere uma mudança entre dois estados, um anterior e um atual. Já o operador “não” ativa o fenômeno da negação polêmica, que ativa dois enunciadores polifônicos um negativo e outro positivo. Esquematizando ambos os processos referentes à polifonia de enunciadores, teríamos:

(1) E1: Já tão falando que Bolsonaro não nasceu pra ser presidente (Posto)

E2: Antes não falavam que Bolsonaro não nasceu pra ser presidente (Pressuposto)

(2) E3: Bolsonaro não nasceu para ser presidente (enunciado negativo)

E4: Bolsonaro nasceu para ser presidente (enunciado positivo)

No primeiro caso (1), a utilização do operador de pressuposição “já” ativa dois enunciadores, ou pontos de vista, E1 e E2. O primeiro corresponde a uma informação já dada no plano textual (E1: Já tão falando que Bolsonaro não nasceu pra ser presidente); o segundo, que pode ser depreendido a partir do primeiro, é E2: Antes não falavam que Bolsonaro não nasceu pra ser presidente. Em outras palavras, o *já* marca uma alteração da crença na capacidade nata de Bolsonaro para exercer o cargo de presidente, deixando implícito que em um momento anterior ninguém duvidava dessa capacidade ou a questionava, mas em um momento atual passou-se a falar que ele não nasceu para o cargo.

No segundo caso, o uso do operador de negação *não* dentro de determinado enunciado negativo ativa um E3 negativo e um E4 positivo (Bolsonaro nasceu para ser presidente). Isso ocorre porque, como Ducrot (1988) explica, na negação chamada polêmica, a denegação de um ponto de vista E1 acaba por suscitar, ou trazer para o espaço enunciativo, um ponto de vista positivo E4, que é contrário ao primeiro. Desse modo, ao enunciar a informação de que Bolsonaro não teria nascido para ser presidente (E1), de certa forma, também se está a contemplar subjacentemente a ideia oposta de que ele nasceu para ser presidente (E4), porém a esta o locutor se opõe e opta pela não admissão dessa tese.

Observa-se, pois, que L1 assume determinados posicionamentos em relação aos pontos de vista colocados por ele dentro da charge. Poderíamos dizer que ele assimila E1 e E2, apresenta E3 e ironiza E4, isso porque, ao trazer a informação de que o próprio presidente teria dado uma declaração comunicando que não teria nascido para ocupar o cargo de presidente, o locutor-chargista ironiza o fato de não ter sido a oposição (alcunhada de comunista) ou a opinião popular contrária ao presidente a fonte de tal declaração, mas o próprio Bolsonaro, expressando a ideia de que ele mesmo reconhece sua inaptidão para ocupar o cargo de chefe do Executivo.

Na charge a seguir, veremos outro caso de SE-locutor ativado pela paráfrase e introdução em estilo indireto de um sujeito coletivo representando o dizer de um partido político.

Charge 10 – SE-L (nº37)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 29/10/2018

A charge 10, do chargista Sid, foi publicada no portal *Charge Online* no dia 12 de setembro de 2018. O texto faz alusão à notícia de que, em virtude do ex-presidente Lula ter tido sua candidatura à presidência barrada pelo TSE, Fernando Haddad, ex-prefeito de São Paulo, iria substituí-lo na chapa do PT para presidência.

A representação visual caricata (nariz protuberante, olhos esbugalhados e desalinhados, ausência de alguns dentes etc.) que o locutor-chargista atribui aos personagens que aparecem no plano visual da charge dá-lhes um ar de ignorância, ou desconhecimento, em relação aos fatos políticos que comentam.

No texto chárgico em questão, temos vários fenômenos argumentativos coocorrendo. Em primeiro lugar, podemos destacar a polifonia de locutores, que é ativada pelo diálogo entre os locutores-personagem L2 e L3. Em segundo lugar, temos o fenômeno do SE-locutor, que é ativado quando o locutor-chargista introduz, para dentro de seu discurso, uma voz coletiva e pouco definida (PT). Esquematizando esses processos teríamos:

L1 = Locutor-chargista: responsável pelo discurso como um todo

L2 = Locutor-personagem (homem à esquerda): E aí, vai votar em quem pra ser presidente?

L3 = Locutor-personagem (homem à direita): Num tal de Germano Andrade! Não sei quem é, mas se Lula mandou votar, eu voto!

SE-locutor (PT) – evocado por L1 e apresentado em estilo indireto: Fernando Haddad como candidato à presidência no lugar de Lula.

Inicialmente, L1, o sujeito responsável pelo discurso como um todo, introduz, dentro do espaço enunciativo do texto chárigo, vozes específicas que pertencem aos personagens linguísticos criados por ele (os locutores-personagem L2 e L3), faz isso por meio de balões de fala acima da cabeça dos personagens para indicar que a eles pertencem determinado enunciado.

Além desses personagens, L1 evoca uma afirmação atribuída a um SE-locutor, mais especificamente, a um partido político, o Partido dos Trabalhadores (PT) que aparece na parte superior da charge. O caso em questão se configura enquanto uma ocorrência de SE-locutor porque não há uma alusão a uma voz específica, de um indivíduo particular, mas a uma voz coletiva que representa uma decisão colegiada tomada por toda uma conjuntura de sujeitos que compõem o Partido dos Trabalhadores.

Além desses fenômenos polifônicos, temos a modalização discursiva, a polifonia de enunciadores e um caso de intertextualidade por captação. O primeiro é ativado mediante o uso de três modalizadores diferentes: as formas verbais “confirma”; “não sei” e “mandou”. As duas primeiras constituem-se modalizadores do tipo epistêmico asseverativo, enquanto a terceira é um modalizador deôntico. O verbo *dicendi* “confirmar” foi utilizado para introduzir em estilo indireto um trecho de fala atribuído na charge ao PT. Esse verbo é modalizador porquanto, além de realizar uma simples introdução – o que é comum a qualquer *dicendi* - sua estrutura profunda incide sobre o aspecto epistêmico do enunciado, uma vez que expressa a noção de dizer+certeza¹⁷.

Similarmente, o verbo “saber” é um modalizador epistêmico asseverativo que incide sobre o grau de certeza do enunciado. Em sua forma negativa, conforme aparece no enunciado, “não sei quem é”, ele indica uma completa certeza da desfamiliarização ou do desconhecimento do personagem L3 em relação ao candidato do PT Fernando Haddad. Por fim, o terceiro verbo modalizador é deôntico “mandar”, utilizado para indicar uma orientação dada por Lula aos seus eleitores: votar em Haddad.

A intertextualidade na charge é ativada pela recuperação de um texto-fonte, presente no cabeçalho da charge. O título “PT confirma Fernando Haddad como candidato à

¹⁷ Isso ocorre porque a própria estrutura morfológica do verbo (con)firmar indica a ideia de asseverar ou apresentar como certa a informação a ser apresentada em seguida.

presidência no lugar de Lula” corresponde ao título de uma notícia específica veiculada por um portal jornalístico virtual em 11 de setembro de 2018. O título da notícia original era “PT confirma Haddad como candidato no lugar de Lula”¹⁸, o qual foi levemente alterado, pela adição do primeiro nome Fernando, ainda assim se caracterizando como um caso de captação intertextual do título de uma notícia jornalística.

A polifonia de enunciadores é ativada pelo operador de negação “não” e pelo uso do operador argumentativo “mas”. O uso do não, no enunciado, gera a negação polêmica, a qual ativa dois enunciadores polifônicos um negativo e outro positivo. Esquematizando esse processo, teríamos:

E1: Não sei quem é. (enunciado negativo)

E2: Sei quem é. (enunciado positivo)

Como dito outrora, na negação polêmica, a inserção de um ponto de vista negativo E1, suscita diametralmente a existência de um ponto de vista positivo E2. Por sua vez, o uso do operador argumentativo “mas” reativa pontos de vista já suscitados, bem como ativa outros pontos de vista adicionais. Esquematizando, teríamos:

E1: Não sei quem é.

E4: *Mas* se Lula mandou votar

E3: Não irei votar nele. (C. r)

E5: Vou votar nele. (C. Não-r)

Nota-se a adição de três novos pontos de vista (E3, E4 e E5) ativados pelo operador “Mas”. O ponto de vista anterior E1 de não se saber em que se vota encaminha para a conclusão r (E3), que nega o voto em Haddad: Não irei votar nele. Contudo o uso do operador de contraposição “Mas” realiza uma alteração radical na orientação argumentativo do enunciado, encaminhando para a nova conclusão Não-r (E5): Vou votar nele, conclusão essa que pode ser depreendida através do ponto de vista E4.

Nota-se que o locutor-chargista assume determinados posicionamentos em relação a esses pontos de vista que introduz. Ele inicialmente introduz e ironiza E1, E4 e E5, rechaça

18 Cf. Terra portal. PT confirma Haddad como candidato no lugar de Lula. TERRA: 11/09/2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/pt-confirma-haddad-como-candidato-no-lugar-de-lula,672236ff4af2e1462197f206a4eb620cmvk4ates.html>

E2 e assimila E3, faz isso porque tenciona satirizar a situação de eleitores que votam em candidatos, mas não os conhecem nem um pouco, como revela a fala de L3.

Os efeitos de sentido gerados a partir da coocorrência desses fenômenos polifônicos e modalizadores na charge x são de ironização a partir da construção de um humor crítico em relação à ignorância, ou à falta de conhecimento, dos eleitores durante as eleições. Notadamente, o locutor-chargista atribui tais características aos eleitores que votariam no candidato do PT a mando de Lula. O fato do personagem L3 não saber ou não lembrar o nome do próprio candidato em que votará é algo fortemente ironizado pelo locutor-chargista, principalmente em virtude de sua resposta: “num tal de Germano Andrade”. Nota-se que a paródia nominal “Fernando Haddad” para “Germano Andrade” gera o humor da charge, ao mesmo tempo que retrata sarcasticamente aqueles que não têm total consciência do papel do voto na democracia ou que votam em um candidato simplesmente porque alguém o mandou fazer isso.

Como vimos na análise destas três últimas charges do SE-locutor (08 a 10), o locutor-chargista pode fazer uso de vozes coletivas impessoalizadas ou pouco definidas, de modo a trazê-las para dentro de seu discurso. Nas charges a seguir (11 a 13), veremos como ele pode recuperar intertextualmente vozes específicas e conhecidas de discursos populares e, subvertê-las ou captá-las por meio do fenômeno da intertextualidade – outro tipo de polifonia.

4.2.3 Intertextualidade:

O fenômeno da intertextualidade esteve presente em 13 (treze) das 118 (cento e dezoito) charges de nosso *corpus*. De acordo com Koch (2004), a intertextualidade pode se manifestar de duas formas: (a) captação ou (b) subversão. Nas três charges a seguir, veremos ocorrências de ambas estratégias.

Charge 11 – INT (nº78)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 20/08/2019

A charge 11, do chargista Duke, foi publicada o Tempo (MG) em 15 de maio de 2019. No plano visual, vemos dois personagens em uma cena de execução. Um deles está com a cabeça posta, à espera da queda da lâmina da guilhotina; o outro, por sua vez tenta acalmá-lo dizendo que ele pode ficar tranquilo, porque tudo aquilo que está acontecendo não se trata de um corte, mas de um contingenciamento.

A charge faz referência a uma medida tomada pelo Ministério da Educação, na qual muitas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas ficaram destituídas de parte de seus recursos para seu funcionamento. A fala de L2, personagem trajado à nobreza, recupera uma fala do vice-presidente (Hamilton Mourão) ao dizer que a manobra econômica executada pelo Ministério da Educação não se tratava de um corte na educação, mas um contingenciamento¹⁹.

Observe-se que temos dois tipos de polifonia ocorrendo nesta charge: a polifonia de locutores e a intertextualidade. A primeira é ativada pela presença do locutor-personagem L2, a segunda, pela recuperação de um intertexto anteriormente dito E0. L1, o locutor-chargista, introduz a fala de (L2), o carrasco, que retoma intertextualmente L3 (Mourão). Esquematizando esse processo, teríamos:

L1 (locutor-chargista) introduz L2 (locutor-personagem)

L2 recupera intertextualmente (subversão) fala de L3 (Mourão):

19 Cf. TREZZI, Humberto. "Não é corte, é contingenciamento", diz Mourão sobre redução de verba para universidades. **GAUCHAZH**: 04/05/2019 – 11h41min. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/05/nao-e-corte-e-contingenciamento-diz-mourao-sobre-reducao-de-verba-para-universidades-cjv9lvqk200vh01pepal50omq.html>. Acesso em: 30 de maio de 2020.

E0: “Não é corte, é contingenciamento” >> E1: Não é corte, é contingenciamento

Esse processo de recuperação discursiva é chamado por Koch (2004) de subversão intertextual. Para a autora, a intertextualidade se manifesta a partir do uso de um texto-fonte primeiro E0, que, aparecendo em um novo contexto de uso, pode sofrer dois processos: (1) pode ser subvertido ou (2) pode ser captado.

Na charge em questão, ocorre um processo de subversão. Isso ocorre porque o texto-fonte sofre reformulação em sua orientação argumentativa original. Apesar de ele ser reproduzido da mesma maneira (palavras e estrutura sintática) como aparece no contexto original (E0), a mudança na orientação argumentativa em E1 é determinante para caracterizá-lo enquanto um caso de subversão intertextual. Observe-se que as palavras de Mourão, tomado como porta-voz do governo brasileiro, são ironizadas completamente pelo plano visual da charge, que retrata uma cena de execução. Desse modo, o locutor-chargista não crê que a restrição orçamental efetuada pelo governo implicaria um simples corte, mas um sério golpe às instituições de ensino público.

Conjuntamente ao fenômeno da polifonia, temos o fenômeno da modalização e da polifonia de enunciadores. Na charge 11, temos como modalizador toda a expressão “fique tranquilo” (tranquilo) que expressa uma instrução dada pelo carrasco ao condenado, orientando este a se acalmar, logo um modalizador deôntico de obrigatoriedade. Além disso, temos o fenômeno da polifonia de enunciadores que é ativada através do operador de negação “não” presente na fala de L2. Como um caso característico de negação polêmica, o uso do operador “não” ativa dois pontos de vista: um enunciador primeiro negativo e um enunciador segundo positivo. Nota-se que o locutor-chargista assimila o segundo enunciador (É corte) e ironiza o primeiro (Não é corte), uma vez que não acredita que a ação de limitar gastos não se constituía um corte de recursos. Convém destacar que a escolha dos termos “contingenciamento” e “corte” dentro do texto chágico faz alusão a palavras utilizadas por diferentes entidades para assinalar posicionamentos divergentes acerca da mesma questão. Isso porque, se por um lado, “contingenciamento” foi o termo escolhido pelo Governo Federal para dar o sentido de que os recursos foram retidos, mas não retirados de vez; por outro, os organismos sociais e pessoas que se posicionaram contrários a tal limitação orçamentária optaram por utilizar o termo “corte”.

Os efeitos de sentido gerados na charge são de satirização, pelo locutor-chargista, à descrição feita pelo político sobre manobra econômica do MEC em relação aos recursos

destinados às IES. L1 faz isso através do plano visual da charge, em que se retrata uma cena de execução, com direito a carrasco e guilhotina. O humor e a ironia da charge se constroem pelo ponto de vista absurdo expresso visualmente, quando o executor tenta convencer o condenado de que o que estava acontecendo não era uma execução (corte), mas um ‘contingenciamento’ da vida dele. Em um sentido mais amplo, o locutor-chargista pretende demonstrar como a educação superior se encontraria em situação similar, tendo em vista que a restrição do orçamento (contingenciamento) poderia trazer problemas que dificultariam consideravelmente o funcionamento das instituições de ensino, comparáveis a uma execução.

Na charge a seguir, outro caso de polifonia ativada por intertextualidade do tipo subversão.

Charge 12 – INT (nº85)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 22/09/2019

A charge 12, do chargista Miguel, foi publicada no Jornal do Commercio (PE) em 22 de fevereiro de 2019, período em que tramitava, no Legislativo, a reforma da Previdência Social, à qual a charge faz referência. No plano visual, vemos uma placa em cima do prédio do Congresso Nacional, com uma inscrição similar a placas que são vistas próximas a construções ou a canteiros de obras.

De acordo com Koch (2004), a intertextualidade pode se manifestar de duas formas: (1) captação ou (2) subversão. Na charge em questão, podemos dizer que ocorre um processo

de subversão, porquanto L1 recupera um intertexto existente (E0) que faz parte do conhecimento coletivo (os dizeres de placas de aviso ou sinalização) e o altera para exprimir efeitos de sentido diferentes dos quais tinha no contexto original. Esquemmatizando, teríamos:

L1 (locutor-chargista) recupera intertextualmente (subversão) dizeres em placas de aviso ou sinalização:

E0: Estamos em obras, desculpe o transtorno >> E1: Desculpe a reforma, estamos em transtorno.

O processo de subversão intertextual caracteriza-se pela reformulação das palavras utilizadas, da estrutura da sentença e, principalmente, da orientação argumentativa do texto-fonte original, a fim de poder acomodá-lo em uma nova situação comunicativa. A partir do momento que é utilizado em um novo contexto, E0 torna-se E1, isto é, um novo enunciado com uma nova orientação argumentativa.

Concomitante ao fenômeno da intertextualidade, um dos tipos de polifonia, temos o fenômeno da modalização discursiva. Na charge 12, ocorrem dois modalizadores, um expressando pedido ou desejo a um interlocutor qualquer e outro expressando um julgamento ou avaliação. No primeiro caso, a forma verbal “desculpe”, expressa o pedido de que a população brasileira desculpe o Congresso Nacional pela reforma da previdência, no segundo, ao se utilizar o adjetivo “transtorno”, classifica-se a reforma enquanto algo inconveniente, desse modo temos um modalizador deôntico volitivo e um modalizador avaliativo, respectivamente.

Os efeitos de sentido gerados na charge são de ironizar ou satirizar a reforma da Previdência Social. Isso ocorre porque, ao subverter o intertexto, o locutor-chargista inverte a ordem e a orientação argumentativa por trás do enunciado E0, que, no contexto original, transmitia a ideia de que a execução de obras estruturais, apesar de produzir um ligeiro transtorno, após sua conclusão, trará benefícios para a população. Em E1, por sua vez, o locutor-chargista avalia a reforma, não como algo positivo, mas como um transtorno pelo qual a população precisa desculpar o governo.

Nas charges (11) e (12), vimos, inicialmente, dois casos de subversão. Agora, na charge a seguir (13), veremos um exemplo complexo de como o locutor-chargista pode recuperar um intertexto anteriormente dito manter a orientação argumentativa original.

Charge 13 – INT (nº80)



Fonte: Folha de São Paulo – Coletada em <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges> em 13/05/2019

A charge 13, do chargista Hubert, publicada na Folha de São Paulo em 03 de outubro de 2018, satiriza episódios de ódio e desentendimentos interpessoais ocorridos durante a votação nas eleições de 2018. Nessa charge, temos dois tipos de polifonia ocorrendo: a intertextualidade por captação e o SE-locutor.

Acerca do primeiro fenômeno, podemos dizer que a charge é intertextual, de pelo menos, duas maneiras. Observe-se que ela recupera discursos genéricos de que o consumo de determinados produtos pode trazer danos à saúde, mais especificamente, (1) aquele que aparece nas embalagens do cigarro e (2) aquele que aparece ao final das propagandas de bebidas alcoólicas. Esses dois discursos são recuperados por L1 para serem introduzidos em uma nova situação comunicativa dentro do texto chárigo. Esquematizando esse processo, teríamos:

(1) L1 (locutor-chargista) recupera intertextualmente (captação) advertência na embalagem do cigarro:

E0: O Ministério da Saúde adverte: Fumar faz mal à saúde >> E1: O Ministério da Saúde adverte: O ódio faz mal à saúde.

(2) L1 (locutor-chargista) recupera intertextualmente (captação) advertência nos comerciais de bebidas alcoólicas:

E0': Beba com moderação. >> E1': Vote com moderação

Temos, em ambas as ocorrências (1) e (2) de recuperação discursiva, dois casos de intertextualidade por captação, como diz Koch (2004). Isso ocorre porque temos um texto-fonte primeiro E0 que é retomado e inserido em um novo contexto de uso, tornando-se um novo enunciado E1. Nos casos em questão, os textos-fonte foram a advertência na embalagem do cigarro (E0) e a advertência presente nos comerciais de bebidas alcoólicas (E0'), que tendo sido retomados tornam-se os enunciados E1 e E1'.

Nota-se que, em ambos os casos, houve uma ligeira alteração lexical entre o intertexto original e o novo enunciado, com a substituição das palavras “FUMAR faz mal à saúde” para “O ÓDIO faz mal à saúde”, no primeiro caso, e de “BEBA com moderação” para “VOTE com moderação”, no segundo. Apesar disso, as estruturas das sentenças não foram alteradas e, sobretudo, a orientação argumentativa foi mantida, caracterizando um caso de captação intertextual.

Convém destacar também que, na charge em questão, ocorre um fenômeno linguístico chamado por Marcuschi (2008) de intergenericidade, isto é, quando um gênero X assume a forma de um gênero Y, mesclando sentidos, forma, estrutura e função. No texto chágico 12, isso ocorre porque temos um enunciado, cujas funções sociocomunicativas são características do gênero charge (satirização ou análise crítica de algum aspecto social), mas com uma forma alterada, transposta para outro gênero, algo como uma advertência daquelas exigidas pelo Ministério da Saúde para anúncios e para embalagens de produtos que possam prejudicar a saúde do consumidor.

A despeito da forma de advertência formal, na charge 12, a função de texto chágístico se sobrepõe à forma estrutural, porquanto o texto tem como principal objetivo satirizar ou ironizar um fato político relacionado à votação e às eleições ocorridas em 2018, a saber, expressões de ódio e divisões por causa de discordâncias e divergências das opiniões políticas dos cidadãos. Na charge 12, tal escolha semântica de mesclar sentidos, formas e funções é uma estratégia que visa atender às intenções do locutor-chágista de “surpreender” o leitor (interlocutor) com uma construção textual diferente do habitual, capturando a atenção deste a mensagem que será transmitida no enunciado, como explica Marcuschi (2008).

Além do fenômeno da intertextualidade, que é um tipo de polifonia, nessa charge, ocorrem, concomitantemente, outros fenômenos argumentativos, como o SE-locutor²⁰, um

20 Mais a frente, poderá se encontrar um tópico de análise cujo foco foi, mormente, o SE-locutor. Neste tópico, demos destaque a intertextualidade como fenômeno central da análise e, consideramos os outros enquanto fenômenos paralelos que coocorriam com o fenômeno focalizado.

tipo particular de polifonia que recupera uma voz coletiva de contornos pouco indefinidos, e o fenômeno da modalização discursiva. O fenômeno do SE-locutor é ativado quando o chargista recupera – ou recria - a voz de um locutor coletivo de contornos amplos e a insere dentro do espaço enunciativo do texto. Na charge em questão, temos como SE-locutor o sujeito discursivo que se apresenta como sendo a voz do Ministério da Saúde: (O Ministério da Saúde adverte) *o ódio faz mal à saúde*. Nota-se que esse SE-locutor que representa a voz de um órgão do Poder Público foi introduzido através do verbo *dicendi* “advertir” mediante paráfrase, caracterizando, assim, um caso de discurso relatado em estilo indireto.

Conjuntamente ao fenômeno da polifonia, temos o da modalização discursiva. Na referida charge temos três modalizadores, o primeiro é o verbo “advertir”, que é um *dicendi* modalizador avaliativo, uma vez que indica como o enunciado deve ser lido pelo interlocutor, isto é, deve ser lido enquanto uma advertência, ou um discurso que aconselha ações cautelosas, para os eleitores. O segundo, também avaliativo, é o advérbio “mal” que expressa a ideia de que o ódio causa danos à saúde, ou prejudica a saúde. O terceiro é o verbo “vote”, que expressa ou indica uma ordem de como o eleitor deve proceder, ser moderado ao votar e evitar ter acessos de ira, portanto um modalizador deôntico de obrigatoriedade.

Os efeitos de sentido gerados pela mescla entre forma e função de gêneros, bem como pela aproximação semântica dos intertextos de advertência com a ideia dos conflitos ocorridos durante a eleição pretendem sinalizar para o leitor (interlocutor) que, assim como o consumo imoderado de produtos como a bebida e o cigarro prejudica a saúde, expressões de ódio ou acessos de ira por causa de preferências políticas também podem ser algo prejudicial.

Nas charges até agora (01 a 13), vimos que o locutor-chargista pode introduzir vozes de vários sujeitos discursivos, ainda que por diferentes tipos de polifonia (de locutores, SE-locutor e intertextualidade). Nas charges a seguir (14 a 20), vamos ver como L1 pode evocar – não vozes – mas determinados pontos de vista (ou enunciadores) para dentro do texto chágico.

4.2.4 Polifonia de Enunciadores:

A polifonia de enunciadores foi um fenômeno argumentativo recorrente em nosso *corpus*, ela esteve presente em 47 (quarenta e sete) do total de 118 (cento e dezoito) charges. Constatamos que ela foi ativada através de três estratégias semântico-argumentativas

principais: a) negação polêmica; b) pressuposição ativada por expressões/palavras iterativas, de mudança ou permanência de estado; e c) uso de operadores argumentativos. A seguir analisaremos cada um desses casos particulares, começando pela negação polêmica.

a) Negação polêmica

A negação polêmica foi a estratégia semântico-argumentativa mais empregada, correspondendo a mais de 57% do total ocorrências de polifonia de enunciadores. Nas charges 14 a 16, veremos três desses casos analisados.

Charge 14 – PE-NP (nº01)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 27/08/2018

A charge 14, do chargista Luscar, foi publicada no portal a Charge no dia 08 de agosto de 2018, período antecedente às eleições, que ocorreram em outubro de 2018. Nessa época de clima pré-eleitoral, as campanhas políticas dos vários candidatos em pleito já haviam começado e a propaganda política estava recorrentemente em evidência na mídia e nos espaços públicos. No plano visual da charge, dois personagens caminham pela rua, eles ouvem um carro de som ali próximo a ofertar pamonhas, isso faz com que um dos personagens se confunda (ou não!) e diga que não votará no tal 'Candidato Pamonha'.

Na charge 14, temos um caso de polifonia de enunciadores, uma vez que o locutor chargista (L1), através dos personagens a que dá voz (L2 – carro anunciando e L3 – homem caminhando na calçada), passa a introduzir, em seu discurso, pontos de vista (enunciadores) que pertencem (ou não) a ele. Na charge 14, é observável a existência de dois enunciadores discursivos presentes nas falas de um dos personagens (L3 / brasileiro 01) da charge, ambos enunciadores são ativados através do uso da forma negativa pressuposicional da sentença

“nesse eu NÃO voto”, que implica a sentença contrária “nesse eu voto”. Esquematizando o que foi comentado, teríamos:

E1: Eu não voto em candidato pamonha (enunciado negativo)

E2: Eu voto em candidato pamonha. (enunciado positivo)

Observamos que L1 (o locutor-chargista) através de um dos personagens linguísticos que cria (L3) põe em cena dois enunciadores contrários entre si (E1 e E2), faz isso por lançar mão de uma das estratégias semântico-argumentativas disponíveis no repertório da língua, a negação polêmica. Podemos dizer que, ao utilizar a negação, o locutor-chargista ativa o fenômeno semântico-argumentativo e enunciativo da polifonia de enunciadores, pois, conforme explica Barbisan (2013), na negação, recorrentemente, existem dois enunciadores: um que expressa um ponto de vista e outro que recusa esse ponto de vista. Ademais, os locutores discursivos²¹ presentes na charge (locutores-personagem + locutor-chargista) assumem alguns posicionamentos acerca dos pontos de vista que introduzem, sobre E2 o ponto de vista positivo, tanto L1 quanto L3 rechaçam-no, tanto é que o ironizam, por outro lado acerca de E1 (Eu não voto em candidato pamonha) o locutor-personagem (L3) bem como o locutor-chargista (L1) o assimilam.

Os efeitos de sentido gerados e a produção do humor no texto, aspecto central para a construção do gênero Charge, é produto do jogo associativo entre a múltipla significação do vocábulo “pamonha” (iguaria feita a partir de milho; ou a acepção vulgar: indivíduo tolo) com o vocábulo “candidato” (indivíduo que concorre a um cargo político), a junção desses sentidos dentro do texto nos leva a uma dupla possibilidade interpretativa (1) o candidato anunciado pelo carro de som chamava-se realmente pamonha e como não era a melhor opção não receberia o voto de L3, ou (2) o carro de som estava apenas vendendo pamonhas e daí o trocadilho de L3 ao associar semanticamente o sentido dois de *pamonha* com o sentido um de candidato, essa segunda interpretação parece mais razoável, já que o chargista intenciona ironizar e apresentar uma crítica político-social.

21 Observa-se também que a presença de locutores – personagem nesta charge - como em outras nesta seção – é um fator ativador de polifonia de locutores, conforme deixamos sinalizados aqui nesta nota. Contudo, para efeitos de não prolongar demais as análises, faremos uma análise breve ou, em alguns, casos deixaremos a polifonia de locutores ou outros fenômenos argumentativos paralelos apenas assinalados, tendo em vista que em cada seção analítica nos deteremos no fenômeno focalizado em cada seção de análise.

Na charge a seguir, encontramos outro caso de polifonia de enunciadores ativado por negação polêmica, com a presença de uma classe argumentativa.

Charge 15 – PE-NP (nº71)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 20/08/2019

A charge 15, do chargista Benett, foi publicada no portal Charge Online no dia 21 de junho de 2019, oito (8) meses após o término e resultado das eleições. No plano visual, é possível ver o então recém-eleito presidente Jair Messias Bolsonaro dando um pronunciamento no primeiro quadro e, no segundo, ele explica sobre a importância das tomadas em uma espécie de *banner*.

Na charge em questão, temos um caso de polifonia de enunciadores, uma vez que o locutor-chargista (L1), através do personagem ao qual dá voz, (L2: Bolsonaro) evoca determinados pontos de vista nos enunciados. Notadamente, o uso do operador de negação “não” presente na fala do locutor-personagem Bolsonaro ativa dois enunciadores. Esquemmatizando, teríamos:

E1: Não há investimentos. (enunciado negativo)

E2: Há investimentos. (enunciado positivo)

Observamos que L1 (o locutor-chargista) através de um dos personagens linguísticos que cria (L2) põe em cena dois enunciadores contrários entre si (E1 e E2). Ambos enunciadores são ativados através do uso da forma negativa presente na sentença “NÃO há investimentos”, que ativa a sentença contrária “Há investimentos”, caracterizando um caso de PE ativada por negação polêmica. Nas falas do locutor-personagem Jair Bolsonaro, é possível encontrar também várias sentenças que funcionam como argumentos utilizados para dar

sustentação a uma conclusão bem específica. No primeiro quadro, é possível identificar (três) 3 desses argumentos:

A1: A economia está destruída;

A2: Não há investimentos;

A3: Há mais de 13 milhões de desempregados.

Os argumentos apresentados dão sustentação à conclusão C1, que aparece nos últimos dois balões e, se encontra amarrada aos argumentos A1, A2 e A3 através do uso do operador argumentativo *por isso*; como apresentado abaixo.

C1: *Por isso* vamos falar do que importa a tomada de três pinos!

O uso do operador *por isso*, após a exposição dos argumentos, exerce uma ação conclusiva, ou de fechamento, para indicar que o locutor finalizará sua argumentação apresentando uma conclusão relativa às informações anteriormente expostas. Observa-se, também, que os argumentos A1, A2 e A3, quando juntos, funcionam como uma classe argumentativa cujos três argumentos têm o mesmo peso argumental, porquanto contribuem de maneira igual à sustentação do discurso de L2.

O uso de argumentos que se encontram no terreno da economia e que apontam para um cenário financeiro pessimista (a economia está destruída, não há investimentos, mais de 13 milhões de desempregados) parece não ‘casar’ semanticamente com a conclusão *Vamos falar da tomada de três pinos*, uma vez que não existe aparente relação entre o uso das tomadas e a economia do Brasil. Contudo essa construção incongruente de sentidos é feita propositalmente, pois ao se criar uma série de argumentos de cunho econômico e relacioná-los com tomadas de três pinos, o locutor-chargista (L1) pretende deixar caracterizado o discurso de L2, Bolsonaro, como um discurso incoerente e que possui incongruências semânticas, ou ainda pretende caracterizar avaliativamente o locutor-personagem como um sujeito que não sabe argumentar adequadamente, já que não sabe fazer uma ligação apropriada entre os argumentos e uma conclusão.

O aspecto crítico-social da charge reside na referência direta a uma proposta do governo Bolsonaro a fim de retirar de circulação a tomada de três pinos, conforme informe noticiado pela revista Exame:

A tomada de três pinos está com os dias contados no Brasil. Pelo menos no que depender da vontade do presidente Jair Bolsonaro. O governo brasileiro está se articulando para dar um fim ao padrão adotado de forma obrigatória desde 2011. (EXAME, 19/06/2018)²²

Uma referência direta a um acontecimento noticiado pela mídia. O humor do texto reside no fato do chargista ironizar as possíveis prioridades de Bolsonaro através de um personagem linguístico que cria e verbaliza os argumentos A, B e C – que na verdade funcionam como contra-argumentos porque apontariam para uma preocupação com a economia. Para o locutor-chargista, a economia, um tópico mais importante, estaria sendo preterida para serem colocados em pauta tópicos menos importantes como uso de um componente elétrico secundário, o que é fortemente ironizada pelo chargista.

Na charge a seguir (16), vemos outra ocorrência de polifonia de enunciadores ativada por expressão negativa, bem como um operador argumentativo.

Charge 16 – PE-NP (nº 08)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 29/10/2018

A charge 16, do chargista Brum, foi publicada no jornal Tribuna do Norte em 29 de outubro de 2018, um dia após a votação de segundo turno, que ocorreu no dia 28 do mesmo ano. Na charge temos uma urna eletrônica registrando em sua tela a confirmação de que a votação foi finalizada, no entanto há um adendo em forma de mensagem escrita colado sobre o painel da urna advertindo que aquilo não era o fim.

Nesta charge, temos a ativação de dois pontos de vista contrários entre si, presentes no adendo colado na urna:

²² Governo avança para dar fim a tomada a três pinos. Rodrigo Loureiro access_time19 jun 2019, 17h03. <https://exame.abril.com.br/tecnologia/governo-avanca-para-dar-fim-a-tomada-a-tres-pinos/>. Acesso em 22/11/2019.

E1: (É o) Fim. (enunciado positivo)

E2: Fim não! (enunciado negativo)

É bem perceptível, neste exemplo, a ideia de que toda negação contempla, subjacentemente, uma afirmação anteriormente enunciada. Na charge, isso ocorre mediante um ponto de vista primeiro presente na tela digital da urna eletrônica E1, ao qual se opõe o ponto de vista E2, presente no adendo de papel. L1, o locutor-chargista, que é o responsável pelo discurso da charge como um todo, vai introduzindo certos pontos de vista com os quais concorda ou discorda, acerca de E1 o locutor-chargista descarta esse ponto de vista, pois não concorda que seja o fim, enquanto que E2, ponto de vista oposto, ele assimila.

Também se percebe que o uso do operador *apenas* no enunciado ocorre para se realizar a introdução de um terceiro enunciador E3: Isso é apenas o início das consequências da sua escolha, que traduz um ponto de vista de que a responsabilidade de tudo de bom – ou de ruim – que vier a acontecer com o país é resultado da natureza da escolha feita pelo próprio eleitor na cabine de votação, de modo que L1 assimila E3.

Além disso, temos uma ambiguidade lexical explorando dois sentidos atribuídos ao vocábulo “fim”: o fim da votação, anunciado pela urna eletrônica, e o fim das consequências decorrentes de se votar errado, anunciado pelo adendo colocado. A identificação de ambos os sentidos é central para a construção do humor da charge, de modo que o leitor (interlocutor) precisa acessar e diferenciar ambos os sentidos atribuídos à palavra “fim” para compreender o enunciado.

Portanto o locutor-chargista pretende demonstrar, contrariando uma visão reducionista de que o voto termina na cabine de votação (como informa a mensagem eletrônica que aparece na urna), que após a votação é que, de fato, iniciam-se todos os desdobramentos da escolha feita pelo eleitor, o qual deve estar preparado para arcar com as consequências boas ou não tão boas de seu voto.

Como vimos na análise destas três últimas charges, a polifonia de enunciadores pode ser ativada através do uso de expressões negativas. Nas charges a seguir, veremos como uso de expressões iterativas, de mudança ou permanência de estado podem ativar diferentes pontos de vista dentro de um texto.

b) Expressões/palavras iterativas, de mudança ou permanência de estado

O uso de expressões/palavras iterativas, de mudança ou permanência de estado assinalando pressuposição foi a terceira estratégia semântico-argumentativa mais utilizada para ativar a polifonia de enunciadores em nosso *corpus* de charges, correspondendo a 25% dos casos totais. Nas charges 17 e 18, veremos dois desses casos analisados.

Charge 17 – PE-P (nº05)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 27/08/2018

A charge 17, do chargista Iotti, foi publicada no jornal Zero Hora (RS) no dia 13 de agosto de 2018. Ela faz referência à época dos debates eleitorais transmitidos pela televisão a respeito dos candidatos à presidência da República. No plano visual da charge, há quatro personagens (quatro dos presidenciáveis) são eles Marina Silva, Geraldo Alckmin, Fernando Haddad (com a máscara do ex-presidente Luiz Inácio) e Jair Bolsonaro que reclama da identidade de Haddad no debate eleitoral.

A polifonia de enunciadores é ativada na charge através do uso da expressão iterativa *de novo*, presente na fala do locutor-personagem Bolsonaro (L2). Ao se utilizar essa expressão são ativados dois enunciadores:

E1: Ele tá usando a máscara do Lula de novo! (Posto)

E2: Ele já usou a máscara do Lula antes. (Pressuposto)

Observamos que L1 (o locutor-chargista), através de um dos personagens linguísticos que cria (L2), põe em cena dois enunciadores distintos (E1 e E2) e faz isso por lançar mão de uma das estratégias semântico-argumentativas disponíveis no repertório da língua, a

pressuposição linguística. Ao enunciar E1, L2 (Bolsonaro) deixa subjacente a ideia de que em outras ocasiões Haddad havia tentado se passar por Lula (pressuposto). Acerca dos posicionamentos assumidos pelos locutores discursivos presentes na charge, L2 (Bolsonaro) se identifica com E1 e com E2, assim como L1 que assume os dois enunciadores. Os efeitos de sentido gerados pela assunção desses dois pontos de vista na voz de L2 e do locutor-chargista, prestam-se a realizar uma crítica à ideia de que Haddad, provavelmente, estaria se aproveitando da imagem e popularidade do ex-presidente Lula para conseguir votos valiosos a sua eleição.

A charge a seguir (17) retrata uma cena similar, um eleitor em frente a uma urna, porém desta vez mais pontos de vista são ativados mediante o uso de dois diferentes recursos ou estratégias argumentativas: verbos de permanência de estado e negação polêmica.

Charge 18 – PE-P (nº 07)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 29/10/2018

A charge 18, do chargista Iotti, foi publicada no jornal Zero Hora (RS) em 29 de outubro de 2018, um dia após a votação de segundo turno. No plano visual da charge temos ao fundo discussão, brigas e agressão causados por desentendimentos entre os próprios eleitores. Ao chão, estão papéis escritos com ideias que teriam caracterizado a eleição de 2018: intolerância, ódio, notícia falsa e *fake news*. No plano central está um eleitor, caracterizado com as cores azul, verde e amarelo (as cores principais da bandeira brasileira) em frente a uma urna eletrônica a dizer que não pode/não é desejável para ele continuarem a se encontrar em meio a um clima de tanto ódio.

Na charge em questão, a polifonia de enunciadores é ativada primeiramente através do marcador de negação presente na fala de L2 (brasileiro votante):

E1: Podemos nos encontrar assim. (Enunciado positivo)

E2: Não podemos nos encontrar assim. (Enunciado negativo)

Ao enunciar E2, ativa-se negativamente o enunciador positivo E1. L2, o locutor-personagem brasileiro votante assume E2 e rechaça E1, semelhantemente faz L1, o locutor-chargista, que assume E2 e rechaça E1. Todavia esse não se constitui o único caso de polifonia de enunciadores na charge 18, além da polifonia por expressão negativa, há também ativação de mais dois pontos de vista mediante um verbo de permanência de estado contido na fala de L2, conforme esquema que se segue:

E3: Não podemos continuar nos encontrando assim. (Posto)

E4: Nós já vínhamos nos encontrando assim há algum tempo. (Pressuposto)

Ao enunciar E3, pressupõe-se E4, uma vez que está na natureza semântica do verbo de permanência de estado *continuar*; a ideia subjacente de que já havia um estado anterior que vinha se prolongando por algum tempo. Acerca dos posicionamentos sobre os enunciadores em questão, L2 e L1 apresentam, E3 e se identifica com E4, assinalando, assim, uma possível primeira diferenciação entre a pressuposição puramente negativa e a de mudança/permanência de estado. Os efeitos de sentido transmitidos na charge são de que as eleições são um momento de muita discussão, conflito, intolerância, *Fake News* (algumas das palavras que repousam nos papéis escritos no chão), ou seja, é atribuída uma carga semântica negativa à ideia de votação/eleição, e que essa situação já existe há algum tempo, arrastando-se desde eleições passadas.

Como vimos na análise destas duas últimas charges, a polifonia de enunciadores pode ser ativada pelo fenômeno da pressuposição através do uso de expressões iterativas, de mudança ou permanência de estado. Nas charges a seguir, veremos como uso de certos operadores argumentativos pode ativar diferentes pontos de vista dentro de um texto.

c) Operadores argumentativos

O uso de operadores argumentativos foi a segunda estratégia semântico-argumentativa mais utilizada para ativar a polifonia de enunciadores em nosso *corpus* de charges, estando presente em 25 (vinte e cinco) do total de 47 (quarenta e sete) charges. Nas charges 19 e 20, veremos dois desses casos analisados.

Charge 19 – PE-OP (nº 77)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 07/08/2018

A charge 19, do chargista Brum, foi publicada no portal a Charge Online no dia 06 de agosto de 2018, época pré-eleitoral de empolgação característica em que as campanhas políticas dos vários candidatos em pleito estavam às portas de começar. Muitos deles iriam até as ruas e a comunidades carentes para simpatizar com moradores pobres e poder angariar mais votos para suas campanhas. No plano visual da charge, vemos o locutor-personagem (L2) um menino descalço e sem camisa, apenas de bermuda, estereótipo de uma criança de uma comunidade carente, introduzido por L1, o locutor-chargista. Nota-se que essa criança pobre, ela está repleta de marcas de beijo, representando expressões de afeto e carinho pelo menino, muito provavelmente dos políticos que vieram visitar a casa de sua família.

A polifonia de enunciadores é ativada na charge através do uso de certos operadores argumentativos (“Só” e “ainda”), que criam efeitos de sentido específicos dentro do enunciado e dão direcionamento discursivo à charge. O uso desses operadores ativa determinados pontos de vista dentro do texto chárgico, esquematizando-os teríamos.

E1: Aquele pessoal que só aparece de quatro em quatro anos. (Posto)

E2: Aquele pessoal não aparece em outras ocasiões fora da eleição. (Pressuposto)

E3: Aquele pessoal já começou a atacar aqui na comunidade. (Posto)

E4: Aquele pessoal não tinha começado a atacar aqui na comunidade. (Pressuposto)

Observa-se que o locutor-chargista, através de um do sujeito discursivo que cria (L2 – o menino carente), põe em cena quatro enunciadores distintos, faz isso por lançar mão de um dos recursos disponíveis no repertório da língua, os operadores argumentativos. O uso do operador “só” ativa dois enunciadores (E1 e E2), por sua vez, o uso do operador “já” ativa mais outros dois enunciadores (E3 e E4). Ao enunciar E1, deixa-se implícito o ponto de vista de que em outras ocasiões fora da eleição os políticos não visitam comunidades carentes (E2). Por sua vez, ao enunciar E3, deixa-se implícita a ideia de que os políticos não haviam começado a “atacar” a comunidade até a iminência das eleições (E4).

Acerca desses pontos de vistas colocados em cena, os sujeitos discursivos presentes na charge assumem determinados posicionamentos. O locutor-personagem L2 assimila E1, E2, E3 e E4 (todos os postos e os pressupostos); L1, o locutor-chargista, também assume os quatro posicionamentos, porém ele ironiza os posicionamentos E2 e E4, isto é, ele os assimila e ironiza ao mesmo tempo, o que é interessante, pois na maioria das vezes os locutores-chargista, geralmente, negam e ironizam os pontos de vista apresentados.

Os efeitos de sentido gerados pela introdução dos operadores presentes na charge são os seguintes o operador “só” aponta para a negação de uma totalidade (a total da presença dos políticos em momentos extraeletivos), por sua vez, o operador ‘já’ deixa marcado o início de uma situação (o começo das campanhas eleitorais). O humor da charge é produzido a partir da descrição linguística utilizada para caracterizar os políticos e suas aparições sazonais, um “pessoal que só aparece de quatro em quatro anos”, somado isso à ‘ingenuidade’ na voz de uma criança que conversa com a mãe sobre após ter sido “atacada” de beijos por candidatos.

Observe-se a escolha do uso do verbo “atacar”, um vocábulo associado a uma investida em direção a determinados sujeitos em razão da obtenção e favorecimento próprios, funciona como um modalizador avaliativo, tendo em vista que critica ou valora negativamente o pretense interesse dos políticos em relação aos pobres. Essa ocorrência modal, marcando o fenômeno da modalização, trabalha em conjunto com os operadores argumentativos e com a pressuposição linguística, em ordem valorar como negativo o modo como alguns candidatos agem em épocas eleitorais, apenas recorrendo ao povo, especialmente os mais pobres, notadamente em épocas de eleição, ideia que o locutor-chargista pretende ironizar e criticar no texto.

Na charge a seguir, temos mais um caso de polifonia de enunciadores, contudo mais complexa, uma vez que são ativados desta vez sete diferentes enunciadores através de múltiplas estratégias semântico-argumentativas.

Charge 20 – PE-OP (nº 14)



Fonte: Portal Chargeonline - Coletada em www.chargeonline.com.br em 02/12/2018

A charge 23, do chargista Melado, foi publicada no Diário da Tarde em 02 de dezembro de 2018. No plano visual, L1, o locutor-chargista, apresenta-nos dois personagens, primeiro, um indivíduo trajado de mecânico com ferramentas na mão (L3), que não por coincidência é o próprio presidente Bolsonaro, depois, um brasileiro dentro de um carro (L2) reclama que o automóvel não está funcionando corretamente.

Nesta charge, a polifonia de enunciadores é ativada primeiramente através de dois recursos argumentativos (1) a partícula negativa *não* e (2) o verbo de permanência de estado *continuar*, de modo que temos quatro enunciadores, ou pontos de vista:

- | | |
|---------------------------|--|
| E1: Está funcionando. | E3: Continua não funcionando. (Posto) |
| E2: Não está funcionando. | E4: Já não funcionava antes. (Pressuposto) |

Ao enunciar E2, deixa-se pressuposto o enunciador positivo E1 (podemos nos encontrar assim). Bem como ao se enunciar E3, está pressuposta a existência de E4 (já não funcionava antes). O locutor-personagem brasileiro dentro do carro, o L2, assume os posicionamentos E2, E3 e E4, e ele rechaça E1. Quanto a L1, ele assimila E2, E3 e E4, e ironiza E1. Isso pode ser observado tanto através do plano visual da charge (a representação caricata dos personagens) e da fala de L3, o ‘mecânico’/presidente Jair Bolsonaro.

Além dos já apontados, há outro recurso linguístico ativador de polifonia, o operador argumentativo *mas* presente na fala de L2. Ducrot (1988) diz que esse operador *MasPA* ativa diferentes pontos de vista, revelando como o locutor se posiciona a respeito desses pontos de vista. Na charge temos os seguintes posicionamentos ativados pelo *MasPA*:

E5: Disse que ia consertar esse trem. E3: O trem continua sem funcionar.

E6: O trem irá voltar a funcionar.(C. r) E7: O trem não irá voltar a funcionar.(C. Não-r)

É perceptível a presença de quatro enunciadores ativados pelo operador de contraposição *mas*, sendo um deles (E3) um enunciador compartilhado com a pressuposição ativada pelo verbo *continuar*. A enunciação de E5 leva à conclusão *r* (E6: o trem irá voltar a funcionar), assim como a enunciação de E3 leva à conclusão *não-r* (E7: O trem não irá voltar a funcionar). Ao utilizar o *mas* L2 aponta para a negação dos dois primeiros enunciadores apresentados na primeira porção enunciativa textual (E5 e sua conclusão *r* E6), que apontam para uma atitude positiva em relação à possibilidade de se consertar “esse trem” - metáfora para o Brasil como um todo. Com relação aos posicionamentos assumidos pelo locutor-personagem brasileiro e pelo locutor-chargista, eles apresentam E5, negam E6, aprovam E3 e E7.

Os efeitos de sentido transmitidos na charge são de que o locutor-personagem Bolsonaro (L3) haveria prometido que consertaria o trem (palavra informal para designar qualquer objeto ou coisa, muito comum em MG), nesse caso, haveria prometido que iria consertar os problemas do país, porém isso não teria acontecido, destarte a existência de tantos pontos de vista de negação na charge (E2, E3, E4, E7); os enunciadores que apontam para conclusões positivas são todos rechaçados.

O humor do texto é construído a partir da integração semântica entre o plano visual e o textual da charge. A caracterização de Bolsonaro enquanto mecânico constitui uma metáfora para o papel do presidente, responsável por consertar os problemas da nação. O problema da situação surge quando o mecânico (o presidente) não sabe ou não consegue consertar o carro (o país), isto é, fazê-lo voltar a andar à frente (progredir). Ao invés disso, ele sugere que o brasileiro coloque a marcha à ré no carro, causando o retrocesso do carro e, por consequência, do país. Percebe-se, pois, que L3 é retratado ironicamente, por L1, como alguém que não está competente para o cargo a ele comissionado, e que seu governo teria trazido atraso ao Brasil.

4.3 Discussão dos resultados

Apresentamos, a partir de agora, os dados obtidos durante os processos de coleta, catalogação e análise de nosso *corpus*. Inicialmente levantamos, quantitativamente, informações relacionadas às ocorrências dos fenômenos, estratégias e recursos semântico-argumentativos mais comuns nas 118 charges que compuseram nosso *corpus*. Em seguida, a partir das informações levantadas, traçamos, qualitativamente, apontamentos e constatações acerca da natureza desses dados.

Ao longo dos processos de coleta, catalogação e análise, procuramos nos atentar principalmente ao modo como o locutor-chargista utilizava múltiplos fenômenos semântico-argumentativos para realizar a construção da Argumentação em charges políticas. Constatamos que os fenômenos argumentativos mais comuns em textos desse tipo foram a polifonia em suas diversas categorias (de locutores, enunciadores, intertextualidade e SE-locutor, respectivamente), conjuntamente à modalização discursiva em seus diversos tipos (avaliativa, deôntica e epistêmica, respectivamente).

O macrofenômeno da polifonia enunciativa foi o fenômeno argumentativo mais comum nas charges de nosso *corpus*, com aproximadamente 95,7% de presença. Dos 118 textos chárgicos, 113 possuíam algum tipo de polifonia (quer de locutores, quer de enunciadores, quer de *intertextualidade* ou de SE-locutor), sinalizando, assim, a forte presença de vozes e pontos de vista de sujeitos linguístico-discursivos nesse gênero textual.

Diagrama 01: Ocorrência dos dois principais fenômenos semântico-argumentativos e suas coocorrências em número de charges do *corpus*

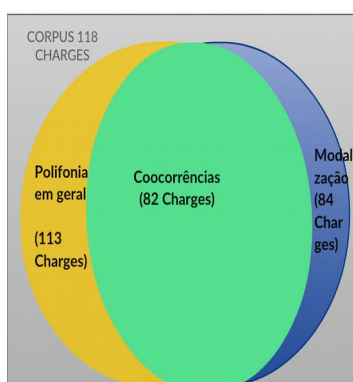
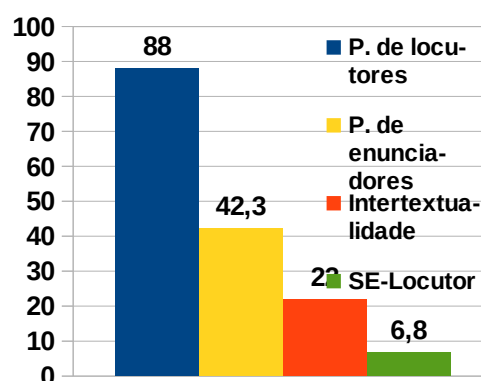


Gráfico 01: Principais fenômenos polifônicos, percentagem do número de charges no *corpus*.



Dentre as facetas desse amplo macrofenômeno, constatamos que a polifonia do tipo de locutores foi a mais recorrente, com cerca de 88% de ocorrência. Dos 118 textos chárgicos, constatamos, em 104, a presença da polifonia de locutores²³, a qual podia ter sido ativada pela (a) criação de locutores-personagem internos, com 159 casos (94,7%), e/ou (b) pela introdução de locutores discursivos externos à charge, com 9 casos (5,3%) - Ver gráfico 02

O segundo fenômeno polifônico mais comum foi a polifonia de enunciadores, com cerca de 42,3% de ocorrência. Dos 118 textos chárgicos, constatamos, que, em 50, havia a presença da polifonia de enunciadores²⁴. Em nosso *corpus*, observamos que ela podia ser ativada através de três estratégias semântico-argumentativas principais: a) negação polêmica, com 33 casos (48,5%); b) uso de operadores argumentativos, com 23 casos (33,3%); e c) pressuposição ativada por expressões/palavras iterativas, de mudança ou permanência de estado, com 12 casos (18,2 %) ²⁵ - Ver Gráfico 03.

O terceiro fenômeno polifônico mais comum foi a intertextualidade, com cerca de 22% de ocorrência. Dos 118 textos chárgicos, constatamos, que, em 26, havia a presença da intertextualidade. Em nosso *corpus*, observamos que ela podia ser ativada, respectivamente, através de duas estratégias semântico-argumentativas principais: a) subversão intertextual, com 12 casos (42,9%); b) captação intertextual com, com 16 casos (57,1%) - Ver gráfico 04.

23 Estamos considerando aqui, enquanto uma ocorrência regular de polifonia de locutores, a presença em um texto chárgico qualquer da voz de L1 (locutor-chargista) + a voz de um L2: quer um locutor interno (personagem) quer um locutor externo (introduzido).

24 Apesar de Ducrot (1988) esclarecer que um ponto de vista qualquer, presente em determinado enunciado, pode constituir um enunciador, neste trabalho, consideraremos enquanto enunciadores apenas pontos de vista ativados por meio de estratégias semântico-argumentativas específicas: a negação polêmica; a pressuposição ativada por expressões/palavras iterativas, de mudança ou permanência de estado; e o uso de operadores argumentativos. Assim fizemos, tendo em vista que buscamos identificar quais estruturas linguísticas mais recorrentemente ativam pontos de vista, ou enunciadores, em textos chárgicos. Desse modo, o que compreendemos por uma ocorrência de PE está subordinado à presença de determinados recursos ou estratégias semântico-argumentativos em determinado texto.

25 O número de casos frequentemente ultrapassa a presença em número de charges, tendo em vista que, em uma única charge, podemos ter mais de um uma estratégia ou recurso ativador de determinado fenômeno argumentativo.

Gráfico 02: Principais estratégias ativadoras da Polifonia de enunciadores em percentagem.

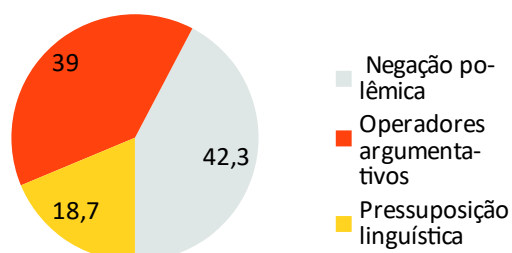
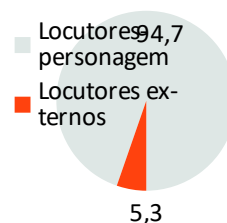


Gráfico 03: Principais fenômenos polifônicos, percentagem do número de charges no *corpus*.



O quarto fenômeno polifônico mais comum foi o SE-Locutor, com cerca de 7,6% de ocorrência. Dos 118 textos chárgicos, constatamos, que, em 9, havia a presença do SE-Locutor. Em nosso *corpus*, constatamos que o Locutor-chargista trouxe as palavras de um SE-locutor para dentro de três maneiras: a) *dicendi* mais estilo indireto, com 8 casos (80%); b) dizeres coletivos sem identificação do responsável, com 2 casos (20%); e c) dizeres coletivos sem identificação do responsável em estilo direto, com 1 caso (10%) - Ver gráfico 05.

Gráfico 04: Principais estratégias ativadoras da intertextualidade em percentagem.

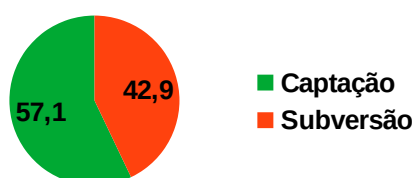
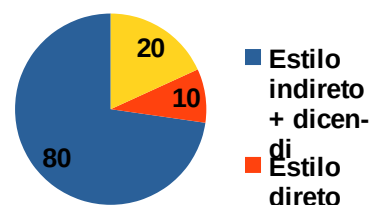
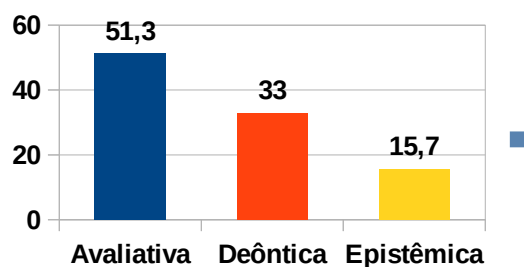


Gráfico 05: Principais estratégias ativadoras do SE-Locutor em percentagem.



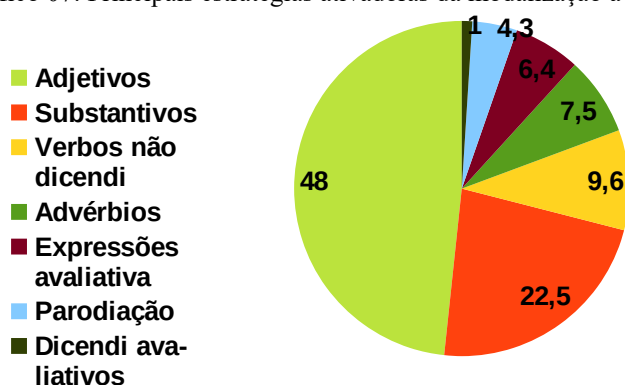
Acerca do fenômeno semântico-argumentativo da modalização discursiva, do total de 118 charges que compõem nosso *corpus*, constamos sua presença em 84 delas, o que corresponde aproximadamente a 71%. Essas ocorrências foram ativadas através de modalizadores de diversos tipos (avaliativos, deônticos, epistêmicos). O tipo de modalização mais comum em nosso *corpus* foi a avaliativa, com 95 casos (51,3%²⁶); o segundo tipo mais comum foi a deôntica, com 61 casos (33%); o terceiro tipo mais comum foi a epistêmica, com 29 casos (15,7%) - Ver gráfico 06.

²⁶Todos os valores, em percentagem, nesta seção, são aproximações de até uma casa decimal.

Gráfico 06: Distribuição de casos do fenômeno da modalização em percentagem no *corpus*.

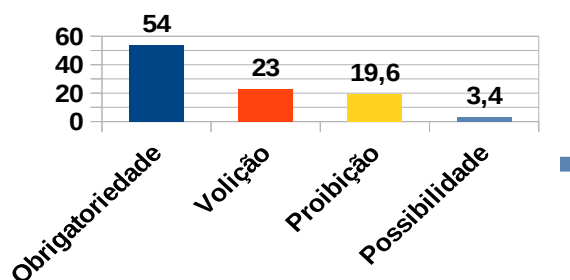
A modalização avaliativa, que foi o tipo mais comum, foi ativada, respectivamente, por: a) adjetivos (*e.g.* certo, errado, pobre, grande, mentiroso etc), com 48% de ocorrência; b) substantivos (*e.g.* primata, mamata, pouquinho, falência, contingenciamento etc), com 22,5% de ocorrência; c) verbos não *dicendi* (*e.g.* destruir, enganar, importar, atacar etc), com 9,6% de ocorrência; d) advérbios (*e.g.* bem, mal, mais, tão, acima etc), com 7,5% de ocorrência; e) expressões modalizadoras inteiras que expressam avaliação (*e.g.* “não vou com a cara de”, “pobre de nós”, “anda pra trás”, etc), com 6,4% de ocorrência; f) parodiação avaliativa (*e.g.* CNPQ → CNPQP, Cem → Sem, Bolsonaro → Bozonaro, Petistas → Petralhas), com 4,3% de ocorrência e; g) verbos *dicendi* (*e.g.* advertir), com 1% de ocorrência – Ver gráfico 07.

Gráfico 07: Principais estratégias ativadoras da modalização avaliativa em percentagem.



A modalização deontica mostrou-se o segundo tipo com mais casos em nosso *corpus*. Ela apresentou-se através de suas subdivisões: a deontica de obrigatoriedade (54%); a de volição (23%); a de proibição (19,6%) e; a de possibilidade (3,4%) - Ver gráfico 08.

Gráfico 08: Distribuição da modalização deôntica em percentagem.



A modalização D. de obrigatoriedade, o tipo mais comum de modalização deôntica, foi ativada, respectivamente, por: a) verbos no modo imperativo afirmativo expressando ordem ou instrução (*e.g.* põe, olha, fica, vinde, mata, votem etc), com 63% de ocorrência; b) verbos cuja própria significação contém algum aspecto lexical deôntico (*e.g.* mandar, decretar, reivindicar, requerer, ter que etc), com 37% de ocorrência – Ver gráfico 09

A modalização volitiva, o segundo tipo mais comum de modalização deôntica, foi ativada, respectivamente, por: a) verbos cuja própria significação contém algum aspecto lexical de volição, notadamente o verbo *querer* e suas variações (*e.g.* quer, quero, querer etc), com 50% de ocorrência; b) verbos ou outros vocábulos que, através da situação comunicacional, depreende-se que transmitam um pedido ou desejo do personagem expresso de modo polido ou atenuado (*e.g.* desculpe, cuidado, compra, chora), com 35,7% de ocorrência; c) e expressões modalizadoras inteiras que expressam volição (*e.g.* “Tomara que..” e “que o Senhor o ilumine”), com 14,3% de ocorrência – Ver gráfico 10.

Gráfico 09: Principais estratégias ativadoras da modalização deôntica de obrigatoriedade em percentagem.

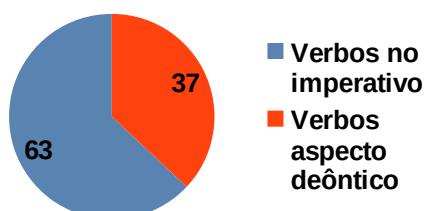
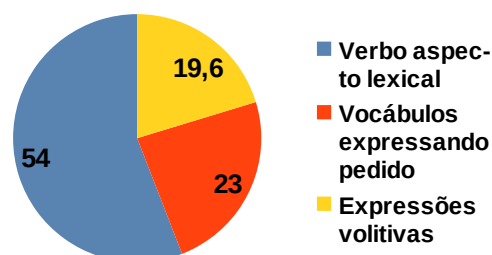


Gráfico 10: Principais estratégias ativadoras da modalização deôntica volitiva em percentagem.

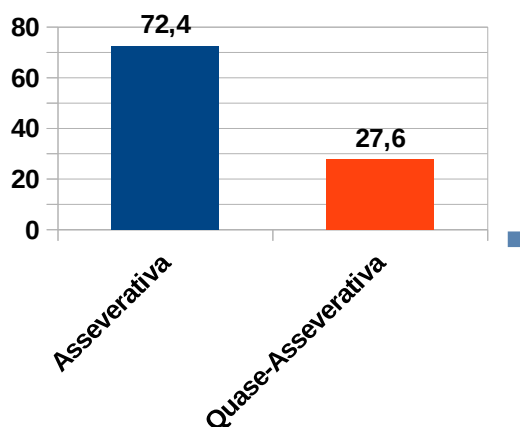


A modalização Deôntica proibitiva foi ativada, respectivamente, por: a) verbos no modo imperativo negativo (e.g. não falar, não assinar, não atrapalhar, não dar, não pode etc), com 83,4% de ocorrência; b) verbos cuja própria significação contém algum aspecto lexical deôntico de proibição, notadamente o verbo parar (e.g. parem), com 8,3% de ocorrência; c) e expressões modalizadoras inteiras que expressam proibição (e.g. “nada mais de...”), com 8,3% de ocorrência.

Apenas ocorreram dois casos de modalização deôntica de possibilidade em nosso *corpus*, ambos foram ativados pelo verbo poder expressando, concedendo, permissão a outro sujeito para fazer determinada ação (100% de ocorrência). Convém ressaltar que não encontramos casos de modalização delimitadora em nosso *corpus*.

A modalização epistêmica mostrou-se o terceiro tipo com mais casos em nosso *corpus*. Ela apresentou-se através de suas duas subdivisões: a epistêmica asseverativa (72,4%) e a epistêmica quase-asseverativa (27,6%) - Ver gráfico 11.

Gráfico 11: Distribuição da modalização epistêmica em percentagem.



A modalização epistêmica asseverativa foi ativada, respectivamente, por: a) verbos que incidem sobre o grau de certeza do enunciado, notadamente o verbo saber e suas variações (e.g. sabe, saber, sabia etc) com 47,6% de ocorrência; b) vocábulos ou construções linguísticas utilizados para registrar determinada informação enquanto uma promessa feita, com a qual o sujeito locutor se compromete, apresentando-a como algo seguro (e.g. vou acabar, promete etc), com 28,5% de ocorrência; c) advérbios utilizados para enfatizar uma informação e ressaltar sua assertividade, notadamente o advérbio mesmo, com 9,5% de

ocorrência; d) outros verbos cuja própria significação contém algum aspecto lexical de asseveração (eg. Confirmar e decidiu), com 9,5%, de ocorrência e; e) expressões modalizadoras inteiras que expressam asseveração (e.g. “muito, mas muito mais grave”), com 4,9% de ocorrência - Ver gráfico 12.

A modalização epistêmica quase-asseverativa foi ativada, respectivamente, por: a) verbos que indicam julgamentos acerca do valor de certeza do enunciado que remetem a fatos não comprovados ou a crenças (e.g. parecer, achar e acreditar), com 62,5% de ocorrência e; b) verbos que indicam a possibilidade de determinado fato acontecer, notadamente o verbo *poder*, com 37,5% de ocorrência - Ver gráfico 13.

Gráfico 12: Estratégias ativadoras da modalização epistêmica asseverativa em percentagem

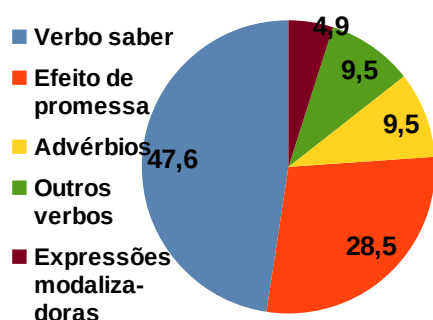
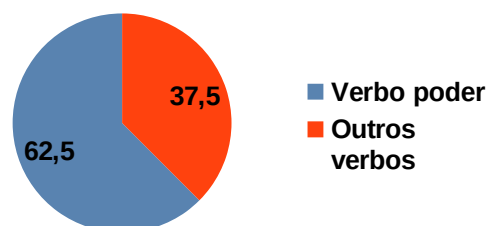


Gráfico 13: estratégias ativadoras da modalização epistêmica quase-asseverativa em percentagem.



Agora dissertaremos sobre as ocorrências individuais e as coocorrências observadas entre os fenômenos semântico-argumentativos presentes no *corpus*. Acerca das ocorrências individuais por número de charges, constatamos que das 118 charges, 15 possuíam apenas a ocorrência de um único fenômeno, correspondendo a uma percentagem de 12,7% do total. Dentro desse contexto numérico, o fenômeno individual mais recorrente foi o fenômeno da polifonia de locutores, com 9 charges que apenas continham PL, por sua vez os menos recorrentes, individualmente, foram a PE e o SE-L, com uma charge para cada – Veja o quadro 01 para observar a quantidade exata de cada fenômeno.

Quadro 01: Ocorrências individuais de fenômenos semântico-argumentativos no *corpus* por número de charges e percentagem.

Fenômeno	Número de charges	Percentagem
PE	1	6,6
SE-L	1	6,6
MD	2	12,2
INT	2	12,2
PL	9	63,4
Total	15	100%

Em outras palavras, das 118 charges do *corpus*, 103, ou 87,3% do total, apresentam algum tipo de coocorrência entre fenômenos argumentativos. Ao todo, encontramos 15 combinações diferentes entre os fenômenos mencionados no quadro 01 - algumas das quais sendo mais recorrentes outras menos. Além disso, constatamos a presença de certos fenômenos, como a polifonia de locutores, interagindo mais recorrentemente com os demais.

Dividimos as ocorrências e combinações entre os fenômenos em três grupos, por ordem de ocorrências: Grupo 01 (PL interagindo com MD e /ou PE); Grupo 02 (Intertextualidade interagindo com a MD, SE-L, PL e/ou PE) e Grupo 03 (SE-locutor interagindo com a MD, PL e/ou PE).

O grupo 01, encabeçado pelo fenômeno da polifonia de locutores, foi, conforme constatamos, aquele com a maior recorrência, isso porque, do total de 101 charges de coocorrência argumentativa, a polifonia de locutores englobou 70 delas, correspondendo, em percentagem, a 69,3% do total. Nesse primeiro grupo, as interações mais frequentes foram as combinações entre PL e MD, presente em 32 charges, as combinações entre PL+ MD +PE, presente em 25 charges, e as combinações entre PL e PE, presentes em 12 charges. Veja o quadro 02 para observar a quantidade exata entre cada combinação.

Quadro 02: Coocorrências entre fenômenos semântico-argumentativos do Grupo 01, em número de charges e percentagem.

Fenômeno	Número de charges	Percentagem
PL+MD: 1	32	45,7
PL+ PE +MD 1	25	35,7
PL + PE	12	17,1
PE+MD	1	1,5%
Total	70	100%

O grupo 02, que teve como fenômeno principal a intertextualidade interagindo com outros fenômenos, foi o segundo mais recorrente, isso porque, do total de 101 charges de coocorrência argumentativa, a intertextualidade marcou presença em 24 delas, correspondendo, em percentagem, a 23,7% do total. Nesse grupo, constatamos 8 diferentes interações entre a intertextualidade e outros fenômenos argumentativos, sendo as combinações mais comuns a entre INT + +PL+MD, presente em 6 charges, e a entre INT + MD, presente em 5 charges. Veja o quadro 03 para observar a quantidade exata entre cada combinação.

Quadro 03: Coocorrências entre fenômenos semântico-argumentativos do Grupo 02, em número de charges e percentagem.

Fenômeno	Número de charges	Percentagem
INT+ PL+MD1	6	25%
INT+MD	5	20,9%
INT+PL+PE+MD	4	16,6%
INT+PL	4	16,6%
INT+PL+PE	2	8,3
INT+ MD+SE-L	1	4,2%
INT+ MD+SE-L +PE+PL	1	4,2
INT+PE	1	4,2%
Total	24	100%

O grupo 03, que teve como fenômeno principal o SE-Locutor interagindo com outros fenômenos, foi o menos recorrente, do total de 101 charges de coocorrência argumentativa, o SE-Locutor esteve presente em intertextualidade marcou presença em 7 delas, correspondendo, em percentagem, a cerca de 7% do total. Nesse grupo, a interação mais frequente foi a combinação entre o SE-L+MD+PL, presente em 4 charges. Veja o quadro 04 para observar a quantidade exata entre cada combinação.

Quadro 04: Coocorrências entre fenômenos semântico-argumentativos do Grupo 03, em número de charges e percentagem.

Fenômeno	Número de charges	Percentagem
SE-L+MD+PL	4	57,1%
SE-L+MD+PL+PE 1	2	28,6%
SE-L+MD	1	14,3%
Total	7	100%

Doravante faremos alguns apontamentos de caráter qualitativo acerca dos dados que levantamos quantitativamente. Também pretendemos demonstrar por que é significativo que determinado fenômeno, estratégia ou coocorrência argumentativa tenha sido o mais recorrente nas charges de nosso *corpus*.

Como tínhamos dito, durante o processo de catalogação do *corpus*, constatamos que os fenômenos argumentativos mais comuns foram a polifonia enunciativa em suas diversas categorias, atuando em conjunto com a modalização discursiva em seus diversos tipos. Em relação ao fenômeno semântico da *Modalização Discursiva*, podemos pontuar que a sua presença em 84 das 118 charges, correspondendo a um total de 71% de presença no *corpus*, evidencia o uso recorrente que os locutores-chargista fazem desse fenômeno semântico-argumentativo. Tal presença recorrente se justifica principalmente pela natureza crítica do gênero e pelos objetivos comunicativos aos quais os locutores-chargista se propõem.

Tendo em vista que a charge é um gênero eminentemente crítico e opinativo utilizado no domínio discursivo jornalístico para expressar avaliação sobre algum fato social atual que repercutiu, a modalização é um meio eficiente para o locutor-chargista deixar impresso no

texto o modo como o enunciado deve ser compreendido pelo interlocutor. Notadamente, no recorte feito por nós acerca das charges da eleição de 2018 e seus desdobramentos, observamos que a modalização geralmente foi utilizada pelos locutores-chargista para qualificar uma ação ou uma declaração feita por certo político (M. Avaliativa), para indicar que determinado enunciado proferido por um locutor externo ou um locutor-personagem deve ser encarado como uma ordem ou instrução (M. Deontica), ou ainda para atribuir caráter de certeza ou exatidão a determinada sentença presente na charge (M. Epistêmica), sinalizando para o interlocutor que determinada informação ou sujeito discursivo são confiáveis.²⁷

Em relação ao fenômeno semântico da *Polifonia Enunciativa* de modo geral, podemos dizer que sua presença em 113 das 118 charges, correspondendo a um total de 95,7% de presença no *corpus*, evidencia o quão significativo é esse fenômeno para a construção do texto chárstico. Em quaisquer de suas diversas facetas (de Locutores, de Enunciadores, SE-Locutor e Intertextualidade), a polifonia apresenta-se enquanto uma ferramenta frequentemente utilizada para produzir significação e construir a argumentação no gênero, de modo que não é sem razão que cremos que a polifonia enunciativa faz parte do estilo linguístico do gênero charge.

Isso é corroborado pela ideia de que o locutor-chargista, ao fazer referência a algum acontecimento de conhecimento público, por vezes, alude intertextualmente a alguma notícia jornalística específica, outras vezes, traz vozes de sujeitos externos específicos (ou coletivos e indefinidos) para dentro de seu texto, em outros casos, o próprio locutor-chargista produz um diálogo de vozes com os sujeitos discursivos que cria internamente ao texto, ainda em outros casos ele põe em cena determinados enunciadores que criam pontos de vistas bem específicos em relação aos quais o locutor-chargista assume diversos posicionamentos. Em todos os casos citados, L1 irá, de alguma forma, fazer uso de algum mecanismo polifônico para engendrar a argumentação no texto chárstico.

Dentre as facetas desse amplo macrofenômeno da polifonia enunciativa, talvez aquela que mais demonstre o quão a polifonia é essencial para o gênero charge seja a polifonia de locutores, não à toa ter sido a mais recorrente, com cerca de 88% de ocorrência no *corpus*. Tendo em vista que a charge, por fazer parte do domínio discursivo jornalístico, emita opinião

27 Mais a frente ainda nesta seção, serão abordados em detalhes cada um desses tipos de modalização e as suas estratégias ativadoras mais frequentes, mas antes dissertaremos sobre a polifonia enunciativa, que é o fenômeno central dessa investigação.

ou julgamentos acerca de determinado acontecimento social ou pessoa, não é incomum que o locutor-chargista tenha que recorrer à introdução de sujeitos discursivos externos ao texto, às vezes, relatando esse dizer na íntegra em estilo direto, outras vezes, parafraseando-o por meio de estilo indireto.

Em nosso *corpus*, encontramos ambos os tipos de introdução sendo utilizados recorrentemente para introduzir dizeres de figuras políticas que repercutiram socialmente. O discurso relatado em estilo indireto foi, geralmente, utilizado quando o locutor-chargista intentava apresentar a fala de um político conhecido que não foi bem recebida pela mídia ou que foi alvo de críticas. É o caso do trecho que aparece na charge 05 analisada neste capítulo. Nessa charge, uma fala do presidente J. Bolsonaro sobre ser mentira se passar no Brasil foi introduzida em estilo indireto, declaração essa que é ironizada pelo locutor-chargista através do plano visual e pela fala do locutor-personagem que ordena que seu estômago se cale.

O discurso relatado em estilo direto, por sua vez, foi utilizado pelo locutor-chargista de duas maneiras principais: em primeiro lugar, para apresentar ou reproduzir, na íntegra, falas de locutores externos tidas como polêmicas; em segundo lugar, para ironizar determinada declaração feita por um político, bem como para apresentá-la de modo distanciado, algo com o qual não se concorda. Um exemplo disso é o trecho que aparece na charge 07 analisada neste capítulo. Nessa charge, a fala de Bolsonaro de que existem coisas mais graves que a corrupção, como a questão ideológica, aparece reproduzida entre aspas em estilo direto para demonstrar ao interlocutor que tal declaração teria realmente partido de Bolsonaro.

A uma conclusão similar chegou Nascimento (2018, p.80) ao analisar o uso do estilo direto em reportagens políticas para introduzir locutores externos ao texto:

O Estilo direto foi usado principalmente como meio de trazer na íntegra a voz de outro sujeito enunciativo. Ao relatar, na própria materialidade, da voz de outrem, o locutor-repórter passa implicitamente a ideia de confiabilidade, visto que o interlocutor pode, de certa forma, ter acesso às palavras originais ditas por políticos como Lula, Michel Temer, por exemplo.

A opção pelo estilo direto, nesse caso, em vez de pelo estilo indireto, justifica-se pela ideia de que, tendo em vista que a declaração foi considerada polêmica, o locutor-chargista

prefere apresentá-la nas próprias palavras do locutor externo, evitando o uso do estilo indireto, o que resultaria em uma mescla entre as palavras de L1 com as palavras do locutor introduzido. Portanto, ao usar as palavras do locutor externo em sua própria materialidade, o locutor-chargista evita se comprometer ou de receber acusações de que foi ele quem colocou determinado conteúdo polêmico na declaração de L2.

Além disso, percebemos, em alguns casos, que o estilo direto foi utilizado também para ironizar o conteúdo de certa declaração introduzida, de modo a apresentá-la de modo distanciado, como algo com o qual não se concorda. Um exemplo disso é a charge 06 analisada neste capítulo. Nessa charge, o dizer do presidente Bolsonaro é completamente ironizado pelo plano visual (o tamanho dos personagens) e pelo plano textual, uma vez que os argumentos apresentados por Bolsonaro que se opõem à tese apresentada por ele, não corroborando a ideia de que a Alemanha teria muito a aprender com o Brasil. Desse modo, L1 usa o estilo direto, nesse caso, para se distanciar do dizer entre aspas de Bolsonaro “Alemanha tem muito a aprender com o Brasil” e ironizá-lo.

Em ambos casos, quer no discurso relatado através do estilo direto quer através do estilo indireto, percebemos que há, geralmente, uma estrutura comum nas charges de nosso *corpus*: 1º) L1 recupera um dizer externo de alguma figura pública, geralmente um político, 2º) essa declaração teve repercussão na imprensa, e por isso é trazida para ser discutida no espaço enunciativo da charge, e 3º) os locutores-personagem presentes no plano visual reagem (positiva ou negativamente), quer por ironizar quer por assumir a declaração desse locutor externo.

De modo geral, um aspecto básico e bem comum de se observar em charges é a presença de personagens no plano visual. Eles frequentemente são retratados em situações crítico-cômicas que visam incitar o interlocutor (leitor da charge) a refletir a respeito de determinado acontecimento. Além disso, quando a esses personagens são atribuídos trechos de fala, eles se tornam locutores-personagem, isto é, seres do discurso criados por L1 dentro de um determinado contexto enunciativo.

Constatamos que essa foi a maneira mais comum utilizada pelo locutor-chargista para ativar a polifonia de locutores na charge. Enquanto tivemos apenas 9 casos de polifonia ativada pela introdução de locutores discursivos externos à charge (5,3%), tivemos 159 casos de polifonia de locutores ativada pela criação e atribuição de trechos de fala específicos a

locutores-personagem internos ao texto (94,7%). Esse alto número de casos e proporção percentual deles em relação total de ocorrências no *corpus* sinalizam para nós que a polifonia enunciativa, notadamente, a de locutores, constitui um aspecto central na construção de sentidos do gênero charge e pode ser entendida enquanto um elemento constitutivo do estilo linguístico do gênero charge.

Outro fenômeno polifônico recorrente em nosso *corpus* foi a polifonia de enunciadores. Dos 118 textos chárgicos, constatamos, que, em 49 deles, havia a presença de algum tipo de polifonia de enunciadores (41,5%). Essa percentagem de ocorrência sugere que a presença de pontos de vista é um fator comum dentro do gênero, principalmente, se levarmos em conta que a charge é um texto, cujo espaço enunciativo é palco para a exposição de pontos de vistas enunciativos conflitantes. Além disso, por causa do caráter opinativo do texto, o locutor-chargista, bem como os locutores discursivos criados/introduzidos na charge são porta-vozes de determinados pontos de vista, a respeito dos quais eles assumem certos posicionamentos enunciativos, ora se limitando simplesmente a apresentá-los, outras vezes, rechaçando-os, ironizando-os, ou assimilando-os.

Observamos que a polifonia de enunciadores foi ativada por três estratégias semântico-argumentativas principais: a negação polêmica; o uso de operadores argumentativos e o uso de palavras ou expressões pressupositivas. Das três, a negação polêmica foi a mais comum para ativação da polifonia de enunciadores, ela esteve frequentemente relacionada ao uso de palavras negativas (não, nem, sem), as quais ativam dois pontos de enunciadores contrários entre si: um E1 positivo e um E2 negativo.

A estratégia semântica da negação polêmica contempla a ideia de que, por trás, de uma negação subjaz uma afirmação, ou ponto de vista positivo anterior (E1), que é rechaçado pelo ponto de vista negativo (E2). Constatamos que o locutor-chargista frequentemente utilizou essa estratégia para colocar em cena um ponto de vista com o qual não concordava, depois rechaçou-o e apresentou o ponto de vista assumido por ele. O uso recorrente da negação polêmica no gênero charge pode ser explicado pela intenção comunicativa dos locutores-chargista em apresentar, em um primeiro momento, uma realidade social tida como problemática, tentar combatê-la, por se opor a ela, ainda que textualmente, e depois apresentar uma proposta alternativa ou, pelo menos, levar o interlocutor à reflexão crítica em relação àquela situação-problema.

O uso de operadores argumentativos foi a segunda estratégia semântico-argumentativa mais comum para ativar a polifonia de enunciadores. Em determinados contextos, os operadores argumentativos são capazes de ativar determinados pontos de vista dentro do enunciado. Aqueles que foram os mais comuns nas charges de nosso *corpus* foram os operadores: Já e só.

Observamos que esses operadores foram usados frequentemente pelo locutor-chargista para criar efeitos de sentido específicos dentro do enunciado e dar direcionamento ao texto chárigo em razão de determinadas conclusões. Quando inserido no enunciado, o operador “só” frequentemente levava o interlocutor a enxergar a negação de uma ideia de totalidade apresentada antes. Por sua vez, o uso do operador “já”, quando inserido no enunciado, deixava marcado o início de uma situação, que não havia começado antes.

A terceira estratégia semântico-argumentativa mais comum de polifonia, em charges, foi o uso de palavras ou expressões pressupositivas, notadamente, o uso de expressões/palavras iterativas, ou verbos de mudança ou permanência de estado assinalando pressuposição. Em nosso *corpus*, aqueles que foram os mais recorrentes foram: o marcador de permanência de estado “ainda”, o verbo de permanência de estado “continuar” e o marcador de mudança de estado “agora”. Observamos que esses marcadores de pressuposição foram usados frequentemente pelo locutor-chargista para deixar sinalizado para o interlocutor que, em determinado ponto, ocorrera a mudança de um estado 01 para um estado 02, ou ainda, para deixar sinalizado que até o presente momento determinado que estado anterior 01 continua em voga.

Constatamos que a presença de expressões pressupositivas de mudança ou permanência de estado, nas charges políticas de nosso *corpus*, estavam, com frequência, relacionados às intenções comunicativas dos locutores-chargista em relacionar dois pontos específicos no tempo, geralmente, tendo como base a data da votação eleitoral ou a um período anterior e posterior a uma medida tomada qualquer pelo governo.

O terceiro fenômeno polifônico mais comum foi a intertextualidade, com cerca de 18,6% de ocorrência. Como a charge é um gênero intertextual por natureza, na medida em que faz parte do domínio jornalístico, a sua própria constituição pede a consulta, recuperação e alusão a fatos veiculados em outros gêneros da atividade jornalística, como a notícia, a reportagem etc. Tal opinião demonstra Romualdo (2000, p.19):

Os dados apresentados acima reforçam nossa proposta de que a charge e os outros textos veiculados pelo próprio jornal se inter-relacionam. O leitor pode fazer essas relações de forma diversa, construindo o contexto para a interpretação da charge. Essa intertextualidade entre a charge e os outros textos jornalísticos mostra que o texto chágico tem por objeto fatos, acontecimentos e personagens que também são objeto de notícias, comentários, artigos, editoriais, fotos, etc.

Portanto a própria constituição do gênero faz com que a polifonia por intertextualidade seja um fator recorrente em textos chágicos, na medida em que precisa fazer referência a fatos, personalidades políticas ou públicas e realidades sociais problemáticas noticiados por outros gêneros jornalísticos. Em nosso *corpus* de charges, a intertextualidade foi ativada por duas estratégias semânticas principais: a captação e a subversão.

Sobre a natureza intertextual da charge, Romualdo (2000) comenta que ela pode ser convergente ou divergente em relação ao texto original. No segundo caso, um intertexto anterior é retomado pelo texto atual, para se posicionar em sentido contrário à primeira orientação, como ocorre na charge nº 86 de nosso *corpus*.

Julgamos que a ocorrência frequente da subversão intertextual, em nosso *corpus*, foi devido às intenções comunicativas adotadas pelos locutores-chargista em explorar os efeitos de sentido gerados pelo humor crítico dentro do texto chágico. A partir das análises, pode-se observar também que a subversão frequentemente se associa com a ironia para alterar a orientação argumentativa original de discursos que o L1 não comunga, ironizando-os através de humor crítico e de subversão.

Outra estratégia semântica presente em nosso *corpus* foi a captação intertextual. Observamos o uso dessa estratégia argumentativa quando em determinados momentos o locutor-chargista ou os locutores-personagem da charge realizavam a recuperação de algum intertexto anterior noticiado pela mídia. No caso dos locutores-chargista, eles frequentemente fizeram uso de captação para resgatar e fazer referência ao título de notícias reais, como ocorreu na charge nº 104. Nela o título que aparece no cabeçalho L1 é intertextual a uma notícia publicada real, de mesmo título, caracterizando um caso de captação intertextual, uma vez que a estrutura sintática, as palavras utilizadas e a orientação argumentativa dos intertextos foram mantidas.

O fenômeno polifônico menos recorrente foi o SE-Locutor. Em nosso *corpus*, percebemos uma associação recorrente entre o SE-locutor e a introdução por estilo indireto, notadamente quando se trazia um dizer que representava a voz de toda uma coletividade indefinida ou ampla, como “Já tão falando...” (charge nº22), “Nosso grupo” (charge nº32) ou “45. 900.000 brasileiros (37% dos eleitores)”, na charge 33. De modo geral, constatamos que os locutores-chargistas utilizaram o fenômeno do SE-Locutor quando desejavam introduzir seres discursivos coletivos e pouco definidos, como órgãos públicos governamentais, um conjunto de pessoas entrevistadas em pesquisas de opinião, decisões colegiadas por um grupo, falas de partidos políticos de forma geral, ou simplesmente dizeres coletivos sem identificação.

Falaremos agora a respeito dos tipos de modalização encontrados e os efeitos de sentido gerados por eles no *corpus*. A modalização avaliativa foi aquela que teve mais casos em nosso *corpus*, ela foi ativada geralmente por itens lexicais que contêm ou transmitem alguma qualificação ou julgamento, como adjetivos, advérbios, substantivos ou verbos que a depender do contexto avaliam determinada informação dentro do enunciado.

Constatamos o uso recorrente desses itens lexicais em momentos em que o locutor-chargista objetivava valorar determinadas informações dentro do texto chárstico, de modo a deixar sinalizada para o interlocutor a maneira de como ler determinado fato ou acontecimento. Além disso, a maior recorrência da modalização avaliativa em relação às demais, se justifica por a charge ser um gênero eminentemente crítico e opinativo, o que induz o locutor-chargista a frequentemente utilizá-la.

Outro tipo de modalização observado em nosso *corpus*, foi a modalização deôntica. As categorias mais comuns dessa modalização foram, respectivamente, a de obrigatoriedade e de volição. A última foi ativada principalmente por itens lexicais como verbos “querer”, cuja própria significação contém um aspecto lexical volitivo, isto é, exprime um desejo do solicitante em relação a algo ou alguém, por exemplo, “Quero muito estar errado” (charge nº 35). Também a modalização volitiva foi ativada por outros verbos e vocábulos que, a depender do contexto comunicacional, podem transmitir a ideia de um pedido ou desejo expresso de modo polido, ou atenuado, por exemplo, “cuidado com o vice”(charge nº 63) ou “tomara que” (charge nº 65).

Constatamos que a modalização de obrigatoriedade foi o tipo mais comum de modalização deôntica em nosso *corpus*. Ela foi ativada por verbos cuja própria significação

contém algum aspecto lexical deôntico, por exemplo, “mandou votar” (charge nº 37) “reivindico também um regime especial” (charge nº 42), também por verbos conjugados modo imperativo afirmativo indicando ordem ou instrução, como ocorre na charge nº 45. Nessa charge, o verbo “votar” é um modalizador deôntico de obrigatoriedade, que expressa uma ordem dada por um personagem político. Diferente de verbos como “mandar”, por exemplo, o verbo “votar” não possui em sua própria constituição um traço lexical deôntico, ainda assim o seu uso dentro de determinados contextos, como na charge nº 45, pôde lhe atribuir um caráter deôntico através de sua conjugação no modo imperativo.

As representações textuais e gráficas que encontramos em nosso *corpus* de charges políticas de candidatos pedindo votos podem ser encaradas como um reflexo do período temporal recortado, as eleições de 2018. Levando em conta que o período de eleições é geralmente marcado por enunciados deônticos volitivos advindos dos políticos requerendo o apoio popular, a modalização deôntica acaba por se materializar, de certa forma, nos enunciados das charges. Além disso, a questão de os locutores-personagem políticos serem retratados utilizando os mais variados deônticos, em alguns casos até de obrigatoriedade, para conseguir o apoio do povo, pode ser encarado como uma denúncia feita pelos locutores-chargista em relação a excessos cometidos por políticos durante o período eleitoral.

Outro tipo de modalização observado em nosso *corpus* de charges foi a epistêmica, notadamente, a epistêmica asseverativa. Esse tipo de modalização foi ativada principalmente por itens lexicais como o verbo “saber” e suas variações nas formas negativas (charge nº 10) ou interrogativas (charge nº 38) ou construções linguísticas utilizados para registrar determinada informação enquanto uma promessa feita. Um exemplo disso é a locução “vou acabar” que pode assumir efeito de promessa, como pode ser visto na charge nº 39.

Nessa charge, todas as ocorrências de “vou acabar” são expressões modalizadoras epistêmicas asseverativas. Isso ocorre porque o uso da construção verbal “ir + acabar com...” assume efeito de promessa que assevera, ou garante para o interlocutor que o sujeito que aparece na televisão está disposto a realizar aquilo que enuncia. Além disso, os recursos gráficos, como a fonte em caixa alta e o balão assinalando grito, corroboram para deixar impresso no enunciado que o locutor se compromete com o dito.

Julgamos relevante esse tipo de modalização aparecer em nosso *corpus* de charges políticas, pois, levando em conta que o locutor-chargista retrata realidades sociais existentes,

durante a época das eleições, não raro se observa os candidatos a lançarem diversas promessas de campanha. Isso acaba, de certa forma, funcionando nos enunciados das charges como uma estratégia que permite ao locutor-chargista retratar e ironizar as promessas de determinados políticos.

Dissertaremos agora acerca de alguns dados relevantes da coocorrência de fenômenos argumentativos. Das 118 charges de nosso *corpus*, 101, ou 85,6%, apresentaram algum tipo de coocorrência entre fenômenos argumentativos. Isso parece indicar para nós que o processo de produção de sentidos e construção da argumentação no gênero charge é perpassado pela atuação combinada de diversos fenômenos semântico-argumentativos simultaneamente.

Destacamos aqui a polifonia enunciativa, em suas diferentes manifestações, atuando em conjunto com a modalização discursiva. Essa combinação esteve presente em 82 das 118 charges do *corpus*, equivalendo a aproximadamente 69,5%, tornando imperativa a análise combinada de ambos fenômenos, que embora tenham autonomia semântica própria, dentro de alguns contextos textuais de enunciação, funcionaram de modo tão integrado que interferiram diretamente um no outro. Um exemplo disso é a charge nº 32, analisada por nós neste capítulo.

Na charge referida, temos a ocorrência dos fenômenos semântico-argumentativos do SE-locutor, da polifonia de locutores e da modalização discursiva. Longe de funcionar isoladamente, eles interagem entre si através de um *ponto de articulação* no primeiro balão da charge. É perceptível também que através do uso de recursos linguísticos e extralinguísticos comuns à polifonia de locutores e à modalização discursiva, o locutor-chargista realiza a introdução um SE-Locutor.

Em outras palavras, poderíamos dizer que a integração semântica entre esses fenômenos se baseia no fato de que existe uma voz coletiva (fenômeno do SE-locutor) que foi evocada dentro da fala do locutor-personagem L2 (fenômeno da polifonia de locutores), e o recurso usado para realizar esse processo articulatório foi um verbo *dicendi* asseverativo (fenômeno da modalização discursiva).

Outro exemplo de coocorrência argumentativa foi constado na charge nº 37, também analisada por nós neste capítulo. Nessa charge, existe a ocorrência de cinco fenômenos semântico-argumentativos diferentes: o SE-locutor, a polifonia de locutores, a modalização discursiva, a polifonia de enunciadore e a intertextualidade. Mais uma vez, longe de

funcionar isoladamente, eles interagem e interferem um no outro dentro do mesmo espaço enunciativo.

Tudo se inicia no título da charge “PT confirma Fernando Haddad como candidato à presidência no lugar”, que é intertextual em relação ao título de uma notícia específica veiculada por um portal jornalístico em 11 de setembro de 2018, resultando em um caso de intertextualidade por captação. Além disso, tem-se a presença de um modalizador epistêmico asseverativo: o verbo “confirmar”, que é utilizado em conjunto com a ocorrência intertextual captada do título para introduzir em estilo indireto a voz do “PT (um SE-Locutor), resultando em um ponto de articulação entre os fenômenos da modalização, SE-Locutor e da intertextualidade.

Existe também outro ponto de articulação na charge em questão, esse ocorre no segundo balão de fala, no qual L1 combina mais três fenômenos: a polifonia de locutores, a polifonia de enunciadores e a modalização.

O processo se inicia quando L1 introduz a fala do locutor-personagem L3, ativando o fenômeno da polifonia de locutores. Uma vez ativada a PL, L1 utiliza-a como base textual para ativar os fenômenos da modalização e da polifonia de enunciadores. No primeiro caso, na fala de L3, podem-se encontrar dois verbos modalizadores que deixam marcas no enunciado certas noções: o verbo “saber”, modalizador asseverativo, que incide sobre o grau de certeza do enunciado e o verbo “mandar”, deontico de obrigatoriedade, que indica que o enunciado é uma ordem. Por fim, utilizando-se novamente de recursos argumentativos presentes na fala do locutor-personagem L3, L1 ativa também a polifonia de enunciadores através da negação polêmica e do uso de operadores argumentativos.

Portanto temos uma ocorrência do fenômeno da polifonia de enunciadores evocada dentro da fala do locutor-personagem L2 (fenômeno da polifonia de locutores), bem como dois verbos *dicendi*, um deontico de obrigatoriedade e outro epistêmico asseverativo (fenômeno da modalização discursiva), que tiveram como base textual para introdução a fala do locutor-personagem L2 (fenômeno da polifonia de locutores).

Observa-se, pois, que, apesar de serem autônomos semanticamente falando, os fenômenos da polifonia enunciativa e da modalização discursiva, por vezes, trabalham em conjunto (coocorrem) e estabelecem relações de associação dentro do texto, de modo que se faz proveitosa uma análise que observe as interações entre eles, conforme a amostragem

provida nesta seção. Por fim, julgamos a partir das análises feitas durante todo este capítulo e pelos dados quantitativos levantados que a recorrente presença da polifonia enunciativa (95,7%) e da modalização discursiva (83,4%), bem como o índice de atuação conjunta desses dois fenômenos (70,3%) demonstram a hipótese central deste trabalho de que o fenômeno da polifonia enunciativa associado ao da modalização discursiva são aspectos centrais na construção da argumentação e podem ser entendidos enquanto elementos constitutivos do estilo linguístico do gênero charge, sendo utilizados para dar direcionamento discursivo em razão de determinadas conclusões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora, neste capítulo final, resta-nos fazer algumas considerações sobre os dados levantados e analisados ao longo do trabalho e, então, apontar as possíveis contribuições de nossa pesquisa para os estudos sobre a Argumentação na Língua.

Desde o início, durante o processo de formulação de nossa pesquisa, intentamos responder aos seguintes questionamentos: De que modo o fenômeno enunciativo da polifonia ocorre no gênero charge e quais são as suas principais manifestações? De que modos a modalização discursiva se associa nos textos com a polifonia e qual a relevância dessa união para compreender o sentido deles? E quais os principais efeitos de sentido, pontos de vista e posicionamentos gerados, ou a que conclusões o locutor quer levar o interlocutor através do plano linguístico e visual da charge?

A formulação de tais questionamentos ocorreu devido à hipótese subjacente à nossa pesquisa de que o fenômeno da polifonia associado ao da modalização discursiva são aspectos centrais na construção da argumentação e podem ser entendidos enquanto elementos constitutivos do estilo linguístico do gênero charge, sendo utilizados para dar direcionamento ao interlocutor do texto em razão de determinadas conclusões.

Julgamos que a hipótese de pesquisa apresentada por nós procede, pois, ao analisarmos nosso *corpus* de charges, constatamos que o uso de ambos os fenômenos, dentro de determinados contextos enunciativos, constituiu, de fato, um meio utilizado pelo locutor-chargista para dar direcionamento discursivo ao enunciado.

Por exemplo, com relação ao uso da modalização discursiva, chegamos à conclusão de que ela constitui uma ferramenta comumente utilizada no gênero charge para deixar impresso o modo como o enunciado deve ser compreendido pelo (leitor) interlocutor. No recorte feito por nós acerca das charges da eleição de 2018, observamos que a modalização geralmente foi utilizada pelos locutores-chargista para qualificar *avaliativamente* uma ação ou uma declaração feita por certo político ou personalidade pública, para indicar *deonticamente* que determinado enunciado deve ser encarado como uma ordem ou instrução, ou ainda para atribuir *epistemicamente* um caráter de certeza ou de quase certeza a determinada sentença presente na charge.

Com relação ao uso da polifonia enunciativa no gênero charge, chegamos à conclusão de que ela é um meio frequentemente utilizado pelo locutor-chargista para introduzir, por meio de estilo direto ou indireto, sujeitos discursivos externos ao texto, criar um diálogo interno ao texto através da atribuição de declarações específicas a locutores-personagem, introduzir as vozes de um locutor coletivo indefinido, aludir intertextualmente a alguma notícia ou acontecimento específica mencionado, ou ainda pôr em cena certos pontos de vistas enunciativos com os quais o locutor-chargista ora discorda ora concorda.

Para averiguar a validade de nossa hipótese de pesquisa, traçamos como objetivo principal para este trabalho analisar como o fenômeno da polifonia em suas diversas modalidades atua em conjunto com o fenômeno da modalização discursiva, em ordem a construir a argumentação no gênero charge. Além disso, de modo específico, objetivamos, identificar e descrever as principais estratégias semântico-argumentativas e recursos linguísticos que ativam os fenômenos da polifonia e da modalização no referido gênero, estabelecendo relações entre as temáticas abordadas nos textos analisados e os recursos e estratégias linguísticas utilizadas pelo chargista para construir a argumentação.

No que se refere aos objetivos propostos para este trabalho, é possível afirmar que conseguimos atingi-los, uma vez que constatamos que o locutor-chargista utiliza várias facetas do amplo fenômeno da polifonia enunciativa (de locutores, de enunciadores, SE-locutor e intertextualidade) para atuar em conjunto com o fenômeno da modalização discursiva (epistêmica, deôntica e avaliativa). Ao realizar o processo de catalogação e análise do *corpus*, identificamos também que esses fenômenos podem ser ativados através de várias estratégias semânticas, como a pressuposição linguística, o uso da negação polêmica, operadores argumentativos, estilo direto ou indireto, verbos *dicendi* e outros recursos utilizados pelo locutor-chargista.

Acreditamos que, por remeter a textos jornalísticos noticiosos e estabelecer relações com os acontecimentos neles reportados, a charge tenha uma tendência natural a ser polifônica e intertextual. Dessa forma, ao aludir a fatos sociais ocorridos, o locutor-chargista, por vezes, recorre às vozes dos sujeitos envolvidos direta ou indiretamente na questão abordada na charge, recuperando e reproduzindo os dizeres desses sujeitos através do uso de discurso relatado em estilo direto ou indireto, o que caracteriza o fenômeno da polifonia. Além disso, o fenômeno da polifonia decorre de um aspecto básico facilmente observável em charges: a presença de locutores-personagem no plano visual. Constatamos que o uso de

locutores-personagem foi a maneira mais comum (94,7% do total de ocorrências) utilizada pelo locutor-chargista para ativar o fenômeno da polifonia de locutores em charges de nosso *corpus*. Essa alta proporção percentual de ocorrências no *corpus* sinaliza para nós que a polifonia enunciativa, notadamente, a de locutores, constitui um aspecto central na construção de sentidos do gênero charge e pode ser entendida, conforme aponta nossa hipótese de pesquisa, como um elemento constitutivo do estilo linguístico do gênero charge.

Também, por apresentar um humor caracteristicamente crítico e irônico que envolve a paródia e satirização de certos discursos, personagens ou acontecimentos, a charge está particularmente inclinada a ser um texto valorativo e repleto de avaliações modais. A modalização discursiva ocorre, na charge, pois, ao recuperar uma declaração feita por certo político ou personalidade pública ou fazer alusão a determinados fatos sociais ocorridos, o locutor-chargista posiciona-se valorativamente em relação a eles, ora qualificando-os avaliativamente, ora alterando o valor epistêmico do enunciado, ora atribuindo um caráter deôntico a alguma informação ou declaração presente no texto. A forte recorrência (83,4%) desse fenômeno em nosso *corpus* de charges políticas sinaliza para nós que a modalização discursiva, notadamente, a avaliativa, também constitui um aspecto central na construção de sentidos do gênero charge e pode ser entendida, conforme aponta nossa hipótese de pesquisa, como um elemento constitutivo do estilo linguístico desse gênero.

Conforme intentamos demonstrar nas análises providas ao longo deste trabalho, os fenômenos da polifonia enunciativa e da modalização discursiva, apesar de serem autônomos semanticamente falando, recorrentemente, trabalham em conjunto (coocorrem) e estabelecem relações de associação dentro do texto, de modo que se faz proveitosa uma análise que observe as interações e os pontos de articulações estabelecidos entre eles. A combinação polifonia (Locutores, Enunciadores, Intertextualidade e SE-Locutor) atuando em conjunto com a modalização discursiva (Avaliativa, Epistêmica e Deôntica) esteve presente em 69,5% charges do *corpus*. Acreditamos que isso é um indício de que o processo de produção de sentidos e construção da argumentação no gênero charge é perpassado pela atuação simultânea e combinada de diversos fenômenos semântico-argumentativos.

Pelos motivos apresentados até então e pelas das análises realizadas no capítulo “*A construção da argumentação em charges políticas*”, julgamos ser factível a hipótese de que os fenômenos semântico-argumentativos da Polifonia de Locutores e da Modalização discursiva caracterizam-se, realmente, como elementos constitutivos do estilo linguístico do

gênero charge. cremos que a própria constituição do gênero faz com que a polifonia e a modalização sejam elementos fundamentais para o estilo linguístico da charge, sendo utilizados pelo locutor-chargista para dar direcionamento discursivo ao texto chágico em razão de determinadas conclusões.

Por fim, esperamos que a investigação da coocorrência de fenômenos argumentativos não pare aqui, mas que, a partir deste trabalho, outros possam vir para complementá-lo, contemplando aspectos que não podem ser abordados em apenas uma investigação. Reconhecemos as dificuldades e limites da abordagem por nós adotada. Ao termos escolhido o estudo de múltiplos fenômenos em simultâneo como recorte de análise – em vez de apenas um único fenômeno polifônico – sabíamos que se complexificariam grandemente a construção das análises e a apresentação dos resultados de pesquisa.

No entanto, pelo fato de a coocorrência de fenômenos semântico-argumentativos ser um fator pouco explorado até então nos trabalhos da área, preferimos demonstrar como esses múltiplos fenômenos podem trabalhar em conjunto para construir a argumentação dentro do texto chágico. Além disso, não tínhamos como pretensão aprofundar-nos em demasia, de modo a abordar minuciosamente cada fenômeno argumentativo – como muitos trabalhos na área já costumeiramente fazem.

Acreditamos que o tipo de análise por nós utilizado durante a realização deste trabalho é relevante e pode trazer contribuições significativas para o estudo da argumentação no gênero discursivo em questão. Esperamos também que nossa pesquisa tenha evidenciado a existência do importante fenômeno da coocorrência de estratégias e recursos argumentativos linguísticos, abrindo horizontes de pesquisas futuras que possam corroborar ou confrontar os resultados apresentados aqui por nós.

Apesar do caráter limitado e breve dessa investigação – pela quantidade de charges coletadas e temáticas textuais analisadas – acreditamos que este trabalho poderá atuar como um indicador de quais fenômenos e estratégias semântico-argumentativas são utilizadas com mais frequência no gênero charge. É sabido que, quando muitos estudos apontam para os mesmos resultados, há grande probabilidade de se comprovar a exatidão dos dados de determinada investigação (NASCIMENTO, 2018). Por conseguinte, cremos que os apontamentos feitos, bem como os dados aqui levantados poderão ser investigados por estudos adicionais no futuro, de modo a verificar e traçar mais assertivamente a estrutura e o funcionamento deste complexo gênero discursivo que é a charge jornalística.

REFERÊNCIAS

ANSCOMBRE, Jean-Claude. Auteur d'une définition linguistique des notions de voix collective et de on-locuteur. *Recherches Linguistique*, n. 31, p. 29-64, 2010.

ARBACH, Jorge. *O fato gráfico: o humor gráfico como gênero jornalístico*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação. Jornalismo e Linguagem). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, M. Os gêneros discursivos. In: Bakhtin. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979], pp. 279-303.

BARBISAN, Leci. Semântica Argumentativa. In: FERRAREZI, Celso; BASSO, Renato (orgs.). *Semântica, Semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013.

CAGNIN, Antônio Luiz. *Os quadrinhos*. São Paulo : Ática, 1975.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios modalizadores. IN: ILARI, Rodolfo (org.) *Gramática do Português Falado*. Vol. II: Níveis de Análise Lingüística. 2ª Edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão técnica de tradução Eduardo Guimarães. Campinas SP: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. *Polifonia y argumentación: Conferências del Seminario Teoría de La Argumentación y Análisis del Discurso*. Cali: Universidade del Valle, 1988.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2004.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paul: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Ângela Paiva Dionísio, Ana Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra (Orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais no ensino de língua. In: Marcuschi. *Produção de texto, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 3ª Ed. rev. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. A polifonia nos gêneros acadêmicos e formulaicos: a construção de sentidos a partir da evocação da palavra alheia. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 50, n. 3, p. 342-351, jul.-set. 2015.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. *Jogando com as vozes do outro: argumentação na notícia jornalística*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Gêneros Jornalísticos na sala de aula: desenvolvendo habilidades leitoras. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (org.). *Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do; SILVA, Joseli Maria da. O Fenômeno da Modalização: estratégia semântico-argumentativa e pragmática. In: NASCIMENTO, E. P. (org.). *A Argumentação na Redação Comercial e Oficial*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

NASCIMENTO, Hugo. *Estratégias semântico-argumentativas e enunciativas em charges sobre o processo de impeachment*. João Pessoa: UFPB, 2017 (Relatório de pesquisa PIBIC).

NASCIMENTO, Hugo Fernando da Silva. *O fenômeno semântico-argumentativo da polifonia de locutores em reportagens sobre política*. Trabalho de conclusão de curso em letras. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2018.

PACHECO, Gustavo de Britto Freire. *Retórica e nova retórica: a traição grega e a teoria da argumentação de Chaim Perelman*. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 1997. Disponível em: <http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/25334-25336-1-PB.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2020.

PASSETTI, Maria Célia Cortêz. *O discurso irônico: análise da argumentação irônica em textos opinativos da Folha de S. Paulo*. Assis, 1995. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, 1995.

PERELMAN, Chaïm. *Retóricas*. 2ª edição. Trad. De Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fortes, 1999.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge Jornalística: polifonia e intertextualidade*. MaringáMaringá: Eduem, 2000.

SILVA FILHO, Vicente. *Polifonia - Caminhos cruzados*. São Paulo, 1987. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas: Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987.

SWALES, J. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Apêndice: Catalogação dos textos do *corpus* e esquematização dos fenômenos encontrados

Charge 01

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem) + L3 (locutor-personagem)
carro de som

PE: Negação polêmica: Não



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 27/08/2018

Charge 02

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem)

PE: Negação polêmica: Não; Negação polêmica: nem; Negação polêmica: nem



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 13/05/2019

Charge 03

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 motorista (locutor-personagem)

PE: Negação polêmica: não

Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/08/2019

Charge 04

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem)

PE: Negação polêmica: não

MD: Avaliativo: expressão “Não vou com a cara de ...”,

Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 27/08/2018

Charge 05

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem)

PE: Pressuposição: expressão iterativa “de novo”

MD: Epistêmico quase-asseverativo: poder



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
 Consulta: 27/08/2018

Charge 06

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 assessor (locutor-personagem) + L3 político (locutor-personagem)

PE: Pressuposição: Marcador de continuidade de estado “ainda”

MD: Avaliativo: bem; Avaliativo: bonito; Deontico de obrigatoriedade: vou mandar:



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
 Consulta: 29/10/2018

Charge 07

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 eleitor (locutor-personagem)

PE: Negação polêmica: não; Pressuposição: verbo de permanência de estado: continuar

MD: Deôntico proibitivo: Não podemos



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 29/10/2018

Charge 08

PE: Negação polêmica: Não; Operador argumentativo: apenas

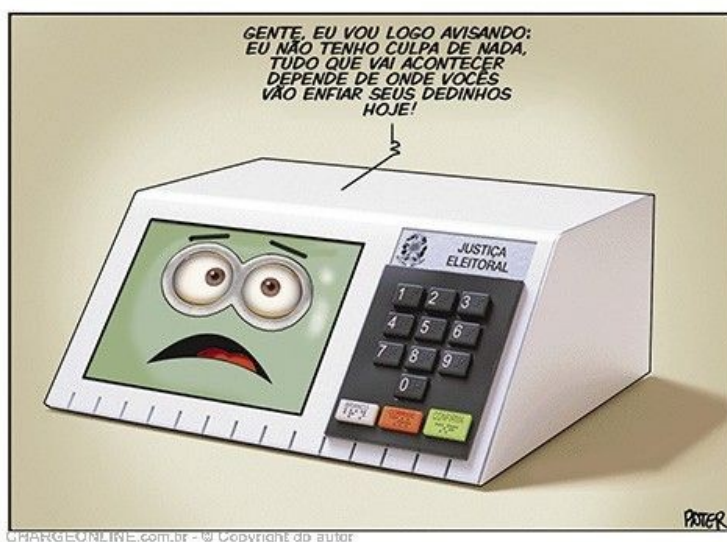


Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 29/10/2018

Charge 09

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 urna eletrônica (locutor-personagem)

PE: Negação polêmica: não



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
 Consulta: 29/10/2018

Charge 10

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem)

PE: Negação polêmica: não

MD: Epistêmico asseverativo: não sabe



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
 Consulta: 30/10/2018

Charge 11

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem)

PE: Negação polêmica; Operador argumentativo: JÁ



www.https://www.chargeonline.com.br/
Consulta:30/10/2018

Fonte:

Charge 12

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 motorista (locutor-personagem)

MD: Deôntico proibitivo: Não deixe.



Fonte: www.https://www.chargeonline.com.br/
Consulta:30/10/2018

Charge 13

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 motosserra (locutor-personagem)

PE: Negação polêmica: não



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
 Consulta: 01/11/2018

Charge 14

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 motorista (locutor-personagem) + L3 (mecânico)

PE: Negação polêmica: não; operador argumentativo: mas; Pressuposição: verbo de permanência de estado: Continuar

MD: Põe (na marcha a ré): deôntico de obrigatoriedade



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges>
 Consulta: 02/12/2018

Charge 15

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem)

PE: Operador argumentativo: Já.

Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 01/11/2018

Charge 16

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem)

PE: Pressuposição: marcador de (mudança de estado): agora

Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 23/02/2019

Charge 17

MD: Deontico proibitivo: Não falar muito; Deontico proibitivo: Não dar declarações;
Deontico proibitivo: Não tuitar; Deontico proibitivo: Não postar no facebook; Deontico
proibitivo: Não assinar nada; Deontico proibitivo: Não atrapalhar o governo.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 26/03/2019

Charge 18

PE: Negação polêmica: não

MD: Deontico de obrigatoriedade: OLHA



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 13/05/2019

Charge 19

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem)+ Estilo direto de L3 Jair M. Bolsonaro (locutor externo): “*Alemanha tem muito a aprender com o Brasil*”



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/08/2019

Charge 20

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem) + Estilo indireto de L3 BOZONARO/ Bolsonaro (locutor externo): *Passar fome no Brasil é uma grande mentira*
MD: Avaliativo: grande; Avaliativo: mentira; Avaliativo: mentiroso; Deônico de obrigatoriedade: fica (quieto)



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/08/2019

Charge 21

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 pesquisador (locutor-personagem) + L3 pesquisado (locutor-personagem)

MD: Avaliativo: estranha.



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges>

Consulta: 13/05/2019

Charge 22

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 com chapéu (locutor-personagem) + L3 sem chapéu (locutor-personagem)

SE-L: “Já tão falando” que teve sua fala introduzida em estilo indireto: *Não nasceu pra ser presidente.*

PE: Negação polêmica: não; Operador argumentativo: JÁ

MD: Avaliativo: COMUNISTA



CHARGEONLINE.com.br - © Copyright do autor

Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 13/05/2019

Charge 23

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem ajoelhado (locutor-personagem) + L3 mulher de vestido roxo (locutor-personagem) + L4 filho (locutor-personagem) + L5 mãe (locutor-personagem) + L6 mendigo (locutor-personagem) + L7 homem em pé (locutor-personagem) + L8 homem carro laranja (locutor-personagem) + L9 homem carro cinza (locutor-personagem)



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 13/05/2019

Charge 24

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 senhora sentada (locutor-personagem) + L3 Sujeito na televisão (locutor-personagem)

INT (captação): recupera a declaração de Bolsonaro sobre não ter nascido para ser presidente

PE: Negação polêmica: não (1º)



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 13/05/2019

Charge 25

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 (personagem da esquerda) + L3 (personagem da direita)+
Estilo indireto de L4 Bolsonaro (locutor externo): *A reformada previdência é pra ajudar os pobres.*

MD: Avaliativo: expressão “pobre de nós”.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 13/05/2019

Charge 26

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem baleado (locutor-personagem) + L3 Bolsonaro (locutor-personagem)+ Negação metalinguística: não



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 23/02/2019

Charge 27

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem)

PE: Pressuposição: verbo de mudança de estado: conseguir

INT (captação): Acabou a mamata, bordão repetido por Bolsonaro.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 23/02/2019

Charge 28

PL: L1 (locutor-chargista) + Estilo direto de L2 Bolsonaro (locutor externo): “É horrível ser patrão no Brasil”

MD: Avaliativo: horrível



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/12/2018

Charge 29

PL: L1 (locutor-chargista) + Estilo direto de L2 Bolsonaro (locutor externo): “*Muito, mas muito mais grave que a corrupção é a questão ideológica vocês sabem muito bem disso*” + L3 Rato à esquerda (locutor-personagem) + L4 Rato ao centro (locutor-personagem) + L5 rato à direita (locutor-personagem)

MD: Avaliativo: petralhas; Epistêmico asseverativo: toda a expressão “muito,mas muito mais grave”.

Fonte:



Charge 30

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 político 01, da esquerda para a direita (locutor-personagem)+ L3 político 02 (locutor-personagem) + L4 político 03 (locutor-personagem)+L5 político 04 (locutor-personagem)+ L6 político 05 (locutor-personagem)

PE: Operador argumentativo: JÁ

MD: Avaliativo: “(ficha) suja”, Avaliativo: “(ficha) limpa”, Avaliativo:(o mais ficha) limpa; Deônico volitivo: quer



Charge 31

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem) + L3 Lula (locutor-personagem)

PE: negação polêmica: não

MD: Avaliativo: Plágio; Epistêmico asseverativo: Saber (forma negativa).

INT (captação): PT aciona o TSE contra fake news no whatsapp é o título de uma notícia específica que foi captada por L1.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 30/10/2018

Charge 32

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem em pé (locutor-personagem) + L3 homem sentado (locutor-personagem) + negação metalinguística: não

MD: Avaliativo: legal; Epistêmico asseverativo: Decidiu

SE-L: "Nosso grupo" introduzido por *dicendi* (Decidiu) em estilo indireto: *apostar na sua candidatura!*



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 30/10/2018

Charge 33

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 idosa (locutor-personagem) + L3 menino (locutor-personagem)

SE-L: “45. 900.000 brasileiros (37% dos eleitores)” introduzido por *dicendi* (dizem) em estilo indireto: *querem votar no Lula* + SE-L “o Moro mais aqueles 3 juízes (4 pessoas)” introduzido por *dicendi* (dizem) em estilo indireto: *não pode*.

PE: Negação Polêmica: Não

MD: Deôntico volitivo: Querer; Deôntico proibitivo: Não pode



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 30/10/2018

Charge 34

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem) + L3 Haddad (locutor-personagem) + L4 Ciro Gomes (locutor-personagem) + L5 Geraldo Alckmin (locutor-personagem) + L6 Marina Silva (locutor-personagem)



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 30/10/2018

Charge 35

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 fiel à esquerda (locutor-personagem) + L3 fiel à direita (locutor-personagem)

MD: Avaliativo: errado; Avaliativo: certo; Deôntico volitivo: Quero (muito estar errado); Deôntico volitivo: Quero (muito estar certo); Deôntico volitivo: toda a sentença “Que o senhor o ilumine”.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 30/10/2018

Charge 36

SE-L: “Vou votar no Bolsonaro para acabar com o PT”, todo o enunciado entre aspas é um vago e coletivo que não é atribuído a nenhuma fonte específica, as aspas servem para expressar distanciamento.



CHARGEONLINE.com.br - Copyright do autor

Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 29/10/2018

Charge 37

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem à esquerda (locutor-personagem) + L3 homem à direita (locutor-personagem)

SE-L: “PT” introduzido em estilo indireto: *Fernando Haddad como candidato à presidência no lugar de Lula.*

INT (Captação): O título da charge é o título de uma notícia específica que foi captada.

PE: Operador argumentativo: mas; Negação polêmica: não

MD: Epistêmico asseverativo: confirma; Epistêmico asseverativo: saber; Deontico de obrigatoriedade: mandou:



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 29/10/2018

Charge 38

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 entrevistador (locutor-personagem) + L3 entrevistado (locutor-personagem)

MD: Epistêmico asseverativo: saber (forma interrogativa)



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 06/09/2018

Charge 39

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem na televisão (locutor-personagem) + L3 telespectador (locutor-personagem)

PE: Operador argumentativo: Já

MD: Avaliativo: praga. Epistêmico asseverativo: Vou acabar (com a violência); Epistêmico asseverativo: vou acabar com o desemprego; Epistêmico asseverativo: Vou acabar (com a inflação); Epistêmico asseverativo: Vou acabar (com você...)



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 05/07/2018

Charge 40

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Pastor Robualdo Franco (locutor-personagem) + L3 Irmão Hilário Pinto (locutor-personagem) + L4 Missionária Nazarena da Silva (locutor-personagem)

MD: Vinde (a mim): Deontico de obrigatoriedade

INT (Captação): O título da charge é o título de uma notícia específica que foi captada.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 27/07/2018

Charge 41

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem de paletó (locutor-personagem) + L3 homem com garrafa na mão (locutor-personagem)

PE: Operador argumentativo: Só

MD: Avaliativo: Bom!; Avaliativo: besteira



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 07/08/2018

Charge 42

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem no barril (locutor-personagem) + L3 deputado Rodrigo Maia (locutor-personagem)

MD: Avaliativos: comum; Avaliativo: notórios; Avaliativo: heroicos; Avaliativo: privilégio;

Avaliativo: maior; Deontico de obrigatoriedade: Reivindico; Deontico volitivo: Quer (forma interrogativa)



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/08/2018

Charge 43

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Entrevistador (locutor-personagem) + L3 Bolsonaro (locutor-personagem)

MD: Deôntico de obrigatoriedade: Mata!!!, Deôntico de obrigatoriedade: Desmata!!!; Avaliativo: Primata; Avaliativo: mamata.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 20/08/2018

Charge 44

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem à esquerda (locutor-personagem + L3 homem à direita (locutor-personagem)

PE: Operador argumentativo: Só

MD: Epistêmico quase-asseverativo: Achar



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 20/08/2018

Charge 45

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 político (locutor-personagem) + L3 filho (locutor-personagem) + L4 mãe (locutor-personagem)

PE: Pressuposição: verbo de mudança de estado: Começou

MD: Votem: Deôntico de obrigatoriedade.



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges>
Consulta: 13/05/2019

Charge 46

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem)



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges>
Consulta: 13/05/2019

Charge 47

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Temer (locutor-personagem)

MD: Avaliativo: Pouquinho.



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges>

Consulta: 13/05/2019

Charge 48

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem à esquerda (locutor-personagem) + L3 mulher ao centro (locutor-personagem) + L4 homem à direita (locutor-personagem)

PE: Negação polêmica: não; Pressuposição: Marcador de continuidade de estado “ainda”

MD: Avaliativo: Errado; Deontico proibitivo: Não posso; Epistêmico quase-asseverativo: parece que



Fonte: <https://www.chargeonline.com.br/>

Consulta: 13/05/2019

Charge 49

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem à esquerda (locutor-personagem) + L3 homem à direita (locutor-personagem)

MD: Deôntico proibitivo: Parem



CHARGEONLINE.com.br - © Copyright do autor

Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 13/05/2019

Charge 50

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem)

SE-L: “MEC” introduzido por L1: *avaliar educação*.

MD: Soletre: Deôntico de obrigatoriedade; Epistêmico asseverativo: Promete (verbo dicendi modalizador)

MEC PROMETE AVALIAR ALFABETIZAÇÃO...



CHARGEONLINE.com.br - © Copyright do autor

Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 13/05/2019

Charge 51

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem)

MD: Avaliativo: Destruiu



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 13/05/2019

Charge 52

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem)

MD: Decretar: Deontico de obrigatoriedade



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 13/05/2019

Charge 53

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 mulher (locutor-personagem) + L3 Bolsonaro (locutor-personagem)



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 13/05/2019

Charge 54

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 com cabelo (locutor-personagem) + L3 careca (locutor-personagem)
MD: Avaliativos: enganou; Avaliativo: importante; Epistêmico quase-asseverativo: acho que

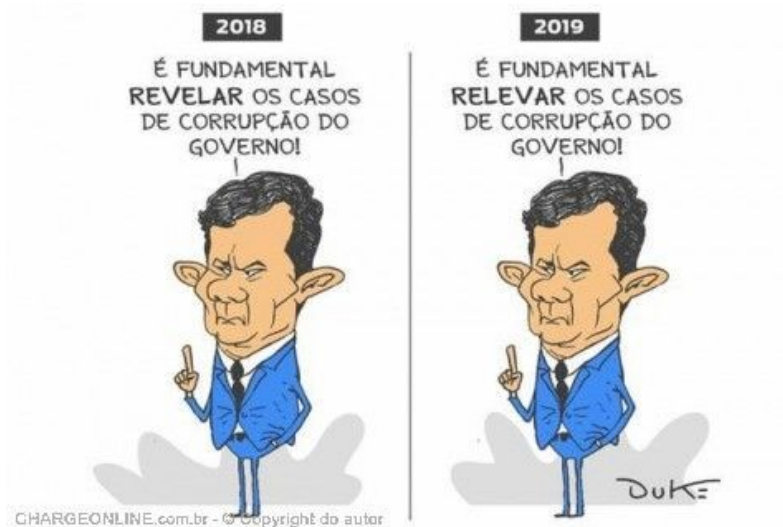


Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 23/02/2019

Charge 55

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Sergio Moro (locutor-personagem)

MD: Avaliativo: Relevar; Avaliativo: revelar; Avaliativo: fundamental.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 23/02/2019

Charge 56

INT (subversão): estamos todos no mesmo barco



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 22/02/2019

Charge 57

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem de terno azul (locutor-personagem) + L3 Bolsonaro (locutor-personagem)

MD: Deôntico de obrigatoriedade: Tem que; Deôntico volitivo: Quero!; Avaliativo: cacete



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/12/2018

Charge 58

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 voz televisiva (locutor-personagem)+ L3 alienígena à esquerda (locutor-personagem)+ L4 alienígena à direita (locutor-personagem)

PE: Negação polêmica: não

MD: Deôntico volitivo: Quer;; Deôntico de obrigatoriedade: Requer



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/12/2018

Charge 59

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem)

MD: Deôntico de possibilidade: Pode



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 02/12/2018

Charge 60

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem)

MD: Calma: Deôntico de obrigatoriedade



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 02/12/2018

Charge 61

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem)



CHARGEONLINE.com.br - © Copyright do autor

Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 02/12/2018

Charge 62

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 urna (locutor-personagem) + L3 eleitor (locutor-personagem)

MD: Avaliativo: racista; Avaliativo: ladrão; Avaliativo: preso; Avaliativo: "parpiteira"; Avaliativo: foda.



CHARGEONLINE.com.br - © Copyright do autor

Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 30/10/2018

Charge 63

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Dilma (locutor-personagem) + L3 Bolsonaro (locutor-personagem)

MD: Deôntico volitivo: Cuidado



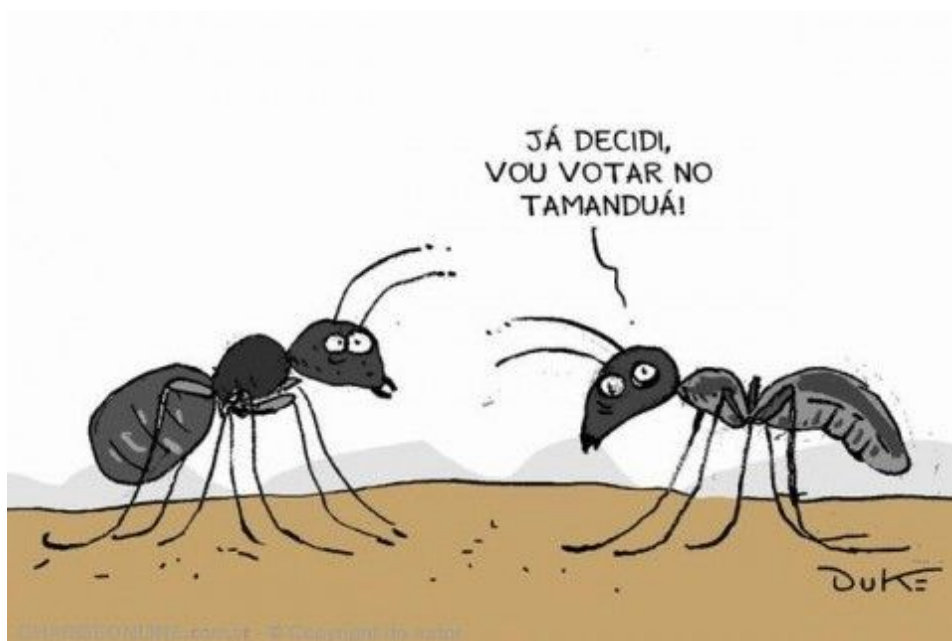
Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 30/10/2018

Charge 64

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 formiga (locutor-personagem)

PE: operador argumentativo: Já



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 30/10/2018

Charge 65

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Temer (locutor-personagem)

MD: Deônico volitivo: Cuidado; Deônico volitivo: expressão “tomara que ...”



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 30/10/2018

Charge 66

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem de verde (locutor-personagem) + L3 homem de amarelo (locutor-personagem) + negação metalinguística

PE: Operador argumentativo: Já; Operador argumentativo: Só

MD: Epistêmico quase-asseverativo: Acredito



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 30/10/2018

Charge 67

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem)

MD: Avaliativo: consciente; Avaliativo: a expressão “não tem culpa”; Deôntico volitivo: Chora (não)

URNA CONSCIENTE



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 30/10/2018

Charge 68

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 criança (locutor-personagem) + L3 adulto (locutor-personagem)

PE: operador argumentativo: Só

MD: Deôntico de obrigatoriedade: Fique (tranquilo); Avaliativo: bem; Avaliativo: mais; Avaliativo: rápida;
Avaliativo: problema; Avaliativo: bobagem.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 29/10/2018

Charge 69

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem) + L3 morador de rua (locutor-personagem)

PE: operador argumentativo: Só;

MD: Deôntico de obrigatoriedade: aperta(a mão aqui); Deôntico de obrigatoriedade: Sai (fora); Avaliativo: a expressão “só serve (é pra votar)”;



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 29/10/2018

Charge 70

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem loiro (locutor-personagem) + L3 homem de cabelo escuro (locutor-personagem)

PE: negação polêmica: nem; operador argumentativo: MAS

MD: Deôntico de obrigatoriedade: (Você) precisa; Avaliativo: despreparado; Avaliativo: ignorante;

Avaliativo: homofóbico; Avaliativo: xenofóbico; Avaliativo: machista; Avaliativo: corrupto; Avaliativo: violento.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 27/10/2018

Charge 71

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem)

PE: Negação polêmica

MD: Avaliativo: destruída; Avaliativo: importa.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/08/2019

Charge 72

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 político (locutor-personagem + L3 telespectador (locutor-personagem)

PE: Operador argumentativo: Pelo menos

MD: Avaliativo: sincero; Epistêmico asseverativo: Vou acabar (promessa)



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges>

Consulta: 13/05/2019

Charge 73

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Político NãoSei (locutor-personagem)

PE: negação polêmica: Não (1º); negação polêmica: Não (3º); negação polêmica: Não (4º); negação polêmica: Não (5º); negação polêmica: Não (6º)

INT (Captação): O título da charge é o título de uma notícia específica que foi captada.

MD: Epistêmico asseverativo: Não sabem (em quem votar); Epistêmico asseverativo: (eu) não sei; Epistêmico asseverativo: não sei (o que vou fazer com a segurança); Epistêmico asseverativo: não sei (o que vou fazer com a saúde); Epistêmico asseverativo: não sei (o que vou fazer com a economia); Epistêmico asseverativo: (os outros candidatos também) não sabem.



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges>

Consulta: 13/05/2019

Charge 74

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 pessoa de cabelo vermelho (locutor-personagem) + Estilo indireto de L3 Dirceu (locutor externo): *Se o PT não ganhar, vai ter golpe* + Estilo indireto de L4 Mourão (locutor externo): *Se ganhar, vai ter golpe*.

MD: Avaliativo: golpe; Avaliativo:dilema



Fonte: www.chargeonline.com.br/

Consulta: 13/05/2019

Charge 75

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 frango branco (locutor-personagem) + L3 frango laranja (locutor-personagem)

PE: negação polêmica: não

MD: Avaliativo: Não gosto; Avaliativo: frito; Avaliativo: assado; Avaliativo: cozido.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 13/05/2019

Charge 76

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 eleitor (locutor-personagem)

PE: Operador argumentativo: mas



Fonte: www.https://www.chargeonline.com.br/
Consulta: 29/10/2018

Charge 77

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 menino (locutor-personagem)

PE: Operador argumentativo: Só; operador argumentativo: Já

MD: Avaliativo: atacar



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 07/08/2018

Charge 78

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 carrasco (locutor-personagem)

INT (subversão): recupera a fala de Mourão (L3): Não é corte, é contingenciamento!

PE: negação polêmica: não

MD: Deôntico de obrigatoriedade: Fica tranquilo!; Avaliativo: corte; Avaliativo: contingenciamento.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/08/2019

Charge 79

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Jair Bolsonaro (locutor-personagem) + L3 Davi Alcolumbre (locutor-personagem) + L4 Rodrigo Maia (locutor-personagem) + L5 Dias Toffoli (locutor-personagem)

INT (subversão): Um por todos, todos por um



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 20/08/2019

Charge 80

SE-L: O Ministério da Saúde introduzido por verbo *dicendi* modalizador em estilo indireto: *O ódio faz mal à saúde vote com moderação*

INT (2 captações com leves alterações): É uma paródia de uma advertência formal (ou propaganda) do Ministério da Saúde: Fumar faz mal à saúde + Captação do intertexto “Beba com moderação” que foi levemente alterado para “vote com moderação”: Além disso, há intergenericidade (forma estrutural do gênero Advertência, mas com função comunicativa de charge)

MD: Avaliativo: Mal; Avaliativo: adverte; Deontico de obrigatoriedade: Vote.



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges>
Consulta: 13/05/2019

Charge 81

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem)

INT (subversão): Faz referência a fala de Mourão (L3)

PE: negação polêmica: não

MD: Avaliativo: Corte; Avaliativo: contingenciamento



CHARGEONLINE.com.br - © Copyright do autor

Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/08/2019

Charge 82

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem)



CHARGEONLINE.com.br - © Copyright do autor

Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/08/2019

Charge 83

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem)

INT (subversão): Minha arma, sua vida é uma paródia de minha casa, minha vida.

MD: Avaliativo: falência; Avaliativo: chega de. Deontico de obrigatoriedade: Defenda-se.



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges>

Consulta: 13/05/2019

Charge 84

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem) + L3 ministra Damarens (locutor-personagem)

MD: Avaliativo: simples; Deontico de obrigatoriedade: (menino) veste; Deontico de obrigatoriedade: (menina) veste)

INT (subversão): fala da Ministra Damaris sobre menino vestir azul e menina, rosa; Captação: O título da charge é o título de uma notícia específica que foi captada.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/08/2019

Charge 85

INT (subversão): dizer “Desculpe-nos o transtorno, estamos em obras”

MD: Deôntico volitivo: desculpe; Avaliativo: transtorno



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 22/02/2019

Charge 86

INT (subversão): #EleNão ironia



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 01/11/2018

Charge 87

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 policial (locutor-personagem) + estilo direto de L3 Sócrates (locutor externo): “*Só sei que nada Sei*”

INT (Captação): O título da charge é o título de uma notícia específica que foi captada.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 20/08/2019

Charge 88

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 alienígena (locutor-personagem)

MD: Avaliativo: imbatíveis



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 29/10/2018

Charge 89

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 indivíduo (locutor-personagem)

MD: avaliativo: delicadas



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/08/2019

Charge 90

INT (captação): #JUIZLADRÃO

MD: Avaliativo: Ladrão



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/08/2019

Charge 91

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem)

PE: Pressuposição: marcador de (mudança de estado): agora

MD: Avaliativo: tão; Avaliativo: ruim



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/08/2019

Charge 92

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Paulo Guedes (locutor-personagem)

PE: Operador argumentativo: Só



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/08/2019

Charge 93

MD: Avaliativo: (CN)PQP

INT (captação): O título da charge é o título de uma notícia específica que foi captada.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 20/08/2019

Charge 94

PE: Negação Polêmica: Homofonia causa E1 e E2: Cem dias de governo – o governo está trabalhando// Sem dias de governo – o governo não está trabalhando

MD: Avaliativo: Sem



CHARGEONLINE.com.br - Copyright do autor

Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 13/05/2019

Charge 95

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 marido (locutor-personagem) + L3 esposa (locutor-personagem)

MD: Deônico volitivo: compra



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 13/05/2019

Charge 96

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 interno (locutor-personagem)

INT (Captação): O título da charge é o título de uma notícia específica que foi captada.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 13/05/2019

Charge 97

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 entrevistador (locutor-personagem) + L3 entrevistado (locutor-personagem)

PE: Pressuposição: Marcador de continuidade de estado “ainda”



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/charges>

Consulta: 15/05/2019

Charge 98

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 entrevistado (locutor-personagem)

MD: Avaliativo: favorável



Fonte: www.chargeonline.com.br/

Consulta: 23/02/2019

Charge 99

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 homem (locutor-personagem)



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 13/05/2019

Charge 100

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 comerciante (locutor-personagem)

MD: Deôntico de possibilidade: Posso



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 23/02/2019

Charge 101

MD: Avaliativo: a expressão “anda pra trás”

INT (subversão) de caranguejo que anda para trás



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 26/03/2019

Charge 102

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem)

INT (Subversão): Paródia da frase célebre de Dom Pedro I



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 22/02/2019

Charge 103

PE: Operador argumentativo: OU ativando dois pontos de vistas (conclusões)

INT (captação com leve alteração) de morrer de trabalhar para trabalhar até morrer



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 22/02/2019

Charge 104

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Temer (locutor-personagem)

MD: Deônico de obrigatoriedade: Tem que

INT (captação): O título da charge é o título de uma notícia específica que foi captada.; Captação: A fala de o personagem Temer é intertextual a uma declaração feita por Temer durante a investigação da Lava-Jato



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 02/12/2018

Charge 107

PL: L1 (locutor-chargista) + Estilo direto de L2 Bolsonaro (locutor externo): “*A questão ideológica é muito mais grave que a corrupção*” + L3 rato (Locutor-personagem)

MD: Avaliativo: Liberou



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 02/12/2018

Charge 108

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem) + L3 mulher (locutor-personagem)

MD: Deôntico de obrigatoriedade: Cala (a boca); Epistêmico quase-asseverativo: Pode

INT (subversão): Mito da caverna



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 02/12/2018

Charge 109

MD: Avaliativo: desmatamento



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 20/08/2019

Charge 110

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 militar (locutor-personagem)

PE: Pressuposição: marcador de (mudança de estado): A partir de hoje

MD: Avaliativo: doutrinação. Deontico de obrigatoriedade: abram; Deontico de obrigatoriedade: escrevam.; Deontico de proibição: Expressão "Nada mais de..."



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 01/11/2018

Charge 111

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem)

MD: Epistêmico quase-asseverativo: pode; Epistêmico asseverativo: mesmo; Deôntico de obrigatoriedade: Vou mandar



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 30/10/2018

Charge 112

SE-L: Um dizer genérico coletivo (retratado pelo Brasil) introduzido por L1: *Acho que antes de escolher um novo capitão, a gente tinha de consertar o GPS!*

MD: Epistêmico quase-asseverativo: acho. Deôntico de obrigatoriedade: tinha



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 30/10/2018

Charge 113

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 político (locutor-personagem)

PE: Pressuposição: verbo de permanência de estado “Continuar”

MD: Deôntico de obrigatoriedade: Preciso



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 06/09/2018

Charge 114

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 voz da televisão (locutor-personagem)

MD: Avaliativo: Sério



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 06/09/2018

Charge 115

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 apresentadora (locutor-personagem)

SE-L: TSE introduzido em estilo indireto pelo *dicendi* (decretar): *o início da votação será depois do Bom dia Brasil, e a contagem dos votos, depois da novela das nove*

MD: Deôntico de obrigatoriedade: Decretar



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 07/08/2018

Charge 116

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Moro (locutor-personagem) em estilo indireto: *Caixa 2 não é corrupção*

PE: Negação polêmica: não

MD: avaliativo: corrupção



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)

Consulta: 23/02/2019

Charge 117

PL: L1 (locutor-chargista) + L2 Bolsonaro (locutor-personagem)

INT (captação): Direita, Volver

MD: Deôntico de obrigatoriedade: Volver!; Avaliativo: Ordinário.



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 30/10/2018

Charge 118

MD: Avaliativo: acima; Avaliativo: em cima

INT (subversão): Brasil acima de todos e o Trump em cima de nós do slogan presidencial de Bolsonaro



Fonte: [www.https://www.chargeonline.com.br/](https://www.chargeonline.com.br/)
Consulta: 02/12/2018